3 1761 06974504 0

[illegible]

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/manhsenoites00mach

MANHÃS E NOITES

Typographia Lisbonense — Largo de S. Roque, 7.

MANHÃS E NOITES

POR

JULIO CESAR MACHADO

LISBOA
LIVRARIA MODERNA — EDITORA
56, Calçada do Carmo, 56
1873

PQ
9261
M25M3

LIBRARY
APR 7 1963
UNIVERSITY OF TO

OS MONTES

Estão ali no seu mundo, as pastoras!

Nenhum piso lhes parece melhor que o da erva sacudida do vento, queimada do sol.

Gostam do musgo meio sêcco e das urzes que se enraizam nas fendas do roccado.

Aspiram com delicia o aroma das plantas serranas, que os temporaes enrijam.

Mal avistam as aldêas, que ficam n'uma distancia de que já não ha côres nem formas; parecem-lhes sombras, os povoados, ao longe, a banhar-se n'uma tinta azulada...

Parecem desligar-se do solo, suspensas entre o monte e o céo.

Curva-se-lhes a relva debaixo do pé comprido e delgado. Ha força graciosa quasi sempre no todo d'ellas; ha voluptuosidade, ha phantasia na doçura d'aquelles olhos, que resguardam o fogo nas

palpebras longas e assedadas. O feitio da bocca tem um tom apaixonado e callido. Ha rayos scintilantes, ha reflexos morbidos n'esses rostos; e como que uma luz doirada, certo ardor irritante n'aquelles cabellos que fogem ao lenço que quer prendel-os, e se espalham á mercê do vento dos montes.

Teem a pelle trigueira; levemente, mas morena um pouco. É porque o sol as acha bonitas, e as queima de beijos!

Ali estão sósinhas uma larga tarde, um dia inteiro ás vezes.

Ninguem lá vae; ninguem lá sabe ir; mal se percebe até o rastro do caminho...

Não ha medo de que ali surja de subito, como n'outras pastagens, alguma alegre cavalgata, e a estrondosa berraria dos guias, e as vaidades da admiração ruidosa, e a barafunda de amarrar cavallos e desenfardelar as provisões, e os dichotes pesados que se cruzam em occasiões d'essas.

É tudo sereno nos montes, silencioso, grande ao mesmo tempo. A natureza não tem ali um interesse secundario, não se subordina á creatura; não é apenas theatro onde devam figurar heroes e passar-se casos; reina, é senhora, e parece dizer como Medéa:

— Só eu, e basta!

A creatura esquece a creatura; deixa ali a sociedade de ser dogma e religião; sacode-se o jugo.

As pastoras gosam ali da liberdade, conversam com os montes, ouvem d'elles coisas que os homens não sabem dizer... Não conhecem outra coisa senão aquellas montanhas, e aquellas ervas; não

estimam nem querem bem senão ás plantas que conveem ás ovelhas, e ás cabras,—as suas queridas cabrinhas de olhos amarellos, pernita alta, e pello tão basto que parece que andam de capinha preta, parando aqui e ali muito pasmadinhas, sempre com ares de curiosidade e de meiguice, pondo as patinhas no monte, roendo uma silva, pascendo uma flôr d'alfazema, e seguindo depois com a bocca cheia de ervas, empurradas pelas companheiras que vêem de traz, muito direitinhas, a comer e a andar.

Entreteem-se com ellas, com as suas cabrinhas amigas, com ellas vivem, com ellas pensam e fallam, entendendo o que lhe dizem com as suas phisionomias espertinhas, resignadas, tristes, em que brilham de vez em quando relampagos de capricho e de originalidade. Recreiam-se de as vêr nas pastagens a correr quando lhes parece e a mudar de sitio, como uma pequenina matta de chifres por cima de uma nuvem escura.

Conhecem-as de pequenas aquelles montes, e ellas conhecem-os tambem e creem firmemente no poder que elles teem... Vive no cume de um d'elles um espirito melancolico e solitario, que ellas lá sabem, grande, grande, da altura e do feitio de um pinheiro quando serpêa requebrando-se com o vento: tem, por signal, lá em cima, um jardim, de que trata com extremo e onde crescem os perigosos vegetaes que tudo podem...

Ou então está lá em cima a bruxa, que mette medo a todos, ás mulheres principalmente: a bruxa que não é demonio mas que é peior, creatura que teve má sorte á nascença, a quem o baptismo não purificou porque o padrinho e a madrinha a con-

sagraram ao diabo que logo a dotou com prendas. É ella que atormenta e perde; muda-se ás vezes em chuva e em vento, e não ha fugir-lhe, por mais que se calafetem as portas das cabanas, porque passa pelos buracos das fechaduras, atravessa as paredes, anda cem leguas em meia hora. É ella que engendra as doenças para que não ha remedio, é quem arma os pesadêlos, é quem faz as mordeduras na lingua, e quando alguem se arranha a dormir e rasga a pelle com as unhas ou nos alfinetes sendo em cama pregada — é ella... é ella...

Para as pastoras os rocados, as cavernas, as nascentes d'agua, as arvores, tudo tem um deus em si, poderes maleficos ou propicios, que o amor e a vingança, as paixões boas e as más adoram e veneram...

Ellas sabem o segredo de todas aquellas tradições, que nenhum de nós por aqui poderá contar, porque se perde o sentido do symbolo em querendo trazel-o para longe e apaga-se a idéa que se esconde n'elle. Cobrem talvez esses mythos grandes lições com o seu véo transparente; para nós são vestigios pallidos, idéas vagas que mal se entendem: para as pastoras porém os montes são tudo.

É a elles que vão pedir noivo as donzellas: e as esposas o titulo de mãe.

Teem culto, as serras; é lá tambem que vivem, vestidas de branco, coroadas de flôres, as fadas que dão vida ás plantas salutares com que se alivia a dôr e a saudade. Cantam á noitinha, á hora do recolher do gado, e quando lhes parece mudam em fios de seda o linho grosseiro de que

as pastoras se vestem. Por lá crescem as flôres silvestres que espalham pelas quebradas, pelas charnecas, pelo valle, exhalações deliciosas... Diz-se que no ultimo dia de cada anno vão as pastoras esperar as fadas, e perdem ás vezes o rebanho com o sentido n'ellas...

Então,—de umas vezes desce do monte a felicidade, e são as fadas toucadas de rosas que veem ver quem lhes tem querido bem;—de outras vezes, é a desgraça, e são fadas más, que trazem ao collo uma creancinha banhada em lagrimas, de cabecita coberta com um diadema de espinhos negros.

No primeiro caso, as pastoras vão ter noivo e viver contentes n'um casal:—no segundo, hão-de ter fogo na choupana, devorarem-lhe o rebanho os lobos, e morrer-lhes o namorado longe da familia e longe d'ellas.

As pastoras sabem tudo isto e em tudo isto cogitam. Só não pensam talvez, com quanto o saibam, que debalde de repente um dia se perguntará por ellas aos écos d'esses montes, quando ali caír alguma terrivel tempestade, das que nunca deixam n'aquellas paragens senão vestigios de completa devastação. Na manhã d'esse dia nefasto, talvez nenhuma nuvem pareça perturbar a pureza dos ares; e quando olharem para o céo, a ver o que o tempo annuncia, como é costume da gente do campo, enganar-se-hão com a serenidade do horisonte.

D'ali a pouco só se ouvirá o tinir dos chocalhos do gado, meio suffocado pela neve;—e esses brancos flocos serão o lençol em que as pobres pastoras se amortalhem!

[illegible]

NAS PRAIAS

Larga o vapor.

Uns fingem que lêem, e vão a dormir; outros entregam-se a uma alegria, que não tem principio, e que vae acabar... n'um abrimento de bocca.

As conversações são variadas.

— É melhor no tombadilho! diz um entendedor. Á cautela!

Os cautelosos seguem o. Seguem-o sem saber porque, mas a prudencia os guia. São parentes de um, que andava á caça com um sobrinho na Trafaria; o sobrinho leu uma carta, e deitou fóra o sobrescripto. — «Ó rapaz! tu deitas o sobrescripto á estrada?» — «Para que o quero eu?» — «Estás doido. Faze de conta que passa por ahi algum ladrão, que ande a monte; pega do sobrescripto e faz uma buxa para a espingarda, mata um homem em vez de um passaro, acha-se a buxa,

vê-se o teu nome, prendem-te, és accusado de uma morte — «horrivel assassinato» como dizem as folhas publicas; vaes para a Boa Hora, hesitas nas respostas, tu de mais a mais és sanguineo, os jurados vêem-te titubear, espantado, tonto, carregam-te com o maximo da pena, barra fóra por toda a vida — e porque? por um diacho de um sobrescripto atirado á estrada!»

O sobrinho esbogalhava os olhos, sentia tremerem-lhe as pernas, e. depois de ouvir estes conselhos, apanhou muito depressa o sobrescripto... e enguliu-o.

Os cautelosos são assim, e têem razões para tudo:

— É melhor no tombadilho! Se a caldeira rebentar, não escapa nem um dos que estão no centro, e nós cá de poleiro ficamos sãos como peros. O perigo todo está na caldeira!

— Ah! Está na caldeira?

— Está na caldeira!

Outro, entra a correr, procura logar, atropela todos para ir para a direita, ou para a esquerda, e explica aos circumstantes o seu pensamento:

— Por causa do sol!

— Mas o sol está a dar-lhe em chapa!

— Isso é agora. Em o barco virando, está a sombra comigo!

As familias ponderam do outro lado:

— Ouves o que diz aquelle sujeito?

— Que é o que elle diz?

— Que em o barco virando...

— Qual virando! O barco não vira. Estavamos bem servidos, se o vapor se virava!

— Não é isso que se te diz, homem!

— Pois seja lá o que fôr. Não quero saber. Estou com somno!

A anciedade toda ao chegar a Belem, é saber se já atracam á ponte os botes das barracas de banhos: aquella prohibição affligiu muito o publico e inquietou a imprensa. Andava a gente com aquelles botes na idéa, se atracariam, se não atracariam, até que já atracam outra vez. Ainda bem!

Fazem concorrencia uns aos outros, disputam os passageiros, gabam a excellencia da barraca para onde os levam, a velocidade dos remos, a destreza do remador; chegam a lembrar os gondoleiros de Veneza, que atordoam os canaes a gritar centos de coisas entre pragas e supplicas — «*Sacramento! Ó providenza!...*»

Vão nos omnibus de Pedroiços os mais pacatos; alguns *toristas* preferem ir a pé, procurando os segredos da localidade. Á entrada, a casa de pasto das Columnas; pato com arroz: — «Lá está o pato com arroz! diz um pequeno. Ó papá, olhe, lá está o pato!» — «Ainda é cedo; responde o pae. A esta hora ainda o pato está a dormir: tem mais juizo que nós!» Depois, os celebres pasteis, folhado intrepido, natta peregrina, e o homem que os vende de lata em punho a espargir canella por cima d'elles... e dos freguezes: — «Ó papá! Vamos aos pasteis?» — «Não; vamos ao banho.» — «Eu não tomo banho sem os pasteis!» — «Não sei que te faça!» — «Sabe, sim senhor; se m'os der, tomo os pasteis sem o banho!»

A este tempo têem ido os barcos carregadinhos fugindo uns atraz dos outros, e espalhando pelo sulco, que abrem, os encantos da vozearia. Fluctuam as bandeiras, com os disticos:

— *Flor da praia!*
— *Roque Maia!*
— *Francisco Pedro!*
— *Ravizio!*
— *Nova flor da praia!*

Tudo vae contente, é tudo festa; já em todo o comprimento da praia se avistam as barraquinhas brancas, e as famosas gaiolas de pau com sua galeria onde um e outro nu se embuça no lençol, e vem depois pelos degraus que o conduzem á areia com a magestade de um antigo doge descendo a escada dos gigantes!

Um burburinho infernal. É bote, é taboas, é regador para fazer banho de chuva, é este que nada de costas, e um de bruços, e outro de esguelha... As ondas vêem-se patetas!

Ha tal que visita as praias antes de se meter n'agua. Vae da praia do Bom Successo á praia da Torre, e da praia da Torre á praia do Bom Successo. A actividade é effectivamente o grande segredo para ser feliz. Por isso se anda tão contente n'aquellas madrugadas e n'aquellas correrias! Sabe tão bem, a actividade, que nem chega a perceber-se uma felicidade immovel, sempre egual, por mais completa que seja. Talvez esta doutrina possa parecer opposta ao sentimento religioso, mas não o é tal; as proprias bemaventuranças, que nos estão promettidas para depois da morte, deixam campo á imaginação e não offerecem a perspectiva de um descanço estagnado. A actividade é o bem por excellencia; não deixa ninguem enfastiar se, andar por ahi a caír de somno e de semsaboria, encostado pelo Chiado ás esquinas das portas, n'uma lazeira que é um morrer antecipado. Dá

tom á fibra, fórma o caracter, é a conserva e a mostarda do temperamento. Porque motivo levam uns para toda a parte o aborrecimento, ao passo que outros são a alegria de quem lhes falla e põem logo a gente em boa disposição? É porque os primeiros fazem encolher, são um dique na nascente da actividade, fazem com que as outras pessoas *recolham o seu espirito*, como o diz José Felix no *Fallar verdade a mentir* de Garrett, e os segundos espertam quem os vê e dão gosto e sabor á vida!

Outros ha que, desembaraçados durante o dia, querem quietação na praia á hora do banho. Pelo dia adiante, tudo quanto possa querer-se; mas antes do mergulho, nem fallam uns aos outros. São visinhos, moram por aquellas ruas e azinhagas do Bom Successo e de Pedrouços, conhecem-se como aos seus dedos, mas, antes do banho — nada de fallas. O muito, o muito:

— Bons dias!

— Olá!

Ha tal que quando uma Fate quelquer (nas praias todas as donas de barracas são Fates: *Fate mãe*, Flor da praia; *Fates filhas*, Nova Flor, etc.!) lhe pergunta:

— O senhor quer roupão?

Moita.

— Como quer o senhor?...

— Como quero o que?

— A roupa!

— Quero a... sem falla!

Em compensação, as senhoras, sempre mais intrepidas que nós, discorrem, conversam, riem; como as barracas têem ar de tendas de campanha,

parece que ellas são as guerreiras e que a lingua é a sua espada. Não cria ferrugem, diga-se a verdade! Os episodios são a cada instante.

Pergunta um homem gordo á da barraca:

— Quanto custa um quarto?

— Quatro vintens.

Paga. Depois pede roupa. A mulher olha para elle, obesso, bochecha ampla, corpanzil excessivo: esbogalha os olhos com indicios de profundo pasmo: hesita um bocado antes de lhe dar as calças, e... dá-lhe dois pares.

Alguns fazem conhecimento em camizolla; traje de grilheta, jaqueta de baeta, e calça idem:

— É o digno par do reino?...

— Eu proprio; estou tendo o gosto de fallar com o sr. juiz?...

— Exactamente, exactamente!

— Tem visto as sr.as Attaydes?

— Não; ainda lá estão para Paço de Arcos!

Outro, vae na prancha, e ainda agora repara n'um sujeito vestido de panninho:

— O senhor não é do Thesouro?

— Evaristo!

— Ah! Pois se eu estava a conhecel-o!

Aperto de mão. — «Vamos a isto!» — «Vamos a isto!»

Saltam.

Uma menina quer esfriar, esfriar; está a esfriar toda a manhã; diz-lhe uma amiga:

— Olha que o teu papá já reparou que tens um namoro!

— Um? Está adiantado!...

Algumas pessoas mais graves conversam de lençol no tombadilho:

— O peixe por cá é bom?!

— Oh! Se é bom! Aqui, toda a pena é não se poder ter uma perdiz; no mais, ha tudo.

— O peixe principalmente, é uma delicia!

— Mas não é como o de Lisboa? pergunta um, que foi no omnibus com uma familia de amisade — para ver tomar banhos.

— Qual, como o de Lisboa!

— Mas ao menos... parecem-se?

— Uns longes. O de Lisboa, percebe o meu amigo, deixa-se comer; mas, o de cá, pede que o comam!

— Ah!

Algumas senhoras galantes vão pulando, chilreando como um bando de aves, atirar se á agua e nadar. O nadar por lá é a grande moda. Quando se vae passar a noite a casa de alguem, pergunta a dona da casa:

— O sr. fulano dansa?

— Não, minha senhora.

— Joga o wisth?

— Nunca! minha senhora!

— Vae aborrecer-se muito esta noite!

— Ao contrario...

— Toca piano?

— Tambem não, minha senhora...

— Mas que distracção?...

— Sei nadar!

E é logo uma alegria. Sabe nadar!

Saem d'agua estonteados. Ou se constipam antes de entrar no banho ou antes de entrar na barraca. Vão aos tombos pela praia, tendo de responder de mais a mais aos que lhe fazem perguntas.— Que tal está ella hoje?»

— «*Zzz...*» — «Está fria?» — «Es... tá... tá... b... boa!» De vez em quando caem-lhe as calças dentro d'agua, ou perdem os sapatos. Um magrinho, fininho ía muito pingado com um sapato só; dizia-lhe o da barraca: — «O senhor traz só um sapato?» E o fininho a enxugar-se, a enxugar-se. — «Então, que é do outro?» — «O outro? retrocou o fininho sempre a enxugar-se. O outro... é este!»

Um janota, a tremer de frio, vae escrevendo n'uma folha da carteira um annunciosinho que ha de mandar publicar em chegando a Lisboa:

VAPOR DE BELEM

«Fitas côr de canario. O olhar de v. ex.ª caiu em meu coração. Tambem, para signal, me caiu a mim o chapeu defronte da botica. Serei correspondido? Resposta por este jornal á côr do meu colete, que era alvadio.»

Duas horas depois, a praia está deserta; e em toda a comprida rua de Pedrouços principiam a seccar ás portas familias interminaveis, espremidas pela casa em que moram, que as atira para a porta... por não poder arrecadar tanta gente.

DEPOIS DA PROCISSÃO

Durante a procissão, é bom; depois da procissão, á noite, é optimo! Comtanto que não chova ás sextas feiras, tudo o mais vae bem!

A nossa gente gosta de procissões. Ha ahi um ou outro que affirma que não, que as accusa de representarem um resto do paganismo, e pretende que as imagens devem estar quietas nas egrejas; ninguem faz reparo no que elle diz; a grande maioria gosta, e quer ir entretendo assim a fé e os olhos.

Ha em cada procissão uma irmandade, mas ha cá por fóra a irmandade das procissões, — a associação em grande dos que as desejam. Difficil, ir contra ella! A influencia dos conventos e das corporações religiosas devia-se a que o clero e quanto tocava com elle formavam a associação mais bem organisada d'estes tempos; hoje foram-se

os conventos, mas as procissões — vamos com a verdade — agradam ainda, e quasi não se chega a ouvir alguma voz isolada que declama e grita aqui, ou acolá, a fazer-se alavanca para levantar o mundo velho.

Quer isto dizer que haja em toda a gente a fé? Não.

Mas uns gostam de ver as imagens e os anjinhos: — outros de avistar a população que sae para a rua n'esses dias: — estes, pertencem a familias em que o respeito d'estas ceremonias faz parte da boa educação, como não cortar o pão com a faca, deixar passar as senhoras a diante, pôr casaca e gravata branca em certas circumstancias, e calças de côr em certas outras: — aquelles, e não ha motivo para nos obstinarmos a dizer que não existem, gostam por crença e por devoção.

Para o povo, é uma impaciencia, uma actividade sem fim, um phrenesi de ver tudo, de passar por todas as ruas, de olhar para todas as janellas; quer o tumultuar da onda, precisa do apertão, dilicia-se em ser pisado e pisar os outros: é a creança enorme, é o povo!

Nas ruas por onde a procissão passa, todas as casas estão cheias. Oito dias antes, tudo são dialogos por este theor:

— Já tem janella, minha amiga?

— Costumavamos ir todos os annos para casa das Albuquerques, mas ellas agora mudaram-se para as Amoreiras. Forte gente! Talvez vamos para casa do Mattos Mattoso Mattinho da Matta...

— Ah! Isso é bom sitio!

— Está feito, o sitio é soffrivel; mas é segundo andar!

— Ai, diz bem! É segundo andar!

— Provavelmente preferimos não ir. Para um segundo andar!...

Ha familias que irrompem pela casa alheia com um exercito de pequenos. Para não assustar quem passa, não levam todos para a janella senão quando a procissão vee na rua.

— Chegue-se para a janella, sr. fulano! diz a dona da casa ao chefe do familorio, homem obeso, suffocado em banhas e em fato preto.

— Estou aqui atraz, minha senhora; estou aqui sentado! obrigado a v. ex.ª Em a procissão passando então pegarei n'estes meninos ao collo para verem melhor. Anda cá Josésinho, anda cá, joia; senta-te nos meus joelhos...

— Não posso! O papá tem lá já a barriga em cima d'elles! diz o pequeno, e diz a verdade.

Depois da procissão e em quanto não se fórma propriamente a *soirée*, divide-se a sociedade em grupos.

Alguns meninos, mais timidos e commedidos, tratam uns com os outros de refrescar na memoria o cathecismo, — a um canto da sala — aproveitando n'estas reuniões o ensejo de estar em sociedade para experimentarem uns com os outros a força e alcance de sua sabedoria.

— Ó menino Rufino?

— O que quer vocemecê?

— Diga-me uma cousa; Deus padre é Deus?

— É sim, senhor.

— E seu filho é Deus?

— O seu filho?

— Sim, senhor.

— O seu filho parece-me que não. Não é, não é.

— Ó menino Rufino, não está no caso de ir á confissão!

— Deus Padre é que é. Quando Deus Padre morrer, é que ha de chegar a sua vez a Deus filho!...

As tias — nas sextas feiras de quaresma nunca as bandejas de doces saem da sala — comem bolos, bebem o seu copinho, e conversam docemente:

— Tem ido aos sermões, minha senhora?

— Nunca falto, minha senhora.

— Gostou, na ultima dominga?

— Gostei muito. Que eloquencia e que bonita voz de homem!

— Grave, sonora...

— E que accionado!

— E que olhar!

— Assim elle fosse um poucochinho mais gordo; ganhava talvez em ser mais nutrido!

— Não acho. Prefiro os prégadores magros! Assim mesmo, é bello prégador!

— Bonissimo! Bonissimo!...

Duas meninas suspiram e scismam:

— Se nós dançassemos!

Os homens conversam entre si:

— A quaresma, por fim de tudo, não é nma quadra leve!

— A quem o diz!

— Viver a comer alface como os grillos, e grão, e mais grão, que nem que fossemos patos, é muito triste!

— Eu cá, já não posso dormir nem fallar. O azeite está a perder-me o estomago!

— Na minha casa não entra carne nem sei já

desde quando! Dissemos adeus ao lombo de porco, á doce cabidella, ao perusito assado!

— A mim, o que de tudo me faz mais falta é o cosido! O nacional cosido, que é a unica coisa em que eu sou patriota!

— Ainda não chegámos á serração da velha!

— A abstinencia está para durar!

— O mal que isto faz á saude, só eu sei!

— É justo que o appetite dos fieis seja castigado, mas sendo-se dotado de vigor digestivo de que possa resultar doença, tambem deve haver cautella!

— Eu tenho vertigens, que nem sei como me auguento em pé!

— E uma constipação que trago mettida no corpo vae para um mez, é pouco? Ainda hontem cuidei que espirrava os miolos!

— E eu, que casei ha pouco por sympathia, vejam se é conveniente viver de espinafres, asselcas, e grelos!..,

As meninas, sempre suspirando, dizem á dona da casa:

— Se nós dançassemos?

A dona da casa, franzindo o sobr'olho, replica apenas:

— N'uma sexta feira de quaresma! Não pode ser.

Depois, acrescenta com dignidade:

— Vae-se tocar um bocadinho, e cantar!

A datar d'esse instante, principia o caso a ser perigoso. Momentos depois, já não se póde lá entrar senão nos bicos dos pés, para não perturbar algum pianista que esteja para ali a applicar a penitencia.

Dizia José Estevão que a musica não passava de bulha com pretenção; e n'esta quadra, por mais viva que seja em nós a idéa de que a musica é um prazer divino, chega a parecer deveras que é um supplicio! Os concertos depois da procissão provam pelo menos que a musica em grande quantidade é uma penitencia efficaz, talvez cruel de mais — mas efficaz. Arrepende-se a gente em *mi* e expia os seus peccados em *lá!*

Ninguem teria animo de querer, no tempo em que vamos, que as senhoras martyrisassem o corpo com uma corda cheia de nós, ou furassem o nariz para nunca mais tentar o proximo; e por isso provavelmente é que em vez d'esses meios de penitencia severa, entenderam, e muito bem, dever substituir isso pelo piano, que não deixa vergões na pelle!

São noites grandes. Principia quasi sempre o caso por um poeta que recita uma das suas mais *mimosas* poesias...

Assim é que ellas se armam!

Logo alguem d'ali lhe pede outra; ou elle proprio, depois de não se fazer rogar, recita duas que apesar de antigas sempre são boas, e tres ou quatro que compoz ultimamente. Ao todo faz meia duzia, e não é mau... para principiar, principalmente se, em seguida, passa ao improviso, e dirige á familia da casa uma poesia repentina, que havia feito dois mezes antes para tres meninas, todas tres irmãs; — o peor é que, n'esta casa, irmãs ha só duas:

De Aglae, de Thalia, e de Euphrosina
As grandes perfeições tão decantadas

Não têem qual as tres virgens ahi sentadas
Mimosa fronte, perennal, divina!

— Tres virgens! Mas nós somos só duas! diz a irmã mais velha.

— Peço perdão, acode o poeta, fazendo-se córado, e querendo ageitar o improviso; tres, contando a mamã!...

Fica toda a gente embuchada.

A musica vem em caso immediato. Já pela qualidade d'ella póde julgar-se da profundeza e sinceridade dos arrependimentos; os devotos mais severos infligem-se austeramente uma peça a quatro mãos; os de meia contricção aguentam uma aria.

Ha por ahi tenores na quaresma, que deixam tudo mais a perder de vista. Ao Offenbach chama-se entre nós quasi sempre *maestrino*, como que indicando que é fraca cousa em comparação do que por cá temos — uns sete ou oito a quem sempre chamâmos *maestros:* mas a estes cantores fluctuantes, verdadeiros Fancellis de casas particulares — o que não quer dizer que sejam espelhos de trinta réis do Fancelli de S. Carlos — ninguem lhes chama *tenorinos;* todos são tenores. Bem o merecem.

Agora estão elles nas sete semanas do seu reinado. De cada procissão, já se sabe que vem á noite a bella aria, com boquinhas e ademanes entre nota e nota, e os competentes olhos em alvo, em alvo, ao ponto de cada um ter de se affirmar involuntariamente a ver se o tenor tem cajado e cão — para dar dez réis ao céguinho!

N'uma d'estas festas, sexta feira da semana pas-

sada, estava um convidado a pasmar dos olhos em alvo do cantor.

— Onde vi eu estes olhos? dizia elle. Todos revirados, todos brancos... Ah — já sei! Foi ao jantar: — n'um goraz!

TARTUFO

O meu visinho da platéa, n'aquella noite, era um moço elegante e bem parecido, que anda ha uns tempos a ruminar a idéa de casar ou não casar.—Havia ido ao *Tartufo* exactamente por isso.

A idéa do casamento ora lhe sorria, ora lhe desagradava. Algumas pessoas, por vezes, lhe tinham dito uma palavra ou outra a tal respeito; e n'essas occasiões, como sempre lhe acontecia, estava a ponto de se deixar ir com o ultimo conselho que lhe davam. Quiz ir á comedia de *Tartufo* como quem vae ouvir um sermão, ou consultar um doutor. Um marido, uma mulher casada, um seductor... D'estas tres pessoas distinctas a mulher casada era verdadeiramente a unica que elle não podia ser; com praça de seductor, e meio disposto a ser marido, desejava ir estudar n'esta peça se lhe seria mais conveniente passar a marido ou continuar em seductor.

Vestiu-se e preparou-se ao espelho, n'um combate permanente entre a idéa de ir e a de não ir.

O theatro portuguez entretinha-o pouco, a sociedade dos camarotes é incerta, podia succeder-lhe não ter com quem conversar, e depois lembrou-lhe um trecho de musica que procurava na memoria havia oito dias, cantarolou, fumou um charuto...

— Visto-me? Não me visto?

— Caso-me? Não me caso?

— Vou ao *Tartufo?* Não vou?

— Vou.

Vestiu-se e foi.

Esperava sentir no salão as impressões respeitosas que o silencio dá; ver á porta da platéa a sombra de um porteiro tomar corpo da parede, chamal-o com a mão, sem bulha, e pedir-lhe o bilhete com um gesto de interrogação; depois assistir sósinho, ou com mais duas pessoas de consciencia áquelle espectaculo classico...

Qual foi o seu pasmo ao comprar o bilhete pelo dobro do preço, e ao ser-lhe difficil romper por entre a multidão!

— Ah! É o beneficio de Santos! disse entre si. Contem-me d'essas! Ha gente que não póde faltar ás representações de beneficios celebres. Mas, se é luxo, peço decima sobre isso! Uma decima boa, já que estão os cofres abertos!...

O theatro estava magnifico. Luzes, formosuras e poucas tosses: — a sala de D. Maria II, n'outro tempo, creio que constipava muito, porque havia sempre nos camarotes e na platéa um concerto de catarros; era penoso! Felizmente, emfim, acabou isso.

Já havia principiado a peça. N'aquellas noites ainda que o espectaculo começasse ás onze horas em vez de começar ás oito, sempre haveria vinte pessoas pelo menos que chegassem mais tarde. Supponho que é tudo pelo prazer de incommodar os outros, empurrar a barriga aos espectadores gordos, pisar este e aquelle, apanhar duas pragas pelo caminho, e provocar os *chius!* Talvez tambem não fosse mau uma decima para cima d'isso. Todo e qualquer retardatario pagaria um imposto proporcional á demora. Póde ser origem para o estado, de grandes rendas! Fica offerecido este projecto á commissão de fazenda.

O nosso homem encontrou o logar tomado. Foi bem feito. Reclamou. O outro conservou-se cortez, mas inhabalavel. Um visinho ao meu lado metteu-se no caso; o sugeito agradecendo essa amabilidade sentou-se-lhe nos joelhos, dizendo-lhe que era escusado incommodar-se:

—Não tem duvida!

A comedia abre admiravelmente. Esposição viva e theatral. Fica o espectador sabendo desde logo quem é toda aquella gente, como se vivia d'antes n'aquella casa, e como ali se está vivendo desde que lá entrou o famoso heroe, que veiu ninguem sabe d'onde, quasi descalço, de cotovellos á janella na manga, e já dispõe, já censura, já prohibe, como senhor da gente e da poisada. Tudo isto em vigorosos, soberbos versos, traduzidos pelo grande mestre e grande poeta o sr. Castilho com tanto cuidado e esmero como o que se requer para obra original, interpretando e dando vida nova, conservando o caracter e o tom nativo, não apagando nenhuma das bellezas, nem tão pouco

nenhumas das liberdades, respeitando os promenores mais leves, não enfraquecendo nunca uma idéa, apropriando-se sempre da intenção, accommodando o genio de uma lingua aos elementos d'outra, e alterando apenas no que apresenta vantagem para theatro nosso e para agrado do publico de cá.

Cita-se que a primeira peça que o celebrado poeta francez Piron viu no theatro foi o *Tartufo*, e que durante a representação esteve sempre ora agitado, ora em extasi, ora phrenetico e em delirios de alegria. Os que lhe ficavam perto olhavam pasmados para elle, riam á succapa, ou principiavam a estar com medo de que fosse doido. Perguntou-lhe um d'elles mais curioso, que razão tinha para estar assim:

— Pois não vêem que se esta obra sublime não estivesse feita,—nunca mais se faria!?

O meu visinho da platéa não rompia em taes enthusiasmos; mas á proporção que a comedia caminhava, e apanhando-se senhor do seu logar, porque o outro se resolvera a levantar-se e a ir encostar-se á porta para ouvir o resto de pé — entregava-se um pouco tambem, como Piron, ás differentes manifestações do que ía sentindo, e principiou a communicar-m'as de vez em quando. A entrada de Tartufo que lhe tardava já, produziu-lhe no terceiro acto uma impressão profunda. Chegava emfim o homem, chegava o seductor, chegava o monstro...

—Attenção! dizia elle a si proprio. Attenção!...

D'ahi em diante, todo elle era olhos e todo elle ouvidos,—exasperado apenas de ver que só po-

dia encontrar o heroe jogando de scena com outras figuras. Tinha vontade de o pilhar sósinho, de o ouvir pensar em voz alta, de o ver separar-se d'aquella familia e escutar o que elle pensava e dizia d'ella... Impossivel. Scena atraz de scena, e nada de estar perfeitamente, completamente á vontade com o homem,— o que não era só uma das torturas do meu visinho, o que é principalmente uma das finuras da comedia : Tartufo nunca se esquece, nem deixa que o entendam bem ; — para com o publico mesmo, nada de *ápartes:* nada de monologos. A gente está na platéa meio Anselmo, e meio os da casa : ora a ir para elle, ora a desviar a vista...

Ao chegar da famosa scena de D. Izaura e Tartufo, o meu visinho, que ouvia de vez em quando rumorejar na sala as malicias a proposito de um dito ou outro, que deceito parecem um pouco mais frescos... por ser de inverno — olhava para os camarotes a observar qual era a impressão que produzia nas senhoras o ver o marido debaixo da mesa e a mulher em ternuras com o outro ; e era como se quizesse resumir as idéas espalhadas na primeira ordem e nas frisas, e dar-lhes corpo: uma especie do que fez Homero com os cantos heroicos da Grecia !

— Bem, dizia-me elle, a mulher é honesta ; está dito, é honesta ; mas não é, ainda assim, de tão rigido pudor que não roce sequer pela vivacidade de ditos frescalhotes ! Se ella desse uma bofetada no Tartufo no momento de elle se arriscar á minima ousadia para com ella, não seria talvez tão prendada de engenho e delicadezas, mas não seria menos séria do que levando-o como faz, de

tentação em tentação, ao ponto do pobre diabo não saber em que mundo está!

E scismava entre si:

— Caso-me? Não me caso?

Depois, como que irado, ía dizendo-me:

— Veja! Faz-se cheia de vergonha, mas vae-o encaminhando! Diz-lhe que feche a porta, que convem que ninguem os ouça:

, E falle devagar
para maior cautela. Ás vezes as paredes
diz que ouvem, e o demonio arma tão finas redes...

depois, repare! pede-lhe um juramento, exulta com a solidão em que se acham, pergunta-lhe porque emmudece, receiosa de lhe ter desagradado e de que entenda:

que um seio
com um palpitar assim, devia, por decóro
não vir lançar-se á cara...

A scena é curiosissima. Tartufo hesita, estranha, pasma e deixa-se ir. O visinho dizia-me:

— Que quer que elle faça?! Se recusasse, talvez meia platéa — quero lisonjear por esta fórma a outra metade — lhe chamasse tolo!

A este tempo o santão vae atropellando tudo, e quando D. Izaura lhe falla no céu, o tartufinho diz-lhe para a socegar que as nodoas d'alma se lavam com a confissão e com os jejuns, e que ainda a alma fica mais limpa do que estava: depois, que, emquanto ao céu, lá por isso responde elle:

«O céu deixe-o comigo. Ha modos efficazes
de qualquer peccador fazer com elle as pazes...

O visinho não podia levar á paciencia que o marido estivesse debaixo da mesa saboreando o caso ao ponto de ter a mulher de perguntar-lhe se adormecera ali e fazia gosto em que continuassem — com pena de certo de o ver tão asno, sem ter, como ella, tantas razões para ser prudente.

— Pobre diabo! disse elle. Estes são os riscos do seductor! Armam lhe esta, e anda toda a gente a gritar contra elle, — menos o marido. Bem se vê que é um velho de Moliere, que não tem senão bons velhos, perdoando as culpas a quem é moço por se lembrarem que tambem já foram rapazes. Este Anselmo por sua vontade, apesar de ter estado debaixo da mesa, ou justamente por isso, era capaz de perdoar ao Tartufo; mas, não o deixam. Ah! cambada! É uma ingresia em casa que ninguem se entende, a qual haja de injurial-o mais, chamando-lhe ladrão, e Judas, e infame, e scelerado, e que trinta cães famintos lhe roam na ossada, e que a alma d'elle lá nos quintos berre como um bode... Ah! cambada! cambada!

Nas ultimas scenas, porém, quando o hypocrita se deixa ver em toda a hediondez, o meu visinho principiou a abandonal-o; tal é o poder em toda a sua graça de verdade e criterio d'esta comedia, para cujo auctor a vida não tinha segredos e era como que um livro em que nenhuma pagina lhe escapou!

Pensou então por um instante ainda no seu — Caso-me? Não me caso? — mas conheceu que a peça para isso não lhe servia de nada; que nem ha ali amante, nem ha propriamente marido; e que só ali se trata de fazer a comedia dos hypocritas, que com a ostentação das boas acções vão

praticando as más, e que, dando-se ares de irem em caminho do céu, rastejam, santões fingidos, pela estrada torta dos *pantomineiros*.

O exito da peça veiu provar que as obras fortes nunca hão de valer menos, mesmo entre nós e apesar da decadencia do gosto, do que as chamadas composições habeis que alcançam o triumpho por surpreza, sem o conquistarem nem estabelecerem se não sobre as bases movediças do capricho e das manias de occasião. O verdadeiro applauso não são as palmas triviaes que rebentam com lances e ditos de *chavão;* ha um sentimento mais vigoroso, que é o de obrigar os espectadores a reflectir e a entregar-se ao trabalho fecundo de pensar, chamando o publico a entrever a idealidade e a moral.

Santos e a sua companhia são no desempenho do *Tartufo* dignos de grande louvor. O primeiro dos elogios que lhe deve ser dado é por não haverem voltado as costas á grande arte, e por terem ido de coração a esta obra difficilima. Sairam das miserias do theatro actual, e mostraram que são capazes de dizer grandes versos. È notavel esforço, estudo difficil — e de alguma maneira penoso, porque podia parecer incerto o exito, e ir dar todo esse trabalho n'uma só recita em que o publico não acceitasse a peça de verdadeira surpreza como o é para os costumes do nosso theatro. É essa abnegação, é essa dedicação, que eu quero sobretudo louvar. Santos representou o *Tartufo* com verdadeiro amor; observou, meditou, comparou, apropriou; além d'isso, foi a alma da companhia, — diga-se, porém, a verdade, não haveria saido a salvo d'este caso se não houvesse

encontrado nos seus artistas a vontade de coração, de quem dá, sem olhar duas vezes, tempo,intelligencia, e lida, para conseguir o que se quer.

[illegible]

AS MANHÃS DO DISPENSEIRO

Se dissessem que o dispenseiro dos conventos cheirava á frasqueira, ao forno, á casa da fructa, ou á adega, — podia ser: ao que elle não cheirava era ao hospital!

Não bebia ao sol, bebia á sombra. Nascêra para a ucharia, e para distribuir o que outrem dá; — tinha a vocação de dispenseiro! Tambem, que querem? Não ía a funcções nem a patuscadas; o seu destino era desengaçar a vida no fundo de um claustro; nem todos serviam para isso: ahi está o Savonarolla, homem de paixões fortes, que preferiu morrer queimado—tanto era o amor que tinha á liberdade. A liberdade é o que cada um a entende: — para o dispenseiro, a liberdade era ir á pipa!

Ha distracções mais sympathicas, bem sabemos. É muito agradavel ir com um rancho passar o dia ao campo, jantar n'um caramanchel, aspirando o

arôma das flores e o da primavera, a olhar para carinhas bonitas, cantando e ouvindo cantar... A relva é cumplice do amor; a alegria é a melhor das orchestras; corre o tempo, parecendo que tudo é nosso, as folhas verdes, o azul do céu, o matiz do campo... Quando termina o repasto, fica vasio o cesto das provisões, passou para os olhos o vinho das garrafas, deitou-se á estrada a casca do ananaz que levou um, as rolhas do Madeira que levou outro; toca a dançar de mãos dadas, ás voltas e aos abraços, e, em faltando o folego, quasi a cair de cabeça tonta, ainda se olha uns para os outros com prazer... Grandes tardes! Que de historias contadas por entre o trigo, que de aventuras... E ás vezes, depois, o arraial, o fogo de vistas, e lá se rasga um vestido, e lá se volta á meia noite no omnibos, ou no vapor...

Mas o dispenseiro de convento não tinha, e não podia ter nada d'isso. Ficar-lhe-hia mal a ternura. Chorou de uma occasião, um bocadinho, — e isso por causa da moral; tambem, foi pouco. Figurão assoprado, ventripotente, bebericava sempre, ou engulia a papança de Gargantua; cabello assedado, mão gorda, fronte serena, meio abbade antigo com previlegio de esperteza, e meio lambaz de frade môço, brilhando-lhe nos occulos os olhos, e nos occulos o amor de Bacho!

Muito aceado, e grave. As congregações tinham uniformes, pretos, azues, brancos, cinzentos, e o povo punha-lhes alcunhas: os descalços, eram pés frescos; os de batina preta, carvoeiros; os de S. Domingos, batina branca, padeiros; etc.

Tinha muito que fazer. Provar, envazilhar, provar, engarrafar, provar, mandar para a mesa, e

beber. Outros tinham suas incumbencias, que parecendo dever pesar-lhes mais... não lhes pesavam ás vezes tanto!

Encarregar-se-hia como outro qualquer de dizer missas para que as almas não ficassem retidas no purgatorio, se lho fossem pedir como coisa urgente; mas, como dispenseiro, ía-se dispensando d'isso; bem lhe bastava a sua lida, prova d'aqui, prova d'ali, e este tem seu pique, e o outro está no môsto, e o d'acolá tem côr, e o d'além tem corpo, e um é palhete, o outro é madurinho, — emfim uma labutação, o desempenhar-se das funcções de que se achava investido.

O serviço da bocca nos conventos tinha muito que se lhe dissesse! No refeitorio havia tantos extases como na capella. Já na vida dos santos se observa isso. S. Francisco de Paula gostava de servir á mesa, S. Malaquias gostava de a pôr, Santo Antonio depois da refeição queria lavar a loiça; etc.

A cosinha, a adega, e o forno faziam suar; mas o forno, sendo o mais quente, era o que fazia suar menos. De uma occasião por ser preciso accender a lenha e não haver lume ali á mão, foi o que estava de semana ao forno buscar lume á capella; mas, logo que chegou ao altar, pôz-se a rezar, a rezar, e esqueceu-lhe o que ía fazer: ao dispenseiro nunca succedeu uma d'essas; era, por ordinario, homem mais forte; escolhiam-o por isto mesmo para aquelle cargo, e havia o maior accôrdo n'essa eleição, porque, sendo elle o melhor companheiro e o melhor bebedor, sempre a congregação teria menos a receiar de seus rigores e poderia contar com mais canadas que sermões.

Dos conventos sairam pessoas notaveis e coisas excellentes. Os frades foram primorosos para a educação, para a agricultura, e para os comes e bebes. Ninguem os excedeu no amanho das cêrcas, no latim, e no preparo das conservas; dispunham com tal pericia as ginjas na aguardente que era facil morrerem emborcados nos garrafões a comêl-as todas. Enriqueciam depressa, economisavam muito, tinham heranças quasi todos os dias, nunca vendiam, e saboreavam a existencia e a propriedade.

Na quietação das manhãs do claustro pensavam provavelmente ás vezes nos pobres clerigos d'aldeia, que passam a vida de braços cruzados sem ter nada que fazer a maior parte do anno; e elles, coitados, faltava-lhes o tempo para tanta azafema, sermões, festas, jantares, missas encommendadas, isso então! por mais desembaraçados que fossem, e ás vezes podia apparecer promptidão de mais, dizer a missa toda n'um quarto de horasito, não havia mãos a vencer!

Assim, o dispenseiro, coitado, com a responsabilidade das provanças, — não fosse alguma pingarolla menos saudavel adoecer a communidade: fr. Gerundio soffria do estomago e esfriava com o vinho fraco, fr. Anastacio não supportava vinhos mal temperados, fr. Anselmo tinha insomnias com os vinhos brancos, fr. Gaudencio gostava de se meter pelos doces e de os acompanhar com o abafado, fr. Natividade tinha aquella scisma de que sem o Lavradio não ha refeição que preste, e o pobre dispenseiro via-se obrigado por humildade... a gostar de todos!...

A ESTATUA DE CARNE

Ao ouvir por ahi a cantata de cada dia em gloria dos actores e das actrizes, exaltando acima de tudo esses seres ditosos, que mudam noite por noite de aureola e de cabelleira, cuidava a gente que Lisboa tinha por elles uma paixão; e, por fim, depois de se chamar genios e deuses aos artistas dramaticos,—vem para S. Carlos a Pasquali e Majeroni, ainda agora se principia á procura dos fanaticos, que é dos fanaticos, onde estão os fanaticos, ponham-nos para aqui os fanaticos;—não ha vel-os!...

É curioso. Haver-se chegado a incumbir aos actores cantarem no theatro a sua propria gloria, armando-se-lhes apotheoses, quasi canonisações,—como ainda na *Beatriz*, ultimamente em D. Maria, santa, anjinho, creatura propria para se lhe fazer promessas e offerecer-lhe cirios, sempre n'um

apostolado, a fazer febres de enthusiasmo a quem a avista: não querer já o publico flores, senão para lhes deitar, a mulheres e a homens, nas noites de beneficio; — trazel-os a imprensa em tal idolatria que chega, ás vezes, a parecer que os jornaes sejam administrados por um ensaiador e dirigidos por um contra-regra; hymnos, offrendas, homenagens, extasis, incenso permanente, nem um pingo de absintho nas amplas taças de mel: e — quando chega o talento encantador da Pasquali, uma joia, uma maravilha, é como se não estivessem para se tirar do seu canto e incommodar-se a ir vêl-a!...

Não queiram attribuir isso ao theatro; o theatro não convém para comedia, mas o grande drama e a tragedia estão ali mais á vontade do que nos palcos do tamanho de uma caixa de chapéu, e qualquer espectador acha se melhor decerto n'uma d'aquellas cadeiras do que nos logares acanhados dos theatros pequenos. Vejam antes n'isto o resultado das exagerações, do encarecimento e amplificação dos louvores, que se tornaram entre nós logares communs, e fazem com que ninguem saiba regular-se pelo que lhe dizem: — aliás a apparição da Pasquali seria olhada como acontecimento importante, porque scintilla de espirito, de galanteria, de talento, esta actriz — que é das que se admiram de perfil, de frente, e a tres quartos; notavel pela inspiração e pela phantasia, notavel já tambem pelo estudo; natureza d'artista, original, singela; sem ares pretenciosos; talento essencialmente moderno — delicado, elegante.

Está fallando a um publico estrangeiro e parece que isso poderia, por assim dizer, engrossar-lhe

o talento, leval-a a exagerar-se, a dar relevo a qualquer coisa, a fazer de cada papel uma especie de livro sarapintado de *italicos*, para a entenderem melhor; mas não acontece assim. Não recorre aos meios de pantomima, não carrega nas palavras para as fazer entrar á força no espirito de quem as ouve. Em Lisboa entende-se alguma coisa o italiano, mas não é muito,— e ella podia, levada por essa idéa, e pelo medo de se achar n'um theatro grande como o de S. Carlos, forçar as entoações, exagerar os movimentos, inchar qualquer intenção, accentoar de mais os contrastes:— não fez nada d'isso; a maior naturalidade, effeitos graciosissimos, e uma subitaneidade incrivel de expressão; a voz não é talvez das melhores, mas adoça-a, amolda-a, vê-se que a educou e que já alcança d'ella quasi tudo quanto quer.

A companhia estreiou-se com a *Dama das Camelias*. Perdeu já de algum modo esta peça o que se chama actualidade e teve artes de se fazer velha como se pertencesse a outra geração, e fosse tão antiga como a *Princeza Magalona;* o modelo nunca foi achado entre nós, e, lá fóra mesmo, creio que já está perdido; aquelle genero de mulheres hoje é mais grosseiro; das raparigotas anonymas que a Venus vulgar engendra agora, nenhuma dá typo para aquelles lances; depois das mulheres de marmore... vieram as de gesso. O drama tem scenas bonitas, serve como retrato social, como capitulo vivo da historia dos costumes da França; tem paixão, sensibiiidade, espirito de idéa e de ditos, certa aragem de mocidade de envolta com o conhecimento do bem e do mal, mas não me parece que seja um bom drama. O des-

empenho por parte da Pasquali foi primoroso, e, no ultimo acto sobretudo, surprehendeu, maravilhou toda a gente; quem assim sabia viver e quem sabia morrer assim, não podia ser senão uma boa artista!

Majeroni, no Armando, prestava-se com difficuldade ao papel. Não é porque o personagem exija grandes dotes ao actor, mas é preciso ser muito novo para não ficar mal na situação um pouco desprezivel d'aquelle heroe. É um bello homem, alto, esbelto, soberbo: não é elle que é grande de mais, o personagem é que é pequeno. Para aquella estatura quer-se o Cid, de olhar firme e resoluto, disputando a todos a contristada Ximena. Disse o seu papel excellentemente,—parecendo me apenas no quarto acto levar um pouco longe de mais a turbulencia de arremeços para com Margarida; pronunciou e cadenceiou com perfeição, deixando ver desde logo que era um artista de grandes dotes,—aos que não o conheciam já do tempo d'aquella extraordinaria e inimitavel Ristori, primeira ainda hoje entre todas,—e, uma vez liberto do papel de galan e da tentativa sempre arriscada de realisar o sonho de Jesabel... vencendo os annos, representou logo na noite immediata um drama, *La forza della coszienza*, por modo notavel, que deu largamente a medida do seu talento. Viu-se então com segurança que é actor instruido, acrescentando e melhorando quanto diz, pela intenção, pelo tom, pelos movimentos da physionomia, desenhando, pintando no ar, e sabendo compor os papeis com singeleza mas por modo que possam considerar-se estudos.

Conhece-se muito pouco entre nós a litteratura moderna da Italia; um ou outro leu Manzzoni, Prati, Ugo Foscolo, este ouviu fallar em Mathey, aquelle em Monti ou em Guerrazzi; mas, dos mais secundarios, ou dos mais novos, Castrucci, Torrelli ou Ciccone, ninguem tem sequer noticia. Sabe-se que a maior parte d'elles se dá a estudos historicos, que a vida litteraria e scientifica tem ainda ali grande seiva, que as desgraças não tiraram o gosto e a força ao desenvolvimeato e á aptidão maravilhosa que fizeram outr'ora da Italia a senhora das nações, mas sabe-se isso pelo alto, vagamente, da mesma fórma que se sabe por ouvir dizel-o que tambem lá brilham já pela industria e pela agricultura: — da poesia dramatica, principalmente, andamos tão pouco ao corrente dos seus progressos, que, de todas as peças italianas que em S. Carlos se têem representado, nem uma só era conhecida em Lisboa! Não são, porém, diga se a verdade, grande coisa, as que esta companhia nos tem dado occasião de apreciar, nem seria por ellas que devessemos applicar á Italia as famosas palavras de Galileu — *Eppur si muove,* — mas ha uma entre ellas, *La statua di carne,* traçada com originalidade e escripta com o fulgor de um talento ardente e phantasioso.

É a historia de um desgraçado, bello como um semi-deus, triste como um cherubim vencido, ao qual a implacavel saciedade apagou a chamma dos olhos e os desejos da alma. Enfastia-se, como os elegantes romanticos de mil oitocentos e trinta; é rico, é fidalgo, tem palacios soberbos; póde ter, se quizer, cem navios no mar, — mas falta-lhe o

prado onde sorri o amor, falta-lhe a vaga suave que traz a ventura e a paz!

Que mulher póde haver para tal homem a não ser alguma das pallidas Eumenides, alguma das sombrias companheiras de Orestes? Tem feito tudo, alcançado, gosado, estragado tudo. Nem as corridas de cavallos da Inglaterra, nem as rainhas sem corôa de Paris, nem as alegrias, nem a riqueza lhe bastam. É capaz de pedir como Sardanapalo que se invente um prazer para elle. Falta-lhe uma coisa para ser feliz — que é não ter tudo, ou então trocarem-lhe toda essa abundancia por uma rapariga com quem viveu, uma costureira a quem foi pregar não sei que pêta de que era um pobre artista — *studante sono, e povero!* como canta o rei, no *Rigoleto*, á filha do seu bôbo,— e que lhe morreu nos braços, phtysica, perdida de trabalhar para poder viver, emquanto elle, bem comido e bem bebido, a fóra emballando na fabula romanesca de se fingir pobre!

Chegou-lhe então o remorso, ao cavalheiro; ficou derrengado de melancholia, e foi como se de repente assentasse praça no batalhão dos excentricos, e d'aquelles lords spleennaticos que legam por sua morte a algum palhaço, que de uma vez os haja entretido tres minutos, uma taça de ouro do custo de quinhentas libras, cinzelada em Florença conforme os desenhos de algum divino artista.

Vae pelo mundo aos tropeções, fazendo o que é humanamente possivel por se distrair. Mas a alma trasborda-lhe de amargura e de saudades, e se ainda sente energia em si é unicamente para ir todos os dias depositar no tumulo da amante

uma corôa de flôres. Arrepende-se, accusa-se, exaspera-se; sente em si um deserto, sem brisa que refresque aquella immensa aridez...

De uma occasião, n'uma ceia alegre, vê uma mulher que se parece com a outra, com a costureira, com a defuncta, o quanto duas creaturas possam parecer-se. É uma d'essas raparigotas de vida airada, que levantam montanhas na palma da mão; existencias de segredo, bonitas, tentadoras, fataes, meias borboletas, meias viboras. Tem canção, como Marco, essa rapariga, e está n'esses versos a sua divisa:

> Voglio con passo rapido
> E colle bende in testa
> Correre d'orgia in orgia,
> Balzar di festa in festa,
> Sognar la notte i cantici,
> E lo splendôr del di;
> Ecco!—cosi vo vivere!
> E vo morir cosi!...

O nosso homem *escriptura-a* logo,—é o termo—para ir em cada dia, das tantas ás tantas horas, visital-a, olhar para ella; condições simplices—estar vestida de branco, e não ter ninguem em casa a essa hora: no mais, nem amor, nem tempo, nem responsabilidade mutua, nem sujeição, nem nada... Estava em Paris por occasião da exposição um compatriota nosso que ía todas as noites á Praça Vendome, encostar o luzio a uma lente e vêr a lua: este do drama é uma especie d'isso, mas, em vez de olhar para a lua... quer olhar para a rapariga; nada mais justo!

A ella, porém, com o andar do tempo, não lhe parece agradavel tanta isenção, que vae accordando

em sua alma sentimentos que a devoram: affeição por elle, ciume do passado, o nascer do amor. Ardente, franzininha, toda nervos e sensações, á proporção que ama e que se vê desdenhada, reduzida a um papel vago e inexplicavel, um papel de sombra, começa a inquietal-a aquelle homem para quem a saudade é um culto... e a *massada* uma homenagem! Interesa-se por elle, apesar dos ares que deve achar-lhe de aproveitar a defuncta como pretexto para attitudes elegiacas e olhares enviesados; mas vae perdendo a côr do rosto, a poesia alegre, o encanto, a frescura, a graça, que attestavam ainda a infancia d'aquella mocidade na flôr. Quer amar, sentir, palpitar, viver, triumphar do tumulo, *matar* a morta, — mas encontra sempre aquelle figurão fatal, inevitavel já, que parece a sombra de si proprio... e da outra!...

Esta lucta da mulher facil, apaixonada, com aquelle amante de uma campa, é admiravel, é surprehendente no desempenho da Pasquali. Quem vencerá? Os transportes d'ella são de tal ordem, têem tal fé, que o coração do excentrico acaba por se reanimar ao contacto d'aquelle coração que ama, e crê!

Ah! Como a Pasquali representa essa peça! — com a qual me tenho demorado por ser até hoje o melhor drama do reportorio, e o desempenho mais notavel da companhia dos italianos. Com que primor ella faz valer, no acto do cemiterio, o seu talento; nas scenas intermediarias, o dizer, do qual brota em relampagos a intelligencia; e o ciume, e a colera, e o suspirar furtivo, e o olhar ardente a faiscar na polvora!

Um actor comico, Boldrini, tem na *Statua di*

carne um papel gracioso, traçado á moda dos Desgenais e escripto com o que os inglezes chamam *humour*. É um actor curioso. Assim que entra em scena vae direito á caixa do ponto, pára ali, fica um momento immovel como quem diz — Cá estou! — depois, quando toda a gente o viu sufficientemente, e que elle já deu as boas noites por um acêno a um e outro conhecido da platéa, volta-se, larga a fallar com a volubilidade de um moinho de palavras, salta pela scena, curva os joelhos a cada passo com cadencia, estende os braços, sacode as mãos como os magnetisadores; voz ironica, pronuncia rapida, gesto febril, olhar vivissimo; todo elle nervoso, convulso, representando como egoista, ou então como se fôra somnambulo, — sem reparar que ha gente á roda de si! Artista attrahente pela originalidade, e pelo espirito.

A companhia, fraca por parte das mulheres, tem alguns actores secundarios muito aceitaveis; estão amestrados em declamar com clareza, entendem o papel, vê-se que sabem o que estão dizendo e que estudaram a peça e o personagem: — a lingua italiana faz o resto. Não sei que estrangeiro era, um que eu conheci e que me confessou que se espantava muito da semceremonia com que na nossa lingua se empregava a mesma palavra em sentidos completamente oppostos, dizendo-se, por exemplo, — nos romances: «orvalhou de lagrimas o seio da triste mãe»; — nas gazetas: «o digno ministro assim o declarou no seio do parlamento»; — «o sr. Fulano retemperando o espirito no seio da philosophia»; — em verso: «os seios d'alma, nos seios d'alma, para os seios d'alma», e a

gente a querer ver o busto da alma, a alma... degotada! Eu então pasmo da lingua italiana, e admiro-a não pelo mesmo motivo, — mas pela harmonia dulcissima, seductora, com que tudo se torna maior e melhor ao ser expresso por ella! a accentuação eloquente, distincta, sonora com que se marcam as palavras, as syllabas, com que se dividem as vogaes, com que se faz sentir as consoantes, n'uma musica encantadora e poetica!

Já que na nossa terra não se trata senão de impostos, — não seria mau que o governo deitasse uma decima á *indifferença* publica, que póde ser em Portugal fonte de grande receita. Tantos por cento sobre a renda a quem não fôr á urna, tantos por cento aos deputados que faltarem ás votações, tantos por cento... a quem não fôr vêr a Pasquali!...

O ANNO BOM

Nasço entre gelos, o bifronte Jano
Me abre a porta á existencia; e por seu turno } 2
De flôres, messes, fructos coroado
Adulto me devora o grão Saturno.

E nado apenas, uns prophetas falsos
No celeste zodiaco vão lêr } 1
A sina que me cabe; e ás turbas crentes
Annunciam que assim terei de ser.

Agora meus senhores, por bem creado
E aos caprichos da moda ter respeito,
D'esta charada, que não ponho a premio,
Desejo aos meus leitores o conceito.

É isto! Nas salas não se está fazendo outra cousa senão compor e adivinhar charadas; os mathematicos do jornalismo, ao contar os assignantes e a venda avulso, são de voto que a charada

prova alguma cousa; e os *menus* dos jantares não tarda que sejam compostos d'essa fórma; por consequencia — Viva a charada! sem que todavia lhe prophetisemos venturas nem tristezas, apesar da fortuna que está tendo; *la donna è mobile*, e a opinião em Portugal é mulher, mulher dos pés á cabeça, — ou sem pés nem cabeça, como queiram; vamos no entanto vivendo com ella, sem nos inquietarmos com o dia de ámanhã, um pouco compromettido pela semsaboria que a adormece e pelos disparates que a seduzem.

A composição poetica com que abro, tem a prenda de se adivinhar depressa, que é, do que julgo comprehender, um dos preceitos mais rigorosos a que estão obedecendo alguns *virtuoses* da charada. Quer-se clareza! Todos nós em geral gostâmos muito do *clarório; clarório* cá, *clarório* lá! na charada o *clarório* tambem é bom, — aliás seria facil cançar-se o espirito pela tensão excessiva de um estylo em que a palavra aperta tanto a idéa — que ás vezes... arrebenta-a!

E depois, se não me engano, a charada parece-me ser a melhor maneira de desejar boas festas a alguem; tudo que não seja isto tem grandes inconvenientes: — quantos dias de anno bom não temos nós já passado, e quantas pessoas, a quem do Natal aos Reis desejaramos que vivessem cem annos com saude na companhia de quem mais estimassem, se têem deixado ir para o outro mundo sem o mais leve escrupulo! Já é tempo de principiarmos a desconfiar do caso, visto a experiencia estar-nos mostrando que nunca póde haver certeza de que estes bons desejos passem de palavras!

Tambem considero que não seria proprio ir dizer aos leitores e ás leitoras: — Nada de boas festas! Acabemos com isso. Não serve para nada. No anno passado por este tempo lh'as desejei eu, e regalaram-se depois de ter bexigas todo o anno, e decimas ainda mais pesadas! D'esta vez hão-de-me dar licença de os mimosear com pragas! Ajuda-me n'isto a logica. Não vejo outro modo de poder encaminhal-os a fruir das maiores venturas!

Isto, aqui para nós, bem o conhecem, não se poderia fazer. É de tal força a tyrannia dos costumes velhos e das convenções sociaes, que um homem que fizesse d'estes comprimentos, embora os acompanhasse de brôas, seria posto fóra de todas as casas.

O melhor partido, por consequencia, que se póde tomar n'uma epocha d'estas, é dizer-lhes a coisa em charada! A charada protege admiravelmente qualquer embaraço, porque deixa livre arbitrío a cada um para a entender como lhe parecer,—e até n'isto allivia a Providencia, que não póde dar ouvidos a toda a gente e fazer a todos a vontade: o que é boas festas para uns, significa festas tristes para outros; não póde deixar de ser. O sujeito vae, por exemplo, visitar um amigo seu, que é tio de outro, e tem ido visitar tambem o sobrinho. Diz ao sobrinho:

— Muitas boas festas, sr. sobrinho!

Que quer dizer isto?

Quer dizer:

— Que o seu tio se vá andando quanto antes e lhe deixe ficar os bens que tem, é o que mais desejo!

Depois diz tambem ao tio:

—Muito boas festas, sr. tio!

Ou é tolo ou está a cassoar com elles. Se o tio viver por muito tempo, não herda o sobrinho; e se o sobrinho herda, morreu o tio. Não ha saír d'isto!

Estamos n'um tempo perfeitamente de crise; só uma charada póde salvar um homem em taes apuros!

Pessoas ha, bem sei, para quem estas festas estão, como se lá diz, *a calhar*. Á sombra d'ellas fazem uma festa sua. É quadra de expedientes. Ha individuos que andam incubados pelo anno adeante, e, subito, do Natal dos Reis, sacodem o pó da preguiça e da modestia, e largam por ahi lêpidos a pregar das suas. É como se disparassem á gente por outras palavras este discurso:

—Eis a epocha dos perus e das peruas. Sinto vivos desejos de disfructar as sensações que tanto as peruas como os perus promovem em estomagos e palladares sensiveis; e lembra-me agora um meio agradavel, que é o de comprar com o dinheiro do meu amigo as regalias que o meu amigo não compra nem comprará jámais com o meu! A interpretação mais rapida do que seja a boa pratica de obsequiar, não é senão a de alguem valer a outrem; seja o meu amigo o alguem, que eu gosto mais de sêr o outrem!

De vez em quando, como exercicio do espirito e tentamen da sagacidade em acção, recorrem a meios graciosos. Vae, por exemplo, o patusquinho a casa de um bom homem, e annuncia-lhe que vae dar uma *soiréesinha*. As *soiréesinhas* servem quasi sempre para alguma coisa que não seja

exclusivamente o prazer da dança e do bello canto; é sabido.

— Uma *soiréesinha*, diz o patusquinho, sem pretenção, muito em amisade, mas bem frequentada! Ah! Por isso respondo eu; uma *bella roda!* As meninas taes, as senhoras sicranas, — ainda antes de hontem fez annos a mais velha, não estou certo se os jornaes o disseram, como deviam; — uma duzia de conselheiros e mais um para o gato, — quero dizer mais um para não serem doze á justa! os manos estes e suas garbosas manas, um pianista que não tem nada de mau... Já v. ex.ª vê que não o dispenso, e suas filhas, minhas senhoras; isso, por modo algum!...

— As pequenas andam constipadas...

— Qual constipadas! O defluxo é sempre um beneficio. A creatura assoa ao mesmo tempo o nariz e a doença que podia ter! Depois, bem abafadas...

— Querem capas novas...

— Dão-se-lhe. Todos conhecem a sua largueza de animo. Defluxo, assoar, capas novas, não ha doença que entre com isso. Agora, outra coisa... Quero pedir-lhe que me empreste o piano?

— O piano...

— Por aquelle pedaço de noite. Vae o piano de manhã para se collocar, bem limpinho, com o maior cuidado: serve ali para duas contradanças e para a serenata do... Gosta de serenatas?

— As pequenas devem dançar isso, creio eu.

— É cantado! Temos o tenor Natividade e o baritono Joaquim Maria Paiva: serenatas deliciosas! Na manhã immediata volta o piano e fica lá a minha gratidão... Mil vezes obrigado. Permitta-

me que o abrace! Até terça feira! Não vão tarde!...

— Mas onde é que mora?

— Ah! não lhe tinha dito? Rua tal, n.º 99...

— Preciso assentar isso...

— É o que eu ía dizer. Rua tal, 99, 2.º Novamente obrigado! E sobretudo não me falte com as meninas; seria o mesmo que prescindir das rainhas da festa...

E manda-se buscar o piano, e vae o piano, e compram-se as capas, e vae o conselheiro com as meninas ás nove horas da noite n'um magnifico trem que alugou com tempo, e ahi principiam a vasculhar os numeros, para baixo, para cima, que é do noventa e nove, onde está o noventa e nove, não ha o noventa e nove! e não ha a *soiréesinha!* e não ha, principalmente, o piano... que o patusco foi empenhar!...

E o pobre homem, com as filhas de um lado para o outro, correndo a rua em procura da serenata; apurando o ouvido na esperança de sentir o piano; e resmungando tristemente entre si:

— Quanto é singular! A phisionomia d'elle respirava a probidade... Mas viria cansado... e tinha a respiração curta!...

Ah! É um tempo sério, tempo de perigos. O cabelleireiro é fatalmente amavel por esta epocha, o correio trepa a escada muito depressa, os distribuidores dão *dom* á criada, os moços de botequim e porteiros de theatro sorriem-se maviosamente como que a pedir que lhes curem penas d'alma com pennas de perú... Um tempo sério!

As dadivas proprias da quadra diligenceiam adoçar alguma cousa a situação, — mas frouxamente.

Está tropega a moda de presentes, e vae caindo...

Foi a elegancia, foi a janotice que deu cabo d'isso!

Principiaram, para se dar ares de *high-life*, a metter á bulha os presentes uteis, e a estabelecer o uso de dar bonecrices que custam muito dinheiro. O resultado é que, quem não está resolvido a gastar quatrocentos mil réis n'um boneco, entende que o melhor é não dar senão um bilhete de visita, — e dá um bilhete de visita.

Em vez do boneco podiam dar, por exemplo, uma galinhola, que é delicioso, ou um queijito da Serra da Estrella, muito bom e barato. Mas não querem; pelo simples motivo de que o queijo ou a galinhola servem para se comer, e o boneco não serve para nada; entre nós o que não serve para nada tem sempre muita estimação!...

As broas, coitadas, bem puxam por si; mas estão só para o não chega! Em vindo o tempo das festas, sempre se fazem grandes projectos de dar este mundo e o outro; — depois, vão, a pouco e pouco, emagrecendo as intenções. Havia de darse um cavallo, o cavallo passa a garrano, o garrano passa a burro, o burro a burrico, e o burrico a cão de alcorce ou de algodão em rama!... Vae encolhendo tambem, encolhendo, a lista dos que hajam de ser presenteados, até ficar tysica: e quando chega a verdadeira crise, que é a entrada do anno, vem a philosophia — que ainda é mais doce que as broas — e diz pouco mais ou menos, consolando tudo:

— Dou um papelucho de broas, bem feitinhas, com muito cidrão, e está o caso arranjado!

As broas veem por consequencia a significar o seguinte:

—Isto é o mesmo que não lhe dar nada; mas faça você de conta que é um presente!

A AFRICANA

O tempo em que vamos tem umas poucas de pedras philosophaes, menos romanticas que a de edade media, mas nem por isso mais faceis de encontrar.

Ha quem ande na diligencia por descobrir remedios para as doenças que atacam os vegetaes de cultivo e os animaes domesticos, achaques teimosos que fazem desconfiar que a malicia da natureza, á proporção que se multiplicam os prodigios do genio, queira provar-nos que nem por isso se está mais adiantado...

Adoeceram as batatas.

Depois adoeceram as vinhas.

D'ahi a nada adoeceu o bicho de seda.

Nada d'isto verdadeiramente — para que hei-de dizer senão o que é? — me deu a mim cuidados sérios. Gosto de batatas, gosto de uvas — que são,

como o outro que diz, vinho... em pilulas! — e tenho pelo bicho de seda a profunda consideração que se tributa aos martyres.

O principal desasocego do meu animo, porém, foi observar que ía de repente a dar tambem o pêcco nos tenores!

Não porque eu os quizesse para prato, para copo, ou para fazer casulo; mas porque depois do copo e do prato, — bicho de seda áparte, — isto é, depois de jantar, é vivamente agradavel ir a S. Carlos ouvir cantar bem! Imagine-se qual seria a minha alegria, deparando-se-me o tenor Fancelli que faz maravilhas na *Africana!*

Teve, de mais a mais, a fortuna de logo se dizer bem d'elle. Na nossa epocha não basta ser forte n'uma especialidade qualquer, é indispensavel correr fama d'isso. Qualquer tenor se torna de bom em máu, se lhe derem a perceber que não o acham bom. É assim em tudo. Para quem escreve, para quem pinta, para quem canta. A maior judiaria que possa fazer-se a um talento, por occasião dos seus primeiros passos, é pôl-o em duvida de maneira que elle o perceba. Um homem notavel, um dos homens mais illustres do nosso paiz, contava que por uma zombaria, por um escarneo accintoso, iam dando com elle em doido; recebeu uma vez uma carta em que não se lhe dizia mais do que isto:

«O senhor é fraca coisa!»

No outro dia recebeu outra carta com as mesmas palavras; durante semanas foi recebendo outras pelo mesmo theor; por fim, não queria já aceital-as, e não recebia cartas de ninguem. Passado tempo, porém, appareceu-lhe o correio a en-

tregar-lhe uma que vinha do Brazil e a pedir-lhe os competentes 170 réis: o homem pagou, abriu a carta, e leu estas palavras, que lhe chegavam do Rio de Janeiro:

«O senhor é fraca coisa!»

Esteve a ponto de matar o correio, se elle não larga a fugir antes de algumas variações de bengalla.

Fancelli foi feliz; espalhou-se, depois de um ensaio, boa noticia a seu respeito, e na noite da recita não houve protesto algum contra o encanto d'aquella voz peregrina. É preciso não pedir a um tenor d'esta qualidade que tenha mais isto ou mais aquillo; tem o que tem; o que dá, é primoroso. É um pouco frio, é bastante frio, mas com uma voz tão bella, tão pura, tão alta, consegue dentro dos limites da sua arte dizer n'uma nota o que outro mais animado e sensivel, mais intrepido como actor, teria de ajudar com a expressão dos olhos, com o gesto, com o arquejar nervoso, com as lagrimas ás vezes. Os agudos da sua voz são admiraveis de limpidez cristalina e scintilante!

Tem-se dito que a nossa platéa é severa, é terrivel... O janota ali decide tudo ás vezes — e é o maior perigo. Que observador perspicaz poderá sondar os abysmos d'aquellas phantasias? Quem póde lisonjear-se de conhecer a fundo a natureza do janota? Que pintor habil apanhará aquella incerteza de feições? Caem a synthese e a analyse por si mesmas diante d'elle. Mette medo aos artistas, mette medo a tudo: os melhores, os de maior nomeada e mais seguros de si mesmos, os que hajam sido levados em triumpho, coroados de ouro fino, puxados a quatro tiros de admira-

dores, chegam aqui desconfiados e guardam para S. Carlos a melhor nota que têem ou a melhor pirueta; até já temos tido cantores celebres, que têem preferido estar constipados toda a epocha a apparecerem desprevenidos perante este respeitavel jury, e bailarinos que torcem um pé assim que cá chegam... para terem um pretexto de não dançar: lembrem-se de Montplaisir, da Grazini, do Tasca, da Pascal, etc.

Fancelli canta como aquelle Jourdain da comedia fazia prosa, *sem dar por isso.* Solta a voz ao abrir a bocca; e, quando a fecha, ficâmos nós de bocca aberta. Não me parece que seja o que propriamente se chama um pensador, um poeta, um philosopho; é um tenor. Não lhes basta? Bem sei que ha artistas que primam na habilidade com que compõem o seu papel, na consciencia com que attendem a todos os preceitos da arte scenica; mas, ás vezes, têem todos os requesitos, menos voz. É um transtorno. Antes tenham voz, do que cantem com os olhos e com os braços!

Havia um cantor que tinha por costume ser juiz de si proprio, applaudindo-se, criticando-se, e dando pateada a si em sendo caso d'isso, — porque para elle o publico e os jornaes não valiam nada. Tinha em casa um retrato a oleo, em ponto grande, d'aquelles magnificos retratos em pé que foram grande moda, e todas as noites ao recolher do theatro ía-se direito a elle ao atravessar a sala para ir deitar-se. Se tinha cantado bem n'essa noite, e havia tido poucas palmas, o cantor pespegado defronte da propria imagem comprazia-se em dirigir lhe muitos comprimentos, felicitando-a, consolando a, e protestando contra a indifferença da

platéa, que póde ás vezes dar cabo do melhor artista. Mas, em se dando o caso contrario, em lhe havendo succedido não ter estado grande coisa n'essa noite, o homem ficava implacavel, e — especado diante do retrato, a deitar chammas pelos olhos, e de murro fechado, — invectivava-o furioso:

— Faz-te tollo, fica-te de cara alegre no meio da parede em vez de te esconderes a um canto! Ah! cão! ah! cão! cantaste hoje como um biltre! Desafinaste, déste uma *fifia*, não houve *borracheira* que não praticasses! Merecias batata, em cima d'essas ventas! Se o publico houvesse feito justiça, tinha-te quebrado a cara, meu lesma!

Dito isto, e já contente por se haver castigado, ía metter-se na cama para poder ver-se applaudido em sonhos.

Fancelli é a seu modo um excentrico, como est'outro o era ao modo d'elle. Sereno, tranquillo, indolente, sabe que tem um thesouro na garganta — e, aqui para nós, em melhor estado do que o do paiz — e vae vivendo sem contrahir emprestimos com a alma. É um dos segredos de não fazer bancarrota! Fia-se, e fia-se bem, nos agudos da sua voz, admiraveis de limpidez.

E depois, que musica, a da *Africana!* que de qualidades singulares n'aquelle Meyerber, prendas de talento e de trabalho, que chegam a dar pena á gente de não se sentir bem no caso de poder examinal-as separadamente e na sua acção reciproca! Quanto mais se ouve, quanto mais se chega a alma para aquella opera, maiores bellezas se lhe descobrem. Sente-se um espirito de grande alcance, que viu na vida muito além dos prome-

nores da batalha de cada dia; que luctou sempre por querer achar o problema; organisação poderosa, temperamento altivo, vigoroso mas delicado. É inevitavel seguil-o, ir com elle, de rastos, levenos por onde nos levar; lá chega o momento em que ao estridor do trovão, succede a voz do poeta, melodia casta e grave. Avista-o a gente, enorme, collossal, no côro dos bispos; d'ali a nada sentese enternecer com a doçura innefavel, com a poesia matinal de todo o quarto acto; depois, chega aquelle preludio do canto da mançanilha, sublime de originalidade, de pittoresco, de sentimento de desolação, como que a sombra da morte a cair d'aquellas notas e dos ramos d'aquella arvore! Sente-se frio, emquanto as rebecas tocam isto; chega a parecer que se dão palmas... para aquecer!

Somos de ordinario uns ventoinhas; dizemos em lagrimas aos artistas quando vão partir: — «Então, assim nos deixam!» — e, friamente, quando elles voltam: — «Ah! já cá estão!» Fazemos lembrar a visinha com o pequeno do segundo andar; o pequeno ia ao andar de baixo á hora de jantar, e andava a brincar contentinho á roda da mesa; dizia-lhe a dona da casa: — «Já jantaste, Pedrinho?» — «Já jantei, minha senhora.» — «Que pena! Podias ter jantado comnosco! Punha-se-te um talher ao lado do menino!» Passados dias, Pedrinho voltou á mesma hora. A dona da casa fez-lhe a mesma pergunta: — «Já jantaste, Pedrinho?» — «Ainda não jantei, respondeu o pequeno.» — «Ora essa! Jantas tão tarde!...» Para a Fricci fizemos excepção, conservámo-nos fieis, e applaudimos como ha um anno esta cantora, admiravel

pela extensão de voz, pela pureza d'ella, e pelo fogo, pelo sentimento com que canta, sem que o ardor da sua inspiração seja nunca trahido pelos recursos de que dispõe.

Toda a gente fallava de Cotogni antes da abertura do theatro. Vae Pandolphini o que fez a isto? Em vez de se calar, — cantou. Cantou, e ficou dito tudo. Grande voz, e grande estudo durante os ultimos annos; homem elegante, de boa apresentação, de largos recursos artisticos, talento e trabalho — duas forças. Conhecemol-o em tempos, quando elle principiava carreira. Esteve em Lisboa com Beneventano. Beneventano queria-lhe bem, gostava d'elle, considerava-o; Pandolphini conservava-se modesto, timido, suave, a seu lado: unicamente, quando largava a voz, parecia... um desafio. Beneventano sorria-se com a magestosa serenidade dos deuses, e scismava... Logo depois d'essa estação de Lisboa, principiou a fama a acompanhal-o e foi conquistando as suas glorias de theatro em theatro. Hoje, Pandolphini voltou melhor; tinha o instrumento, hoje sabe já usar d'elle: a voz tem a mesma força, o trabalho educou-a. Receava-se que por parte do barytono esta epocha fraquejasse; é elle ao contrario um dos melhores esteios d'ella; estava a patria perdida com a ausencia de Cotogni, está salva com a presença de Pandolphini — *renascentis pater patriæ!*

A sr.ª Cortese fez de Ignez. É uma voz com bonitos olhos e bons cabellos. Um incommodo de saude, que ella parecia indicar tossindo, privou-nos de poder aprecial-a no que definitivamente valha; mas já não é pouco ser tão gentil e sympathica. Falla grego, ali onde a vêem. Tem estado

muito tempo na Grecia, e morre por ella. Não tem apenas o culto sabido pela antiguidade grega, tem estima invencivel por essa nação tal qual é hoje. É bom que os previna d'isto, para estarem avisados se conversarem com ella. Ha gente para quem a Grecia nunca teve outro deus que não fosse a força; que é de voto que ali o *venha a nós* alimenta sempre a riqueza particular... e a publica; que não se faz caso por lá de quem trabalha; que se desconhecem as noções do que é justo e do que o não é; que ninguem por lá tem amor de patria, nem culto pela familia, nem respeito pelas mulheres. Se lhe fallarem não cáiam em lhe dizer nada d'isto; em vez de a verem a ella na Grecia moderna, vejam n'ella a Grecia antiga; e benzam-se, porque é uma tentação. Da estatuaria grega dizia Themistocles: «Não póde olhar para as estatuas das nossas praças quem quizer conservar-se casto.» Vejam que homem! D'esta Cortese agora, lhes digo eu: — Não olhem muito para ella, se querem continuar a ser prudentes!...

HERCULANO MACHADO

Principiei a conhecel-o em bom tempo, — se não entra n'isto a illusão natural que sempre nos leva a suppôr que era o melhor de todos o tempo em que se tinha vinte annos. A verdade porém é que me parece que o sol luzia mais e que a primavera tinha mais encantos e mais frescura, n'aquella epocha de 59 ou de 60 em que encontrei Herculano Machado, — e que em tudo até, nas salas, nas letras, nas artes, no theatro, se sentia outra vida, outro impulso, e um calor que a gente procura hoje e não acha. Vejam só, de repente, uns poucos de nomes que me lembram agora, de alguns dos que por cá andavam e que já não vivem, Francisco Bordalo, D. João de Azevedo, Soares de Passos, D. José d'Almada, Rodrigo Paganino, Rebello da Silva, Arnaldo Gama, Van-Deithers, Metrass...

Este ultimo era justamente uma das predilecções artisticas de Herculano; ainda em sua casa, nas ultimas vezes que ali fui, vi a gravura do quadro — *A leitura de um romance*, que era o encanto d'elle. Uma lindissima obra, na verdade; um d'esses trabalhos em que a poesia é tudo: sombra vaga, visão melancolica, sonho do outomno; quadro em que a simplicidade é o melhor titulo, e que produz o effeito de uma estrophe de Garrett ou de uma melodia de Bellini, que em ambos foi a singeleza um dos segredos da sua gloria. Uma mulher de vinte annos, brandamente recostada e toda entregue á leitura de um livro: creatura formosa e suave. A luz frouxa e debil do dia que está expirando, a penumbra voluptuosa que envolve aquella doce figura, a attitude d'ella, a collocação do livro, a attenção devoradora que presta á leitura, dão graça e tristeza romantica áquella simples scena. Deve ser interessante e formoso o livro que essa mulher está lendo, algum poema de affectos como os que entretêem a imaginação no entrar da vida, quando ainda a alma se assusta ao conhecer Lélia; tem o dom, tem o poder de nos fallar, aquella figura de mulher, das horas perdidas por um olhar, dos annos perdidos por uma idéa; falla de tudo isto, esse quadrito, mas não falla d'isto a todos — mesmo porque ha almas n'este mundo para quem tudo isto são segredos tão impenetraveis como para as vistas dos europeus os harens dos pachás da Asia.

Quem o quizesse ver contente, era fallar-lhe de pintura; n'elle este gosto provinha do temperamento, da vocação, e não, como ás vezes succede, de querer dar-se ares. Ha sujeitos que são inatu-

raveis com a mania das artes, e que chegam a despertar nos outros vontade de embirrar com esse tal dom prodigioso de pintar uma arvore, ou fazer figuras de pedra. A prosapia, prenda infalivel da mediocridade, perde quasi tudo: os talentos, esses, são modestos, singelos, orgulhosos sim, que não ha talento nem caracter sem orgulho, mas isentos de philaucia e de presumpção. Herculano era um amador, simplesmente um amador,—mas são estes ás vezes os mais perigosos, e os que mais timbram em decidir de tudo, antes de se haver decidido ainda alguma coisa a respeito d'elles; raça abelhuda e impura, dos chamados *curiosos*, que cantam sem voz, tocam sem aprender, passam por litteratos sem a lucta, sem as amarguras e até sem a decima da profissão, e nas artes dispensam-se, sempre que podem, de passar pelas exposições e tratam de saltar para o jury; maior triumpho, por isso mesmo, em se differençar d'elles.

Era um burguez de mistura com um artista; quando digo um burguez não quero dizer nada inferior, quero dizer bom homem, homem capaz,—no sentido portuguez da palavra e não no que parece significar n'alguns, *capazes*... de tudo! —intelligente e probo, e não comprehendendo siquer as vaidades dos que vivem da affectação, e que até, quando recolhem á noite, creio que se deitam por baixo da cama... para a deixarem pasmada!

Os seus desenhos, os carvões, as paizagens, os retratos — muitas vezes notados e louvados pelos competentes — eram para elle entretimentos que viviam, por assim dizer, na margem das occupa-

ções principaes da sua lida. Chegava a casa, moido de trabalhar, — e testemunham todos os seus collegas do caminho de ferro a actividade de que era dotado — vestia o seu casaco branco, jantava, fumava dois cigarros, e em tendo léo ia-se logo aos pinceis, dando-se a isso por adoração, mas seguindo sempre, em quanto lh'o deixaram, outros lances de carreira mais positiva e mais rendosa; — artista de portas a dentro.

Era uma boa natureza, séria e leal; alegre, quando o caso o pedia, farcista até, por excepção de rapaziada, uma rara vez ou outra; lembra-me uma historia, por exemplo: haverá quatro annos escrevi um folhetim a respeito das varinas, tratando-as com o amor que pude; descrevendo-as como raparigas esbeltas, donairosas, parecendo figuras tiradas do marmore, de olhos grandes e limpidos, cabellos magnificos, saia curta de baeta azul, manga da camisa arregaçada, vestidas apenas o sufficiente para não andar nuas — o que nunca é feio no verão... e mesmo no inverno para uma creatura moça, ou que tenha ar d'isso. Dias depois recebi uma extensa carta que principiava assim: — «A varina de pé calloso e perna felpuda, saracoteando-se sob o peso da canastra de sardinha, cujo perfume impregna toda a sua *toillete*, só póde ter logar no teu gabinete pintada a oleo pelo Annunciação. Põe-a lá em toda a perfeição da sua verdade e tens logo a visita do delegado de saude, a requisição de toda a visinhança empestada.» E assim por diante, de *piu forte in piu forte* como Paganini... Era Herculano Machado, que tinha ido jantar com Miguel Queri... — adivinhem o meu antigo amigo... Não digo; podem

as varinas fazer-lhe mal! — e ambos, entre a pera e o queijo, haviam-se entretido a fazer-me ao folhetim a contrariedade, como se diz nos tribunaes. No folhetim immediato publiquei-lhes a carta, e rimos do caso todos tres.

Alguns bons amigos alegraram por muito tempo o espirito, um pouco propenso á concentração, d'esse homem que pareceu sempre ter o presentimento do seu destino, como de ordinario succede aos que têem por sorte morrer moços. Seduziram-o um dia por tal fórma alguns trechos da *Paquita* de Bulhão Pato que o poeta lhe recitou, e em tanta maneira o encantaram os dotes do poema, a belleza por assim dizer musical, o desdem e abandono apparentes em contornos firmes, a antithese perpetua de ternura e de epigramma, as profundezas entreabertas pela varinha do condão da poesia, que quiz ser elle o editor d'essa encantadora obra, e prendeu-se da mais viva estima á curiosa individualidade de Bulhão Pato, talento que parece provir de elementos os mais oppostos, imaginação ardente e razão intrepida, melancholia de trovador e riso de extravagante, meiguices de adolescente e impetos de brigão.

Os pintores curiosos costumam quasi sempre dispor a casa em que trabalham com certa elegancia premeditada, como que para dar feição artistica ao scenario do lar; especie de sala de museu, bronzes, loiças, armas curiosas, bonecos velhos; ali, não: dois ou tres quadritos, e ao meio do quarto o cavalete e a tela. Conversava-se, discutia-se; elle ia pintando.

O pintor Marciano foi em todo o tempo o seu

grande mestre, e um dos seus melhores amigos. Attrahia-o a natureza generosa e sincera d'este artista, a franqueza de caracter um pouco rude, que ainda mais lhe augmenta o impulso das paixões, expansivo, jovial, todo elle espontaneidade fulgurante. Marciano aconselhava-o, admoestava-o, ensinava o; depois fazia-lhe macarrão á italiana, com um abundante *estofado*, e no fim do jantar cantava-lhe uma aria, ou uma opera inteira, entoando de tenor, de baixo-profundo, de dama, de córos, de tudo. Marciano era para elle uma torrente a deslisar por um declive: não havia resistir, levava-o!

Nos ultimos annos esteve sempre doente, e viveu pregado á cama mezes e mezes. Ao principio o illustre operador Barbosa valeu lhe ainda com os prodigios da sua aptidão; o mal pareceu ceder; como que iam a voltar-lhe a pouco e pouco o sentimento e a alegria; era em março, ía entrar o verão, os dias formosos do anno ajudal-o-íam a arribar. Vieram porém, d'ali a pouco tempo, os golpes da desgraça; viu-se desempregado, sem animo para tentar carreira nova, entristeceu, adoeceu de novo, caiu.

Animava-se ás vezes, andava até á sala, pintava, conversava singelamente, chãmente, evitando sempre referencias á magoa que o minava. A morte parecia não ter para elle grande significação; affiguravam-se-lhe leves e passageiros todos os lances; era como se applicasse á vida terrestre as esperanças de resurreição e de existencia purificada, que dão força á gente para supportar os males. No mais, nem ambição, nem illusões, nem esperanças.

Sua mulher, sem o desamparar um instante, tratava-o com uma solicitude immensa.

Estava por fim tão abatido, que vêl-o fazia dó; tão fraco que mal podia articular uma palavra ou outra. Não sabia quasi do que ía pelo mundo. Era como se já não devesse tornar a vêr a maior parte dos seus amigos, senão no céu.

Tremulo pelo cançasso da doença e pelo golpe da desgraça que devera tel-o despedaçado logo, perturbado pelo enxame de idéas que se agitavam n'aquella cabeça a arder, e pelos sonhos que forcejavam por abrir as azas captivas, exaltado ás vezes pela indignação que se apoderava de todo o seu ser, sem poder trabalhar, sentindo fugir-lhe a luz, avistava proxima a morte.

Poderia ter vivido ainda mais algum tempo, e talvez salvar-se; mas para isso era preciso paz, consolações, — e dinheiro: o dinheiro é tudo e dá tudo, força, virtude, e vida. Iria viajar, distrair-se, respirar, aos Piryneus, á Suissa, a Nizza maritima, *Nizza maritta!* Mas, não o tinha; e não houve remedio senão ir puchando na quadra exactamente em que as arvores vão a dar fructa e as roseiras ainda dão rosas...

Era pouco conhecido. Não tinha d'essas nomeadas triviaes, que se cifram em que muita gente conheça de vista um homem; mas possuia a estima dos que o tratavam de perto: — gloria discreta, cuja luz tibia caía como a claridade pallida das egrejas n'aquella alma boa e serena; gloria modesta, cuja ultima chamma se apaga com o ultimo cirio!...

QUINTA FEIRA MAIOR

AO DR. J. A. ARANTES

Onde se encafurnam n'este dia os philosophos? Anda toda a gente pela rua, e não ha vêl-os a elles! — ou, para dizermos melhor; andam elles tambem, mas descem n'este dia do seu cavallinho de pau de philosophos, e vão, como todos, ás egrejas!

Quantos são ao todo? Não sei: Poucos, creio eu. Apenas um concertito de desafinados, que leram umas coisas aqui e ali; uns que fallam do bem e do mal, e de outras vezes affirmam que não ha mal nem bem e que tudo é porque é; outros, que mettem á bulha quem faça distincção do homem ao animal, o que os não tolhe de arengarem a respeito da justiça, da liberdade, e da razão, sem quererem observar que se deveras não passâmos de animaes deve a razão do mais forte

ser a melhor, e considerarem-se como as mais rectas as doutrinas do lobo da fabula; d'aquelle lado da rua, passam uns que apregôam por verdadeira moral a moral do interesse, o mesmo que dizer que o melhor de tudo é cada um matar o pae para herdar mais depressa; — á direita, encostados á esquina, estão esses, contentes de terem lá um livro em casa, no qual um sabio fulano dá por acabadas as anciedades da especie humana, annunciando que o destino da gente é ir passeando de estrella em estrella até chegar á perfeição; — um ranchinho, acolá, inclina-se de preferencia ao que um amigo lhes contou haver lido uma vez n'um jornal do Gremio, e vinha a ser que não se morre, e que ainda uma pessoa não está bem debaixo da terra já a carne se lhe torna em pó, o pó em flôr, e a flôr em fructo: — Vê aquella espiga de trigo? Chamava-se José Manuel. — Este pepino era empregado na alfandega. — Aquelle pé de nabiça foi archeiro: somos immortaes; o nabo ha de ser comido pelo boi, que será comido por nós, que viremos a ser centeio, feijão verde, e assim por diante! — Estão as mães a chorar pelos filhos, e os filhos na vagem feitos legumes fresquissimos ou mudados em hortaliça! — outros, ainda mais recentes, não lhes cae no chão a idéa de que a humanidade haja destronado Deus, visto haver caminho de ferro e telegrapho electrico, e ahi rompem em hymnos de lyrismo industrial, destempero soberbo de harpas éolias e machinas de coser!...

Mas a nossa gente — a que propriamente é a nossa gente — nem os ouve bem, nem percebe lá muito o que elles dizem.

— Aboliu alguem, lá por fóra, a dôr? Sabem os senhores a que terra havemos nós mandar buscar o chloroformio para as torturas da alma? Se isto vae a melhor, digam-nos se ha menos amisades trahidas, menos dedicações mal pagas, menos injustiças e menos miserias? Que grande bem nos faz poder-se mandar em tres minutos um recado ao imperador do Japão e a idéa largar logo a correr assim que nasce? Qual idéa? Que idéa é?! Está-se vendo que o homem domina tudo; está dito; mas, por que não se domina a si?

E vae-os levando, sem elles terem animo de reagir, vae-os levando hoje na onda, de rua em rua, de templo em templo, a gente boa e singela, a gente portugueza, que foi creada aqui. Tem a felicidade de ter fé, de não entender que o *fiat lux* esteja na luz electrica, de se conservar modesta para com Deus, de acreditar na Providencia, na immortalidade, de acceitar os mysterios, de querer inspirar-se mais do que sente que do que pensa, de não cogitar de philosophos e não pensar nunca em ler o Spinosa — e mais esse era portuguez — de não gostar que se disseque a alma em discussões, de estimar ter acima de si e dentro de si dupla auctoridade, duplo freio e dupla lei pelo simples facto de crer em Deus e de attender o que lhe diz a consciencia!

É gente talhada á antiga, mas é boa. Gosta de egrejas e visita n'este dia quantas pode. Desde domingo de Ramos não se ouve logo de manhã de janella para janella se não dialogos do theor d'este:

— Já foi á missa, visinha?

—Fui á das oito, a Jesus. A egreja está já tão bonita!...

Lembram-se que a primeira visita que fizeram foi á egreja, logo que vieram ao mundo, para se baptisarem e ficarem cá; e lembram-se tambem de que por lá hão de passar em morrendo. Depois,(quem ha que nunca experimentasse em certas situações, nas horas negras da existencia, nas crises de desalento, o grande allivio de ir inclinar a fronte deante de um altar, ficar-se aligeirado do peso da vida, e sentir-se leve como o apostolo que caminhava por cima d'agua!? De mais a mais as egrejas em Portugal não estão abertas se não pouco tempo de manhã, até ás dez, onze horas o muito,—e nunca á noite, que é quando a gente precisa mais d'ellas. O socego imponente, o vago aroma do incenso que ainda ficou das ceremonias, o echo que repete os ais—como que a vir dizer-nos que fomos ouvidos na altura, e mais que tudo o succeder da paz á agitação em que se anda, a volta d'affectos a coração que estava dado por morto,—grandes jubilos, jubilos ineffaveis que vivem acima do mundo, entre a terra e o ceu!

Ninguem n'este dia fica em casa. Por ahi andam bem engommados, vestidos de novo, quasi todos de preto. Um ou outro dos que passam de carruagem talvez gyre para se mostrar; o povo vae a pé, e é para ver. A religião para elle não é ainda um capitulo de folia. Quando considera o machinismo do mundo, conclue que isto não se fez sósinho; sentindo que ha Deus, não vê motivo para duvidar da existencia e da divindade de Jesus Christo, não lhe parece estranho que Deus o mandasse ao mundo, nem aspira a ser mais enten-

dido do que S. Paulo, e explicar bem Deus sem elle!...

Se me perguntam pelos que chamam burguezes, com que tanto se costuma brincar,—francamente, a minha opinião é que burguezes somos nós todos; é um pouco o feitio e até o caracter que temos: ha-os mais altos e mais baixos, mais grossos e mais finos: mas, bem observados, sômol-o todos por cá — e nada teria de mau ser assim, se não tivessemos a mania de fingir ser outra cousa. Se querem, porém, saber dos mais caracteristicos, chefes, modelos, eu lh'os mostro. Trazem ao peito e nos dedos todos os seus ouros, correm a cidade inteira n'este dia, ouvem aqui um officio, além um sermão, preferem as festividades onde haja, como elles dizem, instrumental, e, ao recolher lá para as onze da noite, moidos um pouco, e resolvidos a ir com a familia petiscar a alguma casa aceada, encontram um amigo tambem de cordão ao peito, anneis nos dedos, e amendoas no bolso, que os convida a tomar *um café*.

—Qual café! Isso é lá cousa em que um homem pense!

—Nas lojas não ha só isso. Póde servir-se a madama de um copinho de licôr, e o meu amigo escolherá para si a bebida que mais fôr do seu agrado!

—Bebida do meu agrado é saltar já n'um prato de favas com chouriço mouro, emquanto não chega a meia noite!

—É bem dito. E aviemos com isso, para não cortar o jejum de ámanhã.

Entram; emquanto o criado põe a toalha e os

talheres, corre a conversação a respeito das festividades da época; — com o apparecer das favas desfallece um pouco a narração. Um d'elles tirou a sobrecasaca que pendurou n'um cabide, e deu o alfinete da gravata a guardar á esposa, não fosse o caso de lhe caír no prato. Tudo alegria n'essa hora. A alegria é santa. É a riqueza do povo e das creanças — a melhor gente. Conversam de bocca cheia, tiram o pão uns aos outros por galanteria, e, quando as mulheres já se estão a benzer para a retirada, diz um para o outro:

— Homem, eu gosto de ver a minha familia benzer-se sempre sobre a comida!

— Louvado seja. Eu tambem a herejes não dou pão.

— Ainda que seja uma simples petisqueira ha sempre logar para que se faça o signal da cruz!

— Apoiado! Até o dragão fugiu d'elle!

— O quê?

— Digo qne até o dragão se intimidou!

— Qual dragão?

— Um dragão. Animal grande. Eu da *botanica* não estou muito ao facto, mas já o tenho visto pintado. O certo é que de uma vez...

— Peço a palavra. Vamos a outra garrafita?

— Venha!

Chega a garrafa; o narrador prosegue:

— O dragão estava n'uma toca, que é o costume d'elles, e precisava sempre de ter victimas para dar ao dente — se não ia tudo raso. A gente dos sitios fazia-lhe presente dos viandantes que apanhava para se ir entretendo com elles, e o dragão destruia-os em menos tempo do que nós levámos a partir o chouriço mouro. De uma occa-

sião passou uma rapariga; os do logar prenderam-a a uma arvore, defronte da cova em que elle vivia. O dragão saiu do buraco, e viu-a. A rapariga fez o signal da cruz, e chamou por Nosso Senhor. A este nome e a este signal, fugiu espavorido o monstro, a soltar rugidos, e voltou para a caverna de onde nunca mais saiu.

— É notavel! Vamos embora!

— Que fica a fazer aqui este resto das amendoas torradas?

— Mette-as n'uma ponta do lenço! diz um d'elles á filha.

É-se mais feliz assim. Dizia o Garrett na *D. Branca:*

> Maldita seja a ruim philosophia!

E dizia bem. Deve ser mau o homem que faça ostentação de não ter crenças e possa olhar sem se commover para o Christo, typo agonisante das desgraças da terra, emblema da humanidade, symbolo de todos que nascem para a esclarecer. Segue-o a gente até o throno do Calvario, e vae vendo o caminhar da humanidade de seculo em seculo, de periodo em periodo, resumido por um genio que não resgata as culpas d'ella, mas que as expia. Cada passo que se dá na vida, é tambem um passo que se adianta nas dôres; e em toda a sua carreira tortuosa não houve dôr por que Jesus Christo não passasse: ultrajado, vendido, soffrendo fome, sede, frio, chorando, pedindo, até ir de tormento em tormento morrer como escravo na cruz em que perdoou. Tinha direito a maior supplicio por ser maior que os homens. Não teve na vida homenagem que fosse digna d'elle, daram-

lhe a da morte, crucificando-o; mas,—principiou ahi o seu culto!

Deixemos o povo pensar e sentir a seu modo; é mais feliz assim. Não é preciso demorarmo-nos a explical-o,—mesmo porque a religião é cousa muito sublime para se fazer entrar em divagações ligeiras e até em poemas cujo assumpto não fôr ella mesma ou algum de seus dogmas como no *Paraiso perdido* de Milton;—a verdade porém é, que vive melhor e mais nobremente a gente que não tem gosto em duvidar, que prefere ter tudo previsto, seguro, viver na idéa de que a terra se estreita ao ceu, ser a tradicção, ser o futuro, ter consolações para os soffrimentos, e solução infallivel para o terror que inspira a idéa do que ha de vir depois d'isto,—o destino das creaturas depois da morte!...

NO MAR ALTO

Hia dando logar na viagem a uma revolução a bordo. Foi caso grave. Por muito tempo ainda se ficou citando nas conversações da tolda aquella noite memoranda... Largára o vapôr; era tudo confusão, gritaria, ordens do commandante, suspiros dos passageiros. A mulher da barba procurou logo o beliche que lhe estava destinado pelo numero do bilhete de passagem, levou para lá o sacco de viagem, e metteu-se logo na cama, muito a seu commodo, deitada de lado, voltando as costas para o beliche fronteiro, onde ainda não estava ninguem.

Havia vento. Uma onda menos cortez alagou a prôa. Algumas pessoas tinham marcado logares na tolda, pondo um objecto qualquer — lenço de

assoar, occulo, chapeu de sol — em cima dos bancos: outros estavam já sentados; veiu um furacão, que virou tudo. Toda a gente gritou — «Ah!» — á excepção do capitão que disse — «Oh!» — e dos homens do leme, que não disseram nada. O mar engrossou; refrescou o vento cada vez mais; era ao cair da noite; a viagem tomou aspecto atterrador: — os passageiros, lividos, cambaleantes, descêram conforme poderam aos seus camarotes.

Depois de por algum tempo procurar o numero do seu, encontrou uma senhora bonita, moça, viuva — o beliche que lhe estava marcado; entrou tremellicando de frio e ancias, despiu-se, deitou-se.

O camarote tinha dois beliches; no outro estava já uma senhora, embrulhada na roupa, dormindo. — «Feliz! disse entre si a recem-chegada. Feliz, que dormes!» — A noite poz-se horrivel. O costado do vapor produzia sons roucos e medonhos, ao cair sobre as ondas depois de atirado ao ar por ellas; cortavam apenas o estridor do vento os assobios de bordo; reppelliu uma onda mais forte com tal vehemencia o barco, que a senhora deu um grito e olhou para a companheira, que accordára e se mechêra n'esse instante. O grito, porém, suspendeu-se-lhe na garganta, emquanto lhe passava nas veias o frio do terror: — acabava de vêr a seu lado, deitado no outro beliche... um homem!

Gritar, pedir soccorro, invocar o respeito das leis, mandar sair d'ali o atrevido que assim fôra deitar-se defronte de uma senhora, — eram os seus desejos, mas teve medo; elle tinha umas barbas, que vista á luz bruxuleante da lanterna de bordo lhe davam o aspecto de um d'aquelles piratas das

lendas... Suffocada, tremula, já cuidava a cada movimento do mysterioso personagem haver chegado o instante da vergonha ou da morte, a si propria perguntava o que poderia haver originado esse acontecimento funesto, e ía abrindo na inquieta reminiscencia um indice salteado de todas as volubilidades e ingratidões da sua vida, que podessem haver motivado aquella vingança.

Toda a noite, nem uma palavra. De manhã quando ella se vestia, o incognito — sem a perseguir com vistas indiscretas — reclinava suavemente a cabeça na almofada; destacava sobre a alvura dos lençoes a comprida barba preta. Abriu a porta do camarote, e demorou-se momentos a contemplal-o: — «Que bonita barba tem, o malvado!» Depois, com intrepidez, correu a queixar-se ao capitão. Quando elle lhe aconselhou que fosse deitar-se outra vez, que não tivesse escrupulos, que estivesse a seu commodo — cuidou sonhar. Hiam passando d'essa occasião dois marinheiros; o commandante baixando a voz, disse-lhe ao ouvido — «É a mulher da barba! a mulher da barba, que anda de terra em terra! a mostrar-se!» — Ella então serena, tranquilla, voltou ao beliche. Foi-se despindo de vagar, de vagar, como que envergonhada agora do susto que tivera; e, olhando para a companheira — deitada em attitude elegante e facil que deixava sobresair a barba linda, assedada, espessa — pensou: — «Porque terá ella barba? Os orientaes, em casando, não rapam a cara nunca mais; a barba é a força; e esta que estou a ver, longa, magnifica, é de uma mulher! Oh! meu Deus, quem me diria!» Depois com um suspiro: — «Prosaico, cruel capitão! Chega a parecer-me que es-

tou com pena agora de já não ter medo, e que mais valêra que elle me houvesse confirmado no engano...

A mulher da barba ía dormindo.

UM ESCULPTOR

Se elle cantasse, ninguem estranharia que eu escrevesse a seu respeito; — mas, não canta. É esculptor. Até o leitor ficará bem contente de escapar, hoje ao menos, de que lhe fallem de alguem de theatro!

Quasi sempre os que escrevem a historia dos artistas costumam celebrar a aptidão precoce, que logo á entrada da vida os revelou. Em se tratando por exemplo de pintores, é sabido que sempre nos contam que elles em pequenos passaram os annos tenros a encher de desenhos e garatujas inspiradas as margens do compendio por onde estudaram as primeiras letras. Deverei poupar docemente ao leitor a reproducção d'essa phrase trivial, ou ir-me com denodo renoval-a uma vez mais? A verdade da chronica é que Sighinolfi em pequeno farruscava os muros com composições do seu engenho,

e não havia parede em casa onde elle não sarapintasse, por uma lei fatal da vocação, uma *madonna*, ou duas, por dia.

A questão das origens é sempre interessante na carreira e na obra de um artista; consagremos algumas linhas aos primeiros ensaios, ás tentativas hesitantes, debeis, que marcam o ponto de partida.

É filho de um fabricante de orgãos, de Modena, que nem lhe escolheu a profissão nem lh'a contrariou. Via que o pequeno denunciava a cada instante predilecções pela arte, e dizia ás vezes aos seus amigos:

— O meu rapaz tem sua queda para as artes!

— Toca?

— Não.

— Faz musica?

— Tambem não.

— Querem ver que pinta?

— Tem a mania da esculptura!

— Mania sublime! diziam-lhe os amigos.

— Se tiver talento.

Um d'esses amigos era um professor de esculptura, Mainoni.

Mainoni, passado tempo, encontrou uma vez o pae de Sighinolfi.

— Diz-me cá, o teu filho ainda tem aquella mania?

— Qual mania?

— Não me disseste que tinha queda para as artes? Que queria ser esculptor?

— Disse.

— Pois vamos a isso!

— Vamos ao quê?

— Vamos a fazel-o esculptor! Manda-m'o lá para o meu *atelier!* — para o meu *studio* como se diz em Italia.

O pae chegou a casa e interrogou o pequeno:

— Queres ir estudar com o Mainoni, Cesar?

Á creança brilharam-lhe os olhos.

— Se quero! exclamou; e, como a pittonissa, tremia-lhe todo o corpito pelo deus que sentia em si, como se vibrasse na sua alma a alma da arte e a do mundo!

No dia immediato foi para o *atelier.*

Mainoni era um velho artista, homem talhado á antiga, methodico, convencional; fel-o trabalhar sem descanço nem misericordia, austeramente, conscienciosamente, principiando bem... pelo principio, demorando-se n'isso, causticando-o com toda a practica pesada para poder ir do menos para o mais e não se arriscar a ir depois do mais para o menos, querendo que elle fizesse tudo quanto de alguma maneira vivia intimamente ligado com a profissão que ia exercer: o rapaz manipulava o barro, o rapaz preparava o gesso, o rapaz aprendia a tirar as fôrmas.

— Sim! dizia-lhe o velho. Isto assim é que deve ser. Cança-te, moe-te, trabalha; é para teu bem. Pódes achar-te algum dia n'um paiz em que não haja *formador*, e é util que saibas *formar* o teu trabalho!

O pequenino artista obedecia, lidava, e ora sonhava com a gloria ora com a alegria — que é tambem a gloria da mocidade, o brincar, o divertir-se, o saltar, pular, brigar, vencer. Estava no estudo muito quietinho, porque o velho italiano não entendia o caso senão a serio, — mas quando, á hora

da saida se libertava do gêsso e da greda, era um vivo diabrete, um inferno, um terramoto por aquellas ruas, como que ensinando aos outros rapazinhos, ao professor, e a Modena inteira que coisa era ter quinze annos.

Por esse tempo, em 48, a familia procura-o um dia pelas casas todas na segunda festa de Paschoa, e não o acha. Onde está o pequeno, onde não está o pequeno,—não ha dar com elle. Estava no campo, com a columna modenesa, a bater-se.

Isso foi de algum modo o entrar propriamente na pelle e na vida de homem. Os mancebos hoje costumam aprender o que se lhes ensina para fazer exactamente o contrario: é a indole moderna; elle não levou tão longe a sua resolução, mas quiz libertar-se um pouco das velharias de escola do professor de Modena — bom homem, e aliás homem de merecimento, de quem hoje o artista, em toda a madureza do talento, conserva a melhor lembrança citando-o como a um bom mestre e a um bom amigo; foi para Florença dar a direcção verdadeira á sua vocação, que era bastante como promessa mas nada ainda como gloria definitiva, e entrou na academia para estudar devéras.

Parece que os assumptos complicados lhe não intimidaram dentro em pouco tempo a audacia. Tentava-o a difficuldade, comprazia-se n'ella. Vejo por differentes noticias a respeito de trabalhos seus, que não tardou muito que começasse a ser conhecido. É de crer que fossem ainda irresolutas, indecisas, as suas primeiras obras. As artes são como uma lingua qualquer, que por melhor que se aprenda sem a pratica de a fallar não é possivel fazer uso d'ella; o que dá propriamente

caracter, feição, individualidade, — o que dá a marca, por assim dizer — não é natural que já existisse; mas a pouco e pouco iria o desenho sendo mais forte, depois viriam as noções archeologicas indispensaveis tantas vezes aos accessorios — execução em que o artista de hoje me parece notavel — e o sentimento que a edade traz, e o transformar-se da habilidade em talento propriamente, em força de conceber, e de executar.

Nos trabalhos que agora trouxe — depois de haver já affirmado o seu talento por muitas obras em Italia e por algumas que em differentes epocas tem executado com destino á côrte de Portugal, observa-se completamente o vigor, e o esmero de um artista em plena força de inspiração e senhor de todo da sua arte.

São tres esses trabalhos. O retrato de sua magestade a rainha: — O amor patrio: — A reflexão no estudo.

A phisionomia original, singularmente interessante da rainha, só um artista de grande distincção conseguiria entendel-a e represental-a, sabendo dar o raio luminoso, o tom superior e audaz, e tambem o reflexo de melancholia, a distracção sonhadora, contrastes e antitheses de uma natureza finissima, de uma individualidade subtil. O retrato tem as duas condições: a similhança, e o sentimento d'arte; é a mesma expressão de semblante, os cabellos oppulentos e magnificos, o sorriso levemente vago, o collo esbelto e soberbo: é a rainha na sua formosura, na sua rara distincção nativa, — e é tambem uma obra de estatuária, a realisação de um ideal, o que quer que seja além de um retrato, a chamma e o cinzel, a vida e a arte.

O *Amor patrio* é um militar: um official; nas letras, não sei se já alguma vez repararam n'isto, o soldado parece maior, mais poetico do que o official: na pedra... é como no mundo, o soldado parece sempre mais pequeno; por isso decerto o artista preferiu para a figuração da sua idéa um official, segurando em uma das mãos a bandeira, e com a outra erguendo a corôa da victoria e do amor da patria. Não o vemos no fragor da batalha; está figurado depois da peleja: fez a guerra, defendeu a bandeira, conquistou o triumpho. Não é o militar legendario das estampas, desafiando o inimigo com a bandeira e com a espada na pompa espectaculosa de accionado com que até ás vezes o vemos representar no Circo, quando o *écuyer* symbolisa a scena correndo, de pé, a todo o galope, sobre o seu cavallo; é o militar sério, consciencioso, positivo, o militar bom homem, o militar portuguez.

O terceiro trabalho, — uma maravilha, uma joia, o que ha de mais encantado em idéa e de mais raramente conseguido, é a *Reflexão no estudo*. Um rapazinho com o seu livro e as suas idéas, embebido todo na lembrança do que leu. Não o vemos de livro aberto, debruçado em cima de uma pagina, na expressão mais commoda de representar quem estuda: leu já, está reflectindo; vê-se isso na serenidade, na concentração, no tom que o pensamento dá á physionomia; vê-se até no labio inferior, que estremece com o balbuciamento instinctivo de quem está a ponto de acompanhar pela palavra a idéa que agita na memoria. É um adolescente, a edade mais difficil de expressar para a arte; um rapazinho diligente e timido, que tem

na fronte a altivez e a innocencia da creança-homem; typo que vae no nosso tempo a perder-se quasi na idealidade, e de que só já se encontra um ou outro — mais alguns na Inglaterra e na Italia, e vê-se com o citar paizes tão oppostos que não é uma questão de raça ou de clima, mas sim de educação, d'essa exotica educação que se dá hoje e que serve quasi sempre para fazer brutinhos ou bonecos. A figura está desenhada com uma suavidade deliciosa; sente-se o viço da primeira edade em toda ella, e, nos mais leves promenores, no ondear da roupa, na malha da meia, no enrugar do sapato, admira-se o toque poderoso e leve de um mestre.

Do homem, que lhes direi? É um artista, por dentro, por fóra. Rosto de homem que não sabe mentir. Corpo alto, magro, viril, nervoso; modo esperto, vivaz, todo intuição: singelo, desdenhoso apenas para a mediocridade presumida ao ponto de vista da moral, da sociedade, ou da intelligencia; nem ostentação nem preparo; passando a vida a trabalhar, e a ganhar o pão — para os filhos, duas creanças lindas, e para a mulher, doce creatura de olhar suave e digno.

OS PRESENTES DE DIA DE ANNOS

Uma pequenina, de uma familia minha conhecida, fabricou um dia d'estes com uma grande tira de papel verde — a côr da esperança! — e com uns quadradinhos de papel branco numerados uma especie de folhinha de porta com os seus repartimentos.

Cada quadradinho representa um dia.

Tantos papelinhos numerados, quantos os dias que ainda faltam para o dia dos annos d'ella.

Pela manhã, tão depressa se levanta da cama, a primeira coisa que faz é ir-se ao papelão e tirar um quadradinho.

Quadradinho tirado, quadradinho deitado fóra — logo, logo — da janella abaixo, com grande satisfação.

Depois, de olhos pregados no numero do pa-

pelinho que haja de tirar no dia immediato, exclama impaciente:

— Ai! Ainda faltam noventa para o dia dos meus annos, em que todas as pessoas que cá veem me dão presentes. Ainda faltam oitenta... Ainda faltam trinta... Ainda faltam dez...

Conta a familia que não ha coisa que se compare aos ares graves, gravissimos com que a pequena acompanha sempre esta formalidade quotidiana; mas que tem que vêr principalmente quando chega a não faltar já senão dois, ou um, — um dia só para tirar, rasgar, deitar fóra, ou queimar!

Digam se aquillo não faz crescer agua na bocca em desejos de voltar á edade em que a gente se lembre de fazer folhinhas contra a duração da vida!

E d'ahi, — não! Em virtude até do axioma moral que affirma com bom juizo que a felicidade dos paes é feita principalmente pela felicidade dos filhos, estou em crêr que o contentamento que se tem com o espectaculo das alegrias que as creanças promettem a si proprias e veem a ter, sempre ha-de ser superior ás alegrias que teriamos com o rejuvenescer outra vez!

Porque, recorde-se o leitor comigo — no tempo em que faziamos muita festa ao nosso dia d'annos, não eram as coisas como são hoje! Davamnos uns *bonitos* muito... feios, uns bonecos que havia então por ahi muito ratões, o velho de chapeu na mão e a velha a fiar, o urso de loiça, um palaciosinho de casca d'ovo, um carrinho tosco e grosseiro, um cavallo de pau que parecia um banquinho, um boneco de cocoras com uma moedi-

nha de oiro no sitio em que as costas mudam de nome... Emfim, um horror!

Foi preciso vir o Salles retrozeiro proteger um pouco a infancia com bugiganças que mandava buscar a França, aliás supponho que ainda hoje estariamos reduzidos ao carro de pau com um boisinho, ao lagarto que estende e encolhe, e ao frade de sabugo das velhas capellistas!

Não diminuia a difficuldade por se tratar de gente crescida. Em dia de annos era sabido que a não querer comprar uma pulseira na loja do Meréia, havia unicamente a appellar para as caixas de seis frascos de agua de Colonia do José Maria Farina, frascos esguios, interminaveis, que pareciam trepar pela gente acima!

O mais usado para dia de annos era embuchar a creatura com lampreia de ovos. Havia tal que recolhia em casa no dia dos annos da mulher desoito travessas de doce *armadas* — estillo do caso — e ficavam todos doentes, amos e creados, de vastas indigestões de goloseimas!

Hoje mudaram os usos. Escolhe-se um livreiro que tenha mais sagacidade e bom gosto, o seu quê de phantasia com dois quês de prudencia,— e compra-se-lhe um livro dos que elle tem no armario das prendas,—livro bonito, e livro bom, de uns que não se parecem com os outros, mas com os quaes os outros quereriam parecer-se; livros, que se imprimem em França e em França se encadernam, concebidos e destinados para o mundo todo; livros que instruem, e livros que recreiam; de umas vezes, obras adequadas á esphera infantil, nas quaes se encontram as impressões da primeira edade traçadas com verdade e

graça na lingua universal das creanças: de outras vezes, narrativas de viagem, obras de litteratura, de religião, de historia.

Em Portugal ainda no nosso tempo nada d'isto havia. Principiou o livreiro Plantier, homem de gosto, mais que intelligente—homem de talento fino, elevado, espirito phantasioso e subtil—a tornar conhecidas em Lisboa as edições de luxo: *Les femmes de la Bible, Les femmes* de Walter Scott, de George Sand, de Balsac, *L'ane mort* de Julio Janin com estampas de Tony Johannot, *Les Fleurs animées* de Grandville...

Até esse tempo dar um livro, entre nós, era fazer presente de um cartapacio fusco e tacanho, em typo arrepiado, muito mettido, n'um papel que todo era fios, escuro e enviusado; encadernado todo este horror em carneira — da que usam os presos do Limoeiro para fazer sapatos — por um semsaborão qualquer, que errava sempre os dizeres e punha por uso e officio na lombada duas asneiras ou tres!

É lembrar-se a gente do *Thesouro dos meninos*, com aquelles monos pintados, sempre de maxima por baixo dos pés:

Fazer mal aos animaes é indicio de mau caracter.

Um momento de furor fez de Alexandre um assassino.

E ainda esse era o mais taful; — a não se dar de presente um Atlas com um tratado da Esphera e dos Globos, e vinte e quatro mappas, — ou uma

Historia de Portugal e suas conquistas, por Damião de Lemos Faria e Castro — ou a Medicina domestica, tratado completo de conservar a saude e de precaver as enfermidades por via de regimen e remedios simples...

Um horror! A qual havia de ser mais gebo, mais pesadão, mais mal geitoso; uma verdadeira fabrica de *borracheiras*, em que o traductor, o desenhador, o impressor, e o encadernador andavam ao desafio a qual havia de ser mais asno!

Mais vale de certo o costume em que alguns se pozeram agora, de fazerem presente de um *speech*. Vão jantar n'esse dia a casa de quem faz annos, brincando-lhe nos labios um sorriso malicioso, — e, á sobremesa, põem-se de pé, mettem a mão esquerda na algibeira das calças, mergulham a mão direita nas ondas do cabello, ou affagam a subissa que lhes faz moldura ao rosto, e presenteiam a creatura com algumas flôres oratorias:

— Brindo ao meu charo Elesbão, n'este dia para todos nós tão querido em que... etc.

Os presentes hoje são como a mentira na philosofia — jocosos, officiosos, e até perniciosos.

Os jocosos consistem, por exemplo, em apresentar-se um sujeito — que todos os dias que Deus dá ao mundo vae papar o jantar áquella familia — com uma caixinha de phosforos, muito serio e grave, deante do dono da casa e dizer-lhe:

—Meu charo amigo, hoje é o dia dos teus annos e a alegria que isto me dá não se descreve. Quizera ter o pincel de Appelles... Não era Appelles que tinha um pincel? Era, era... — ou a lyra de...

— Sim, sim, bem sei; e depois?

— E depois, toma lá, (tira da algibeira uma caixinha de faia com phosforos amorphos, obra de dez réis de custo) toma lá esta lembrança!

Desata tudo a rir.

— Obrigado! diz o dono da casa.

— É sincera.

— Bem sei.

— Modesta como a minha amisade.

— Sim.

— Tem luz como a esperança que nutro de que vivas por muitos annos!

— Obrigado.

— E olha que esses são dos melhores! Os de cêra tiram os olhos á gente, com a mania de lhes saltar a cabeça, — como sabes. Esses são magnificos. Não ha perigo de incendio; accendem só na caixa...

— Bem sei!

— Ah! sabias? Tão pouco ha perigo de envenenamentos. Ainda que queiras envenenar-te com elles, não podes; o phosforo está na caixa e não no palito.

— É boa!

— Ah! Não sabias! Pois ahi a tens. E agora parabens, dá cá um abraço, — novamente!

E toda a gente a rir e a achar-lhe uma graça infinita.

— Forte ratão!

— Grande maganão!

— É bem apanhada!

E cada uma d'essas pessoas está pensando entre si:

— Tudo o que é de mais, não presta; tudo 6

que é de menos... tambem! A largueza confina com a prodigalidade, a fronteira ponteiro da economia toca com a chinfrinice... Não ha faculdade bonita que não tenha corolario feio, distancia pequenina entre a probidade e o defeito, primeira transformação pela qual passa a qualidade para ir dar em vicio... A economia envolvida em brincadeira é a crisálida que contém a avareza!

Officiosos...

Um exemplo basta:

Um padre meu conhecido tinha uma sobrinha, que quasi nunca lavava os dentes. Uma senhora conhecida d'essa gente dava sempre á rapariga no dia dos annos uma caixinha com pós e uma escova...

Perniciosos?

Vá tambem um exemplo.

O sujeito mandou vir umas caixas de charutos da Bahia; abre uma, encontra os charutos furados: o tabaco da Bahia é finissimo, e, como sabem, dá-lhe facilmente o bicho. O sujeito calla-se, manda as outras caixas de presente a um amigo que faz annos,—e obriga o outro a agradecer-lhe muito, a não poder dizer-lhe que não fumou nem um, e a ter de dar-lhe a elle—quando chegar tambem o seu dia de annos — um presente que não esteja furado.

DUAS MUSICAS

Quando um deputado, na camara, vae para dizer alguma enormidade e os collegas o vêem hesitar, principiam logo a gritar-lhe alguns d'entre elles como prova de dedicação:

— Falle!

— Diga!

— Diga lá!

— Diga tudo!...

Animado por aquella injuncção, o deputado deixa logo de hesitar, apanha de novo o fio do discurso e rompe com a palavra ou a phrase inteira, que havia reprimido até áquelle instante...

Quem me dera agora, do mesmo modo, ter perto de mim alguma dessas almas caritativas a bradar-me:

— Falle!

— Diga!

— Diga lá!...

Tudo para eu poder dizer uma cousa que não é enorme — longe d'isso, e já vão ver que o não é — mas em que seria de grande vantagem ter um compadre a animar-me; é o seguinte: — que gosto mais de operas velhas que de operas novas, e que, sempre que a empreza para ser agradavel a uma parte do publico, para cumprir o programma, e para dar prova de boa vontade em contentar todos e variar as festas, nos dá occasião de tirar a flôr a um *spartito*, a minha vontade era agradecer-lhe e pedir-lhe que nos continue a castigar com a *Somnambula*, a *Africana*, a *Lucia*, a *Lucrecia*, a *Norma*.

É absurdo; deve ser absurdo; por isso eu queria que me gritassem:

— Falle! falle!

— Diga tudo!

Que lhe hei de fazer? Tem cada qual o seu modo de ver as cousas; o meu é este. Diacho! Aquelle Bellini está velho e rélho, mas em se lhe ouvindo as primeiras notas apagam-se logo ainda na platéa e nos camarotes as questões do real de agua, dos manifestos, do que houve de manhã em S. Bento, e vae a politica de ventas ao chão sem ninguem se lembrar mais d'ella, nem querer outra cousa senão ouvir o que se canta! Entra-se na floresta sagrada, respira-se o aroma dos bosques e das flores, passa entre as arvores um sopro ennebriante, avistam-se no horisonte os espiritos do ar, ouvem-se vozes que estão a chamar por nós...

Veem essas melodias ninguem sabe d'onde;

veem e fogem, sem as poder imitar ninguem: levou-as Bellini para o ceu, e nunca mais as dará...

Inspirações suaves, singelas, melodias com azas, radiantes, meigas, que afastam as nuvens, attrahem-nos, e, adejando, nos vão levando comsigo n'uma ebriedade infinita...

Mas emfim Bellini é velho e melancolico: já não tem a gente por cá poucas tristezas; venha um musico alegre para nosso socego. E lá desce tambem do ceu o divino Rossini! Sim; divino! porque quaesquer notas d'elle que se ouçam, parece logo que se transformam as paixões do mundo em paz celestial; é uma facilidade que consola, uma espontaneidade que anima e contenta, uma alegria que até faz bem á saude; é a phantasia, é a mocidade, é o amor brincando evencendo!

Mas é velho, bem sei; — e bem velho o vi ainda, eu proprio, ha uns poucos de annos em Paris, e bem moço por signal me pareceu quando fallava, e bem moço me parece ainda hoje, quando ouço a musica que elle fez!...

Iam lembrar-me o doce Donnizetti? Não poderia esquecel-o... Com quem chorámos nunca como com elle na *Lucia*, com quem sorrimos melhor do que com elle no *D. Pasquale?* E os cantos da *Lucrecia Borgia*, e alguns trechos da *Anna Bolena*, e o quarto acto da *Favorita?*

Ha homens que têem sido divinos: na antiguidade Euripedes e Virgilio foram divinos; nos tempos modernos Raphael, Bellini... Não quero dizer nomes: podia escapar-me algum... dos vivos, e ficar mal commigo. A verdade é, que aquelles homens nunca são velhos; pertencem á mesma fa-

milia: fallam a mesma linguagem; linguagem sagrada, que paira por cima das paixões humanas, e os conserva ainda hoje mais moços e mais frescos do que os compositores que estão nascendo!

O auctor do *Caligula* não é um debutante; tem algumas operas representadas e applaudidas. e é tido na conta de homem de talento, estudioso, applicado; a melhor parte da sua reputação deve-a ao violoncello, em que é considerado como o primeiro, pelo gosto, pelo sentimento, pela suavidade de phantasia e de execução. São muito estimadas em Paris e na Italia algumas das suas composições; a *Legenda Vallachia*, por exemplo. É um espirito delicado, um sonhador.

Escolhendo Caligula para assumpto de uma opera, o sr. Braga arriscou-se por gosto. Caligula é uma das figuras mais antipathicas e despreziveis dos tempos; brutal, estupido; fazendo distincções iguaes á mulher de quem gostava, e a um cavallo que trouxera de uma das suas viajatas; mandando edificar templos para pôr lá a sua estatua em ouro, e querendo que a estatua se vestisse sempre de manhã com fato igual ao d'elle, e tambem como elle se despisse á noite.

Ha um momento em que a historia vae quasi a conceder-lhe um vislumbre de romantismo: é quando o mostra passeando ao luar, e namorando a lua como póde namorar se uma mulher. Mas não era sequer uma mania; oxalá o fôra,—podia indicar ao menos a sinceridade de uma illusão, o devaneio ingenuo de um espirito; era ostentação de excentricidade apenas, uma «patacoada» de vaidoso, o podão a querer ser flecha!

Mandava pisar perolas para as deitar nos gui-

sados dos seus festins. Ao jantar punha ouro no prato aos convidados. Quiz ter uma cavallariça de marmore com manjedoura de marfim — *equile marmoreum et præsepe eburneum.*

Quando bem lhe parecia punha o cavallo á mesa; — n'um prato offerecia lhe aveia dourada; vinho n'um copo de ouro. Assim como a gente jura pela vida ou pela sorte propria, jurava elle pela saude do cavallo:

— Assim o *Incitatus* viva muito tempo!

— Que o *Incitatus* não tenha uma hora de saude, se não é como eu o digo!

Em entendendo que havia gente de mais, mandava deitar ás feras os velhos e os doentes, assistindo sempre a essa festa, e gloriando-se em ser tão animoso.

Não se contentando de que lhe adorassem as estatuas e que o proclamassem deus, exigia tambem que se prostrassem todos diante do seu cavallo. Conta-se que, n'uma festa, propozera a saude d'elle e ficára doido de raiva ao ver que um certo Virginio, moço brioso e audaz, não erguia a taça.

— Convidou-te o meu cavallo, e não bebes á saude d'elle; vaes vêr quanto elle é mais cortez que tu. Eis a taça de *Incitatus;* vae elle molhar n'ella os beiços, e tu beberás depois!

Então, deitando vinho na taça, apresentou-a ao cavallo, e deu-a depois a Virginio, que atirou com ella, indignado, á cara do cavallo e á do dono.

Na tarde do dia immediato Caligula fel-o morrer no circo, vergalhado pelos escravos.

Podem ainda ser admirados os tyrannos que sabem mentir, enganar, matar, quando a gente os

vê grandes n'alguma cousa e cede á corrupção que a gloria exerce no espirito humano; o talento não é perdão para o crime, mas faz vel-o com outros olhos. Em Caligula, porém, nada d'isso; a perversidade era o santo e a senha d'aquelle homem.

A agradavel facilidade italiana não podia prestar-se a tratar d'este heroe. Esse personagem fusco, que vae correndo a traz do mal pelo recreio de ser cruel, não era de molde realmente para estar a importar-se com arias e cavatinas. A ruindade está, de algum modo, fóra da musica; o proprio Rossini não poude apanhar bem o Jago: a malvadez satanica, a mão do gato, as blandicias de um diabo de homem barbaro, miseravel, vil, difficilmente na musica podem fazer-se comprehender nem indicar.

É isso desde logo o que prejudica a opera; a fraqueza da imaginação do maestro completa o desastre. Está a gente a desejar que chegue uma melodia, uma inspiração, uma idéa brilhante, uma phrase embora cançada, trivial, como que feita á pressa, mas deleitosa, — veem algumas, mas raramente. Ha trechos notaveis, ha trabalho d'orchestra, ha combinações, ha estudo, — mas a melodia, a franqueza, a paixão, a inspiração propriamente, fazem-se rogar.

Figura-se-me a maneira do sr. Braga como um composto do genero francez e do genero allemão, sobre um fundo italiano; é como se houvesse adoptado, no que respeita á musica franceza, a fidelidade ao sentido das palavras e das situações: no que respeita á musica italiana, o querer, — sem alcançar — a feliz disposição das vozes.

Vê-se que de proposito quer prender-se á situação e não se deixar ir atraz de melodias que, por assim dizer, não venham para o caso; *fiuri-turi* e arabescos sem relação com o fundo da obra, — cousa que, pelos modos, principia agora a desagradar muito a uma gente que ha, a quem dá de vez em quando para ser sensata nos divertimentos e estravagante nas cousas serias.

O methodo do sr. Braga ainda ganharia se aqui se attendesse ás palavras do *libretto;* mas isso não está nos nossos costumes. È-nos perfeitamente igual que se cante *pietá* n'uma toada alegre, ou *felicitá* n'uma toada triste; queremos cantos, é o que nós queremos, arias, cavatinas, duetos, tercetos, tudo bonito, embora seja um pouco independente do sentido da acção. Todos lhe agradecemos a canção do principio do segundo acto, a bachanal, e principalmente a tempestade. Porquê? Porque ahi o talento não se suffoca, deixa-se sentir em toda a florescencia, a musica consegue o seu fim, impressiona-nos, deleita-nos, falla á imaginação, falla á alma, e separa-se completamente de certa solemnidade fastidiosa, que no resto da opera preside sempre á sua musica.

Quando, noites depois, appareceu *A força do destino*, exclamei em extasi:

Ah! Graças a Deus! Cá está um musico que inventa e que tem alma!...

Grande Verdi! Este é — ainda e sempre — o do imprevisto. Não anda á cata de ser moço, é moço porque o talento lh'o exige; espirito inquieto, avido de impressões! Não quer á força effeitos novos, como quem sempre queira dar noticias frescas; tem a faculdade das concepções melodicas, e não lhe importa unicamente — como os mediocres presumidos — ter novidade nas fórmas technicas. É creador, é audacioso; por traz do conhecimento das paixões, da vida, dos elementos da arte, revela-se uma das mais ricas organisações artisticas que se têem apoderado do mundo musical. Corre a inspiração constantemente n'aquella musica, dirigida, acompanhada sempre por altos cuidados de estylo. Nos maiores arrojos mesmo, — e ninguem nunca os teve como Verdi, — quando se possa cuidar que vae fugir-nos, torna logo á primeira idéa, á linha primitiva; volta a luz, e fica a terra outra vez senhora dos seus direitos. É um combate admiravel. S nte-se de vez em quando o Verdi dos primeiros tempos, fugaz, arrebatado, como se chamasse por elle o que quer que seja sobre humano e invisivel; vae a correr, vae atirar comsigo ao turbilhão gigantesco onde viveu com o *Ernani*, com o *Nabuco*, com o *Trovador*, com os *Lombardos*, e pára de repente, obriga o espirito que o impelle a curvar-se e obedecer-lhe; desce da montanha; e, fechando os olhos á luz que o deslumbra, mergulha-se na vida e na humanidade!

Tem ás vezes, n'esta opera, reminiscencias? Tem similhanças. Ha uns compassos que parecem levar-nos para o duetto final do *Poliuto*, uma ou duas phrases que lembram o *Baile de mascaras*.

E depois? O que ha n'este mundo que não se pareça com alguma cousa?! Deus nos livre de musica que em nenhum ponto faça lembrar alguma outra; d'essa, de ordinario, mais ninguem tambem se lembrará.

O *libreto* tem a côr sombria das exagerações melodramaticas, mas tem o que se chama *situações*. As parodias teem feito que os grandes lances dramaticos encontrem hoje difficuldade em inspirar terror, mas ainda havemos de voltar a tudo isso, porque tanto passa a risota como a solemnidade; o gosto do publico é como o mar: fluxo e refluxo: no fundo, e isto em todas as revoluções da moda, é sempre a mesma coisa com differentes nomes e debaixo de fórmas diversas de que a gente se cança no fim de tempo, e de que não quer mais. Tudo, que é convencional e que parece regular-se por uma receita, coisas de habilidade mas vulgares, é sempre fazenda que não dura e que d'ali a tempos passa para o rol do que os logistas chamam *mônos*. Seria até curioso, provar,—e creio que póde provar-se—que o que tem passado e morrido na tragedia, no drama, na farça, é sempre a mesma coisa a apparecer bornida e enfeitada cada vez de seu modo!

Para não se estranhar nenhum dos *matadores* ultra-romanticos da peça, é conveniente não esquecermos nunca que se chama *A força do destino;* esta idéa auctorisa tudo, e tudo justifica:—exemplo, o caso d'aquelle celebre russo... O imperador Paulo achava-se n'uma reunião onde estava uma quantidade sufficiente de principes russos, e um tal conde Rostopchin—que o leitor pronunciará como lhe palpitar que seja melhor,

na certeza de que fica bem de qualquer maneira; principalmente se adoptar uma receita que ha, de todas a mais excellente para a pronunciação do russo, que é de pegar n'uma palavra, de qualquer idioma que seja, chapeu, *chapeau*, *sombrero*, dar-lhe com a lingua duas voltas na bocca, e deital-a fóra: sae russo!

— Ó conde Rostopchin, perguntou-lhe esse magnanimo imperador, porque diacho não é você principe?

— Porque não sou eu principe?

— Sim; porque é que você não é principe?

— Quer vossa magestade imperial dar-me licença de lhe dizer o verdadeiro motivo?

— Pois se eu lh'o pergunto!

— Vou dizel-o!

— Venha elle.

— O meu avô... Não digo bem...

— Talvez seja a sua avó?

— Não é isso: Um de meus avós...

— Ah!

— Pois é. Um de meus avós que... E tambem não devo dizer, assim!

— Vamos procurando. Temos tempo!

— Encontrei a formula: — aquelle de meus avós que veiu da Tartaria estabelecer-se na Russia, chegou cá no inverno.

— Mas que mal lhe fez essa estação ao titulo que lhe deram?

— É porque, sempre que um fidalgo tartaro apparecia pela primeira vez na côrte, dava-lhe o soberano a escolher entre um magnifico casacão de pelles e o titulo de principe. O meu avô chegára aqui n'um inverno rigoroso, rigorosissimo,

e teve o bom juizo de preferir o casacão de pelles.

Os outros principes ouviram aquillo, e levantaram as mãos ao ceu por não terem seus avós chegado ali... de inverno!

Ahi têem o destino! O destino está em qualquer cousa. O que admira então que acontecesse toda aquella atribulada historia da opera pelo facto de um ratão de um indio, que andava de amores com a filha do marquez de Calatrava, ir metter-se-lhe em casa sem capote, que é o uniforme de amante — mas com um gibão de mangas largas, bota alta e esporas, um trage de *maragato* de deixar as moças loucas por elle, e uma pistola em vez de uma flôr! Ir de pistola para a casa alheia quando se anda n'aquellas aventuras, é confundir um poucoxinho o papel de namorado com o de salteador.

O pae marquez ouve voz de homem — imaginem se a voz de Fancelli n'um duetto a toda a força com madame Fricci deve ou não cortar pela noite alta o silencio de uma habitação tranquilla! — e entra enfurecido de ouvir em sua casa cantar d'aquella maneira, deliciosa aliás como boas gargantas, mas desafinando um pouco... da moral!

O indio diz-lhe que só elle é culpado — como se houvesse duettos com uma voz só! — arrepende-se de ter ido lá cantar sem convite, e, como acto de humildade, atira a pistola ao chão. Vae a pistola o que faz? Corre pelo sobrado, desfecha-se, e fere mortalmente o marquez!

Era o destino.

Aquelle indio devia ter-lhe succedido n'esse dia

algum precalço proprio para lhe servir de aviso: dizem que sempre vem isso antes da catastrophe. Quando uma vez os lacedemonios, fartos já dos alvitres das pombas e das arvores, foram consultar as sortes sobre se deviam ou não emprehender uma guerra, deu-se a circumstancia de entrar no templo — justamente no melhor das ceremonias e quando já as sortes se íam deitar com o maior respeito e veneração — um macaco do rei dos Molossos, que esbandalhou tudo e atirou com a urna de pernas para o ar: a sacerdotisa disse-lhes logo que percebessem por isto que deviam pensar em tudo menos em vencer, e affirmam os auctores que nunca Lacedemonia recebeu pressagio mais funesto.

N'aquelle gibão de mangas largas, com a sua jaleca de *majo* por cima, devia aquelle indio vêr logo a origem de grandes transtornos — bastava ser traje que pede pistola; mas tambem devemos considerar quanto é difficil a qualquer, por mais indio que seja, entender os oraculos, que são quasi sempre como a historia do pintor, a quem haviam encommendado um quadro representando um cavallo a rebolar-se de costas no chão, e que em vez d'isso o pintou a correr; quando lhe disseram que não era assim o que se queria, replicou o homem:

— Então tornem lá a dizer?

— Quer-se um cavallo, de costas no chão a rebolar-se.

— Pois ahi está!

— Ahi está; como?!

— Voltem o quadro!

Voltaram o quadro.

— E agora?! Está a rebolar-se de costas ou não está?...

Assim tambem se voltam os pressagios... para irem sempre de accordo com a força do destino; e por isso o gibão podia, — se o velho Calatrava n'aquella noite se tem deixado dormir, — annunciar em vez de desgraça a mais auspiciosa folia amorosa, primeiro na escuridão da noite e depois á quente luz do sol «numen da India e senhor da real estirpe» do homem da pistola!

Pistola é ella que mata o outro e que o perde para sempre a elle; d'ahi lhe resulta a vasta serie de contrariedades, que terminam por lhe morrer nos braços a antiga namorada momentos depois de matar tambem o irmão e de a encontrar a ella no fim de uma ausencia de annos; — dizem uns rifões inglezes: Onde este anno está o sulco, para o anno que vem estará a cova: — Homem forte, homem estafado: — Homem que nada, homem afogado: — Homem que anda á caça, homem caçado!

Os duettos de tenor e baritono são como musica e como desempenho o que ha de mais admiravel; a introducção é formosissima e apodera-se logo do auditorio encantando-o, dominando-o; o final do segundo acto, a romanza da dama, a do tenor, a pequenina scena do vendilhão, pela leveza e graça da phrase e dos acompanhamentos, e o *rataplan*, são trechos de primeira ordem; depois, o quarto acto é uma elegia lyrica: não ha gritos ali, ha melancolia, ha lamentos, melodias graves, magestosas, uma tristeza que não perturba nunca a formosura das phrases, transparentes, limpidas! É um longo suspiro, é o dizer adeus á

vida e ao amor, é a agonia das paixões suavisada já pela gloria de entrever o paraizo!

A *Força do destino* não é uma opera expremida, maneirada no espirito e no sentimento: tem naturalidade, franqueza, espontaneidade; se não querem procurar isso nas obras de arte, ou se não gostam de lá o achar, tanto peor não para as obras de arte mas para os meus amigos. O talento ha de ser sempre uma cousa superior á paciencia, e a musica que deleita ha de sempre ser melhor do que a musica que enfastia; não ha senão duas qualidades de arte, artes uteis, e artes inuteis: musica massadora é arte inutil.

L'AMORE

Ás ultimas notas da Fricci, seguiram-se logo os primeiros sorrisos da Pasquali. A cantora assistiu n'um camarote á primeira recita da actriz, — e, quando a Pasquali erguia os olhos para o camarote d'ella, parecia dizer-lhe:

— Tens sido n'este mesmo tablado a rainha de *Ruy Blas*, — hoje sou eu. Calaste-te hontem, — eu só desde hoje tenho voz. Tinhas por ti as notas vibrantes e soberbas; a musica de Marchetti, e a orchestra a acompanhar-te. Eu nada d'isso tenho, e vou sósinha com a peça de Victor Hugo, — por signal, n'uma bem má traducção com que um compatriota meu a estropiou. Tu cantavas, eu suspiro. Diamantes, ambas nós temos. Talento... tu o dirás. A maior differença talvez, querida amiga, é que tu eras uma rainha gorda, — eu sou uma rainha magra. Não é máu variar! Hontem aca-

bou-se o teu reinado, — hoje principia o meu. Posso dizer-te como aos antigos doges: «Acabou vossa serenidade o seu tempo, vá vossa senhoria para a sua casa.» — *Vostra serenita a finito il suo tempo; che vostra signoria se ne vada a casa!*

E assim principiou esta nova epocha dos italianos por entre recordações da estação lyrica. S. Carlos sem musica não é bem S. Carlos: houve um momento em que pareceu que tudo ali terminára! Lembravam os cantores, lembravam as operas, — e viu-se agora verdadeiramente que a empreza que se retirou este anno tinha sympathias, viu-se isso no modo porque recordavam uns e outros quanto se mostraram sempre amaveis aquelles empresarios, áparte mesmo as suas qualidades pessoaes no trato da vida, no gosto e rasgo das acções, em nos terem feito ouvir, como que movidos sempre de um sentimento artistico de dilletanti, tantos e tantos artistas admiraveis, dos mais caros, dos mais illustres, dos mais raros!

Deixemos de parte o *Ruy Blas* da estreia: Bozzo não estava ali nas suas sete quintas. É actor intelligente, deve ser homem instruido — porque revela cultura nos mais leves pormenores da recitação e no modo de compor o personagem que representa; mas, Ruy Blas é moço, ardente, e não perderia se fosse formoso: Bozzo mostra-se um pouco frio, emphatico, a traducção tornou-lhe o papel pedante, e a unha da edade marcava-se lhe de mais no semblante a dizer-lhe, como a princeza ao Bernardim Ribeiro: — O tempo dos galanteios já lá vae!

Deixemos tambem de parte as outras peças, traducções quasi todas, representadas já em Lis-

boa pelos actores portuguezes, conhecidas algumas como velharias, outras como obras mediocres, e vamos a um drama italiano, *L'Amore*, de Cesar Vitaliani.

Dois priminhos. A prima Angela é pintora; o primo Renato é musico e poeta — bastava uma das coisas, mas ficam ambas, creio eu, pelo pouco que é em cada uma. Declarações, promessas, esperanças, jubilos: n'isto, entra pela porta dentro uma duqueza, grande formosura, grande elegancia, grande coquetismo — silencio! é a Pasquali! — O primo fez uma poesia *O amor;* da poesia fez a prima um quadro: o inexperiente Amor, ao centro; á direita a Prudencia mostrando-lhe uma menina loira, timida, casta, que é a Innocencia caminhando para o Imineu («Imineu! Imineu!» como no *Barba azul!)* guiada pela Virtude e pelo Pudor; do outro lado o Capricho chilreando uma palavrinha ao ouvido do Amor, e a Voluptuosidade dançando sobre uma cama de flôres, que esconde um abysmo onde param a Culpa e o Remorso: Amor hesita entre o bem e o mal. Tal é a poesia; tal é o quadro, que vae saltar da tella para a scena: a priminha, é a innocencia; a duqueza, a voluptuosidade; o primo, o amor! A duqueza, por engraçar com o quadro... e com o primo, convida a priminha a ir estar uns dias na sua casa de campo, com a familia toda, a fazer-lhe o retrato. *Diavolo!*

Dito e feito. Para lá vão, todos; todos... e o primo Renato que fica tonto, e que, n'uma manhã, já na *villa*, na casa de campo, ou porque o dia estivesse quente de mais, ou por não poder elle resistir á urgencia de rimar as exaltações do

seu affecto, rompe a recitar versos á duqueza, — versos que compoz durante a noite, ou que improvisa n'esse momento; não devassemos o segredo de *toilette* da sua inspiração! — Podia, talvez, auctorisado pelos olhares da fidalga, aproveitar a occasião de se acharem sós, e entenderse prosaicamente com ella; mas, não quer: dizlhe versos rimados, e cae de joelhos. Os poetas são capazes de tudo!

Disseram os gregos, e cumpre dar fé ás palavras da Grecia, que é sempre amado dos deuses todo aquelle para quem as musas olharem. Amado dos deuses; mas, — das... deusas?! Que todas as artes são divinas, não offerece duvida: — a pintura e a esculptura que nos fazem estar contemporaneos do passado, conservando na vida as creaturas notaveis, que a morte chama para si, e deixando-nos perceber-lhes o caracter ou o talento pelas feições marcadas na tela ou no marmore; a architectura, que adivinha o ceu, e adorna a terra com a formosura dos templos... Mas a musica e os versos, correntes de ar celeste que passam por este mundo e embriagam as almas com o aroma do berço mysterioso de onde veem, deveriam talvez alcançar ainda mais bençãos, porque conseguem melhor consolar e dar esperança.

Mas são precisas para isso duas condições; que o musico tenha musica, que os versos tenham poesia — e que a creatura a quem a poesia ou a musica, se dirige tenha alma. A duqueza não tem alma, o musico parece... desempregado, e os versos que lhe diz não se arriscam a ser de uma novidade e seducção... *spaventevole!*

A duqueza ouve a poesia, fazendo a contra scena

em accionados que denotam não sei se a commoção, se o desejo de que elle não prolongue de mais o improviso; — e a namorada, a retratista, a noiva, que andava passeando no jardim, volta a tempo de ver o primo cair aos pés da fidalga... como se entropeçasse nos seus proprios versos!

Amargura-se a triste; o moço hesita e treme; mas, passados dez minutos, salta para o caleche da duqueza e deixa-se ir com ella para Milão.

Para Milão para quê? Para nada. A duqueza é antes excentrica do que outra coisa. Gostou de alguem uma vez, enganaram-a, — jurou vingar-se do mundo fazendo soffrer quem caisse ainda em gostar d'ella. Um visconde, homem experiente, espirituoso, homem do mundo na accepção ampla da palavra, prende-se de sympathia pelo mancebo e avisa-o de que o está vendo envolver no drama de *Dalila*. Quando mesmo elle não o prevenisse... o espectador já havia dado por isso: a peça italiana tem nos pontos principaes o mesmo andamento da obra de Octavio Feuillet. A duqueza é uma tentadora; ha um velho proverbio portuguez que diz — a escutar uma sereia se perdem os navegantes: ella é a sereia, a Dalilla; está dito: mas que é do Samsão? Esse primo, esse Renato, não é só o que se chama creança, é piegas; as melhores tiradas, as phrases notaveis da peça, nunca é elle que as diz, é o outro: para que lhe serve então o talento? Para dizer chavões em prosa, trivialidades em verso, e não fazer senão asneiras! Era um Samsão... de cabello á escovinha!...

Emquanto a retratista suspira as saudades que a minam, vae a fidalga ralando o ingrato com en-

ganos em que o envolve, com ingratidões em que o avilta. É o *amor* — com as suas traições e os seus castigos! O fugir de quem nos quer, para irmos para quem nos foge! O passar ao lado da felicidade sem a ver, — ou o vel-a e voltar-lhe as costas!

Os sabios e os poetas têem estudado muito estas coisas todas, — que aliás, coitados, nem por isso lhes aproveitam mais. Salomão chamou á mulher: «amarga como a morte», Shakspeare «perfida como a onda.» O homem é que ninguem o definiu melhor do que o caseiro que minha mãe tem na Durruivos, e que me disse uma vez — «O homem, com perdão de quem me ouve, mas a verdade deve-se dizer, o homem é tolo!» E tem razão, o caseiro.

Na scena mais brilhante d'esta peça, a da conversação no salão, no terceiro acto, uma das senhoras pede a diffinição do amor. Falla-lhe um no amor ideal, contemplativo, especie de quinta essencia d'affecto como se diz que teve o Dante pela Beatriz; outro no amor terrestre... e de substancia; depois, trata-se de saber quem é mais capaz de amar, se o homem, se a mulher, e responde uma das damas que «o homem empresta-se, e a mulher dá-se»; em seguida pergunta-se qual seja mais verdadeiro, se o primeiro amor ou o ultimo, — ao que um responde que o ultimo, porque aos vinte annos adora-se, aos quarenta ama-se...

E o visconde, que representa o espirito, o chiste elegante, o *humour*, acrescenta:

— Aos cincoenta paga-se, e aos sessenta contempla-se.

Gira a conversação n'este tom agil, esperto, malicioso... Ri-se muito na platéa; ri-se muito nas frisas. Encontram-se no ar as malicias. É imprudente ás vezes olhar de repente para um camarote, depois de um dito... que parece uma allusão. O acto termina entre applausos ao visconde, o Desgenais da peça, a verdade, o juizo, a graça, a ironia, — a temivel ironia!...

Dizem-se na peça muito boas coisas a respeito do amor, coisas justas, picantes, graciosas, bem achadas; e a peça em si, isto é, o enredo, faz a diligencia de tratar o assumpto exemplificando as theorias dadas; quer isto dizer que o consegue? Parece-me que não: a difficuldade é enorme: e sobre ser difficuldade, é impossivel quasi: — o assumpto... é o amor!

Que lhes direi do resto da acção? Depois de mil angustias e de mil aviltamentos, entregue sempre á sarna de amor que faz doer e gostar, o poeta foge da fatal tentadora, e volta, — não derreado de corpo, como D. Quixote depois da primeira expedição — mas exhausto de animo, triste, desilludido, humilhado, a casar com a prima; e a duqueza, atacada de subito de uma *amorite* aguda, vae rojar-se aos pés de Renato, a contar-lhe que sente agora a tal febre, de que elle lhe fallava, queimar-lhe o sangue e enlouquecel-a... Gosta d'elle. *Troppo tarde!* A prima está já de veu nupcial: a fidalga entra no periodo do castigo com o espectaculo da felicidade d'ella, e com o amor para expiação!

Os cinco actos d'esta peça dão-me idéa de um jardim inglez: vae uma pessoa passeando em ruas caprichosas, pára de vez em quando para colher

uma flôr, mas não deixa nunca de avistar o fim do jardim. Assim tambem, na comedia *L'amore*, por entre uma ou outra scena parasita, uma ou outra theoria episodica, está tudo calculado para não se extraviar a attenção sem chegar ao desenlace provavel, — o casamento dos priminhos, ou, em linguagem poetica, a innocencia triumphando do capricho.

Contei-lhes a meu modo, pelo alto, a peça. O que não póde contar-se é o espirito, o movimento, a vida, o gesto e o olhar da Pasquali, que representa primorosamente o seu papel de sereia, tentadora, *coquette*, se assim querem chamar-lhe — creatura que passa a vida entretendo-se a gostar do que é bom, da mocidade, do talento, da formosura, das maneiras elegantes, — como quem gosta de flôres, de musica e de vinhos finos — e que tem lá suas fraquezas elegantes de fidalga — fraquezas de que ninguem lhes deve fallar, e que até ellas não gostam, supponho eu, de lembrar a si proprias. O papel está entendido na perfeição, — espirito e «toilettes» ; — que «toilettes» as da Pasquali! Vestidos riquissimos, extremamente bem feitos ; grande e alta elegancia. Talento, e *chic*.

Nos outros papeis, é notabilissimo o actor Fortuzzi que representa Renato — o amor : e quesilento, como devia ser, o que faz de conde — o dinheiro.

A peça, depois de nos fazer pensar qual seja o melhor caminho para as mulheres, se o amor, se o espirito, se o dinheiro, parece pelo desenlace inclinar-se para o amor. Seria talvez melhor — os tres caminhos juntos! Dinheiro sem espirito, espirito sem coração!...

Para ser amado, o melhor é estar namorado, ter talento, e muito dinheiro: é o mais seguro, mas não é certo de todo, — porque póde vir um tolo e ganhar a partida!

A MANHÃ DAS ESPIGAS

Hoje, quinta feira da Ascenção, é o apanhar das espigas.

A festa dos que já têem cuidados!

Vão divertir-se n'este dia; mas vão já, pela maior parte, de rugas na fronte, perna tardia, e braço cançado...

Vae o tempo cumprindo a sua evolução, e em cada anno lhes diz com voz mais clara ao chegar esta quinta feira — que o trigo é o pão, e que n'este mundo o pão é tudo!

E apesar de rasgar sem piedade as folhas da historia, apagar no pó do mundo a marca das cidades, riscar da memoria das gerações tantos nomes de povos, conquistadores, heroes, homens notaveis, — o tempo vae respeitando a tradição da espiga...

Porque a espiga é:

O pão!

Os entendidos levantam-se mais cedo n'este dia.

— Ó Maria, põe-te a pé, mulher, e aquece-me agua para a barba!

— Ó homem! ainda é fusque-fusque!

— Não ha fusque-fusque em quinta feira de Ascenção. Não tarda ahi a vir buscar-nos o primo Torquato, que é todo de proverbios e conselhos, homem que come aphorismos e bebe ditados, uma graça de homem admirada, e, se ainda nos pilha por arranjar, quem ha de accommodar-se com elle!?

N'isto, a bengala do Torquato introduz-se docemente por um vidro quebrado da vidraça, empurra a porta de dentro, e ouve-se-lhe a voz soltar este terceto:

Faze da noite noite
E do dia dia
Viverás com alegria!

— E elle ahi! É o Torquato! Que te dizia eu! Ó Torquato?

— *É lé!*

— Ainda é cedico, rapaz! As mulheres estão a erguer-se agora! Entra se queres...

— Não quero. Espero aqui ao ar fresco. Despachem com isso, para irmos almoçar a uma horta, e marchar depois para a espiga...

— Viva a espiga! Estamos comtigo não tarda um *credo*. Os pequenos já estão a lavar a cara! Que tal está o dia lá por fóra?

— Regalado.

— Tem cara de chuva?

— Está como os politicos.

— Como e a cara d'elles?

— É ter duas.

— Mas no dia qual está maior, a de chuva ou a de bom tempo?

— Traze o chapeu, e não te importem lérias:

> Agua de trovão
> Em parte cá, em outra não.

A alegria a este tempo já crepita e estala em casa. As mulheres preparam se com o traje mais garrido; os pequenos estão pasmados de ver o pae tão contente...

— Ó José, diz o pae a um, abre aquella gaveta...

— A da commoda?

— A da commoda, sim: a do meio.

O pequeno abre.

— Já abri.

— Que está lá dentro?

— Está a jaqueta fina e a quinzena.

— E que é o que está entre a quinzena e a jaqueta fina?

— Está... Ai! Está uma espiga!

— Conservei-a em casa, para ter pão todo o anno. Tua mãe tem outra no oratorio. É uma espiga do anno passado! Dá-m'a cá muito direitinha!

— Para que é, ó pae?

— Para te mostrar o que hão de produzir as que vamos apanhar hoje. Esfrega-a nas mãos...

— Cá esfrego.

— Agora assopra-lhe as barbas, e dá cá um grão.

— Aqui está um. Ai, são tantos!

— É para veres que ha muitos em cada espiga. Mira-lhe o pé! Vê quantas espigas de uma raiz só! e a raiz vem de um só grão! A terra dá vinte por um, meu rapaz!...

— É bom ser trigo, ó pae!

— Tel-o, ainda é melhor; não sejas tolo. Em as espigas que has de ver hoje nas cearas se desenvolvendo bem, e em amadurecendo ao sol, virão a ficar como essa. Cortam-se então com uma foice, atam-se em feixes, depois tira-se o grão para um lado e a palha para outro, vae o trigo para o moinho, depois a farinha para o padeiro e depois o pão para as casas.

— Ó mãe, — diz o pequeno que fica logo como os sabios do paiz a quem a instrucção por si só não enche barriga, — dá-me uma fatia para ir comendo pelo caminho?

— Pega, e vamo-nos. Nós cá estâmos promptas. Que é feito do sr. Torquato?

— Está na rua á espera. Vamos embora. Quem leva a chave?

— Leva-a tu, que eu não quero pesos n'este vestido!

Saem todos.

Torquato, que ainda ouviu as ultimas palavras, ergue-se do portal onde esperava, fumando o seu cigarro, e diz com galanteria:

— O vestido mais fino deve ser para esta festa. Apraz ao trigo ver que se enfeita para ir colher a espiga quem tambem faz por merecel-o!

— Sim, mas é que em o vestido se acabando...

— Outro apparecerá:

Quem muito tem muito gasta
Quem pouco tem pouco lhe basta
Quem nada tem
Deus o mantem!

— Ai! já o sr. Torquato principia! Sempre tem muita graça!

Pelo caminho encontram-se os ranchos, e reunem-se.

Figuras de estudo.

Um de grande barriga, apostolo dos farinaceos, homem para quem só ha de melhor que um pão... dois pães; respiração forte, como que a pedir emprestadas á trompa e ao fagote as sonoridades mais burlescas...

Outro de nariz comprido e esguio, já de si como que uma espiga a farejar outra.

Este de ar prazenteiro, encostando a mão ao quadril, a amenidade em figura de homem, parando de vez em quando, offerecendo um pitada ás pessoas que estão á janella, patuscão com fama de civilisado e fazendo gosto em augmentar, que não diminuir, o conceito em que é tido.

A par d'elles, vae tambem o espertalhão; não direi cavalheiro de industria, mas *jagodes* de industria, que trata de viver o melhor que póde á custa das tradições e usanças nacionaes. Estes espertos são como a phenix, renascem das proprias cinzas: aproveitam os que sobrevivem da experiencia, das luzes, e conselhos dos predecessores.

Graves, uns; outros comicos, chistosos, fazendo critica, entrando em fallas; o que se chama *boa companhia*, empreiteiros de alegria popular. Acompanham ao almoço, nas hortas, depois, quan-

do o ranchinho parte para ir ás cearas, deixam-se elles ficar na horta, e acompanham tambem outro rancho que vem já da ceara para o jantar ou para o petisco ao ar livre. Pedem para fazer uma saude á sociedade; e d'ali a nada pucham um banquinho e elles ahi estão á mesa a trincar alegremente, por entre gratas libações.

— Vamos á espiga! diz a gente de bem. Vamos ao raminho de oliveira! O pão e a paz!

E as raparigas saltam nas papoilas:

— Oh! que lindas! Lindas!

E nos malmequeres:

— Bem me quer, mal me quer, nada, pouco ou muito...

Contentes quando sae bem; — quando não sae bem, apanhando outro... até sair!

Verdadeira romaria. Dia santo em que toda a gente do povo vae para o campo.

— Não sei se sabem, diz Torquato, que hoje do meio dia á uma hora não vão ao ninho os passarinhos!

— Bem sabiamos!

— E que se a gallinha a essa hora pozer ovo, nunca o ovo se corromperá ainda que esteja annos!

— Mysterios! diz o chefe de familia.

— Ó sr. Torquato, pergunta uma das mulheres, por que não ha trigo nas hortas?

— Algumas têem terras de pão, mas não convém. Olhe, minha joia, onde se bebe vinho ha sempre risco para as cearas! Nas hortas quer-se fava, feijão, seu bocado de milho para dar ao gado de arribana, — ao boi que anda á nora, coitado, — batata, seus moranguinhos, ervilha... Mas lá trigo

é consciencia expol-o a quem não está no seu juizo:

> Nem pinga no trigo
> Nem suspeita no amigo!

— Apoiado, Torquato! Tens uma lingua de prata!

E, ao avistar as searas, Torquato pula de contente, esfrega as mãos, solta vivas, dá beliscões nas raparigas, dança e canta. É a expressão alegre e sadia do typo povo: robusto e activo, grande força de musculos, mechendo-se com agilidade, alegre e brincalhão, boa alma e bom apetite, levando a vida em trabalhos, em pilherias, e em cantigas:

— A alegria é santa, rapasiada! diz elle. Vão-se-me ao olivedo, e levem o socego para casa: o socego é a saude, a honra, a felicidade; quem vive contente, bem comsigo e com os outros, nunca é pobre; ama, espera e canta:

> Quem tiver muitos filhos
> E pouco pão
> Tome os de mão e diga-lhes
> Uma canção.

— Cuidado com as espigas! Para symbolo basta uma; se as levarmos aos braçados, e tirarmos da oliveira em vez de um raminho um tronco, é estar a pedir a Deus fartura e a empobrecer o fazendeiro! Vão-se ás papoilas, que as cearas estragam-se em estando cheias de ervas, que tirem a substancia á terra, mas respeitem os trigos!

Por mais que o Torquato se estafe a prégar, alguns ouvintes fazem-se moucos. Ha proprieta-

riosinho que lavra a terra depois das ceifas; deixa crescer as plantas nocivas, e revolve a terra outra vez: espera que tornem a crescer, abre de novo o terreno e fal-o estrumar: rebentam mais sementes, e manda arar: revolve outra vez a terra, e semeia então...

Para que é tanto trabalho?! A grande e verdadeira monda, é a d'este dia! O apanhar das espigas limpa tudo: papoilas... e trigo!...

MANHÃS LITTERARIAS

É dever de todos nós fazer quanto podermos para tornar conhecidos os livros portuguezes; é animando os editores, popularisando os auctores nacionaes, e habituando o publico a lêr os nossos livros, que Portugal poderá um dia dispensar-se da aluvião de traducções que invade o mercado, e que tão grande mal tem feito á livraria portugueza, ao destino dos auctores, e, por vezes, ao decóro de quem lê.

Seremos tão degradantemente pequenos que nem para os nossos irmãos, — para os que fallam e lêem a nossa lingua, nos seja permittido escrever?

Será porventura, o talento, dom exclusivo de uns poucos de povos abençoados, que se deixem ficar ignorando eternamente para que lado está Portugal?

Não haverá nada, absolutamente nada, que esperar de uns poucos de trabalhadores intelligentes e animosos, que não desejam e não pedem senão que os olhos misericordiosos do publico se fixem alguma vez no seu nome e lho decorem depois... a poder de lhe comprarem livros!

E por fim, o que ha de mais fatal n'esse dote do talento, que alguns tontos cubiçam, — é a consciencia imperturbavel de que a gloria seja pequenissima aqui, e cada um tenha no proprio merecimento a origem de suas dôres — porque a inveja é a unica coisa que por cá se atreve a ser grande!

Os peiores inimigos de Portugal, são os portuzes.

Verdade triste, verdade amarga, mas verdade.

Com o Camões, por exemplo, vejam se não foi um portuguez — José Agostinho de Macedo — o unico que se atreveu a insultar a sua gloria, paga por tantos milhares de horas de agonia, sem poder sequer attribuir-se a uma coragem temeraria essa tentativa de lucta contra aquelle sublime mendigo, que ha tres seculos estende ás homenagens do mundo o seu livro e a sua enxerga!

Na geração nova estão-se distinguindo uns poucos de mancebos, que teem já, cada um, sua diversa feição litteraria, o que é muito, o que é quasi tudo. Toda a gente tem olhos, nariz, e bocca, e não ha creatura que tenha exactamente a cara egual á de outra; — assim deve succeder com o estilo!

No tempo dos primeiros escriptos dos srs. Antonio Pereira da Cunha, Silva Leal, Lobato Pires, D. João de Azevedo, Paulo Midosi, etc., a moda

era escreverem todos no mesmo estylo, e ás vezes tratarem o mesmo assumpto. Constituia-se uma especie de galhardia em moldar o enredo dos romances por certo padrão, e usar do tom febril da época, vehemencia de apostrophes, exaltação de paixões, prodigalidade de imagens. Com o apparecimento de *Fr. Paulo ou os Doze mysterios*, principiado por Antonio da Cunha Sotto Mayor e concluido por Ayres Pinto de Sousa, houve uma revolução no romantismo, tremeram de admiração os leitores, e os livreiros para explicar a novidade de venderem um romance portuguez — consideraram-o immoral.

Depois, a datar do *Roberto Valença*, do sr. Teixeira de Vasconcellos, da *Estatua de Nabucho* do sr. Mendes Leal, e, mais recentemente, dos romances do sr. Camilo Castello Branco, principiou o publico a deshabituar-se de estar sempre como que a ler o mesmo auctor; e hoje quem ler, por exemplo, a *Folha*, excellente jornal litterario que se publica em Coimbra, encontra um grande numero de mancebos que teem mais do que talento, que teem individualidade litteraria, e que a gente conhece ao lel-os antes mesmo de ver o nome que assigna o artigo.

Estas considerações vêem a proposito de Alberto Pimentel. Alberto Pimentel escreve com a maior singeleza, não procura deslumbrar pelos explendores de phrase nem entontecer os leitores com surprezas, conta o seu caso suavemente, como succedeu e como se deveras se houvesse dado, tão natural, tão sincero é o tom da narrativa. Sente-se no seu livro das *Peregrinações na aldeia* um espirito sadio e bom. Lêem-se com

affecto aquelles trechos, paginas encantadoras em que transparece um espirito delicado e juvenil, que estão por vezes a dizer-nos que o caminho que tem percorrido o auctor tem sido plano e risonho e que as flôres que tem colhido não são gyrasoes nem d'aquellas sardinheiras que dão mau cheiro, — são flôres silvestres, talvez, mas gentilissimas, e dispostas n'um açafate tentador, arrendado, e fresco do orvalho! Tal se me figura o assumpto dos seus contos, e o estylo d'elles.

Outro livro, *Idylios á beira d'agua*, lembra a maneira de Saint-Beuve na *Volupté*. Depois de ter andado sempre pela poesia e pelos contos, Alberto Pimentel, que representa para mim um dos talentos mais francos, mais sinceros e activos da geração nova, quiz ir para o genero de litteratura mais predilecto á nossa sociedade — o romance. Este livro affirma ainda mais do que os que o precederam a vocação delicada do moço escriptor; e dá provas de elaboração paciente e esmerada. Ha vigor no maior numero d'essas formosas paginas, talento de descrever, sentimento sóbrio dos promenores, estylo trabalhado para melhor chegar á singeleza.

Chama-se *Phalenas* o livro do poeta brazileiro Machado d'Assis, superior talento para quem parecem haver sido inventadas as palavras «recommendavel, distincto, singular. peregrino, admiravel» de que se adubam quotidianamente os guisados encomiasticos com que os litteratos se ficam a lamber os beiços.

Sei poucos promenores da vida de Machado de

Assis, e não poderei narrar-lhes largamente os diversos periodos da sua carreira. É brazileiro; é moço; estimam-o no Brazil como um dos talentos mais vicejantes; e o seu retrato, que vi ha tempos n'um album, representa um corpito magro, physionomia discreta e firme, e, por baixo do sorrir melancolico, como que a deixar-se adivinhar um caracter nobre, ferido profundamente e calando os seus segredos.

As *Phalenas* formam um volume de mais de duzentas paginas, dividido em tres partes, *Varia*, *Lyra chineza*, *Uma ode de Anacreonte*. Se estivesse fazendo trabalho puramente litterario e critico, citar-lhes-hia já a *Visão*, uma das primeiras composições da primeira parte e uma das mais importantes; mas é extenso esse soberbo trecho e de indole pouco adaptada ao tom ligeiro d'esta simples noticia. Escolheremos de preferencia a poesia *No espaço*, a historia d'aquellas duas almas que se encontram, a de Romeo e a de Lovelace; Romeo, — o nome singelo, mysterioso e vasto; Lovelace, — a vaidade, o fazer numero, o namorar commum, que não procura o sonho de sua alma, a idéa que lhe dê vida, a promessa de felicidade que espera que Deus cumpra: o catita, o gabarolla, Lovelace!

Rompendo o ultimo laço
Que ainda á terra as prendia
Encontraram-se no espaço
Duas almas. Parecia
Que o destino as convocára
Para aquella mesma hora;
E livres, livres agora
Correm a estrada do céo,
Vão ver a divina face:

Uma era a de Lovelace,
Era a outra a de Romeo.

Voavam, porém voando
Fallavam ambas. E o céo
Ia as vozes escutando
Das duas almas. Romeo
De Lovelace indagava
Que fizera n'esta vida
E que saudades levava.

«Eu amei, mas quantas, quantas,
E como, e como não sei;
Não seria o amor mais puro
Mas o certo é que as amei.
Se era tão fundo e tão vasto
O meu pobre coração!
Cada dia era uma gloria,
Cada hora uma paixão.
Amei todas; e na historia
Dos amores que senti
Nenhuma d'aquellas bellas
Deixou de escrever por si,

. . . .
. . . .
E muitas mais, e amei todas
Todas minha alma encerrou.
Foi essa a minha virtude,
Era esse o meu condão,
Que importava a latitude?

Era o mesmo coração
Os mesmos labios, o mesmo
Ardor na chamma fatal!
Amei a todas e a esmo...

Lovelace concluira
Entraram ambos no céo;

E o Senhor que tudo ouvira
Voltou os olhos immensos

Para a alma de Romeo:
«E tu? — Eu amei na vida
Uma só vez, e subi
D'aquella cruenta lida
Senhor a acolher-me a ti.»
Das duas almas, a pura,
A formosa, olhando em face
A divindade ficou;
E a alma de Lovelace
De novo á terra baixou.

D'aqui vem que a terra conta
Por um decreto do céo
Cem Lovelaces n'um dia
E em cem annos um Romeo.

O livro alegra-se depois pela *Lyra chineza*, traducções primorosas de uns poucos de contemporaneos que se chamam Su Tchou, Tehan Tiu Lin, Han Tsé, Tché Tsi, etc., composições humoristicas, risonhas, galantes, lembrando Heine muitas vezes, no *Imperador*, sobretudo, ironia graciosissima.

Depois, uma especie de comedia, quadro antigo lhe chama acertadamente o auctor, *Uma ode de Anecreonte*, verdadeira perola, surprehendente joia de poesia. Não cuidem por lhes cheirar o titulo á Grecia que seja mais alguma massada emphatica, d'aquellas graves semsaborias de tragedia, arengadas em porticos de columnas verdes por uns gregos de aspecto lamentoso, sempre a invocarem os deuses e a entropeçarem nos cortinados da fatiota. Deus nos livre d'isso! Este Lysias, este Cleon, e esta Myrto, do quadro de Machado d'Assis, são gregos que conversam com singeleza e espirito, ora de uma coisa ora de outra, como simples particulares; gregos que nem

uma só vez maldizem a *sorte imiga*, seccante contracção de que os vates incumbiam sempre os gregos nas tragedias. É um quadro antigo, cheio de frescura, pintado com côres leves, naturaes, encantadoras, deixando brilhar no fundo da acção por entre a alvura das columnatas o azul inalteravel e suave do céo da Grecia, emquanto a brisa parece vir trazendo-nos o aroma dulcissimo das flôres do Hymetto! É singelo o assumpto, como convém a um baixo relevo lavrado no paros da arte grega; tres personagens apenas; tres scenas, em Samos; um devaneio, um capricho, uma phantasia de enredo, sempre velha e sempre nova como tudo quanto diz respeito ao amor! E ao mesmo tempo o gosto, a força, o sabor antigo, aquella naturalidade no rir e no expressar da dôr, que as nações modernas parecem evitar como se fôra uma fraqueza. Por entre os dialogos e a cada passo do discurso sentenças elegantissimas; no correr da acção interesse sem surprezas; perfeita harmonia nas proporções; individualidade nos caracteres; ficções graciosas, grande felicidade nos contrastes; a maior verdade nos promenores; todas as condições da arte grega emfim!

Longe está o auctor d'este livro; mas, se acontecer ler-me, deixe que lhe dê com toda a admiração que me inspira o seu talento os meus agradecimentos de leitor. Se soubesse como é doce avistar um poeta no tempo em que vamos, um poeta verdadeiro, que tenha o direito de se apresentar com a fronte cingida pela facha sagrada, e a quem se abaixe a cabeça com alegria!

A noticia da morte de Silva Gayo, auctor do romance *Mario*, e do drama *Fr. Caetano Brandão*, dada por ahi entre dois telegrammas e dois supplementos, não accordou echos ruidosos; Silva Gayo era muito apreciado pelos que o conheciam, passava por ser um dos romancistas mais doutos e o lente da universidade mais romantico, era tido em conta de professor brilhante e eloquente, gostava-se do seu trato pela doçura que respirava nas suas fallas e maneiras, — mas nada d'isso bastava n'aquella occasião para que nos occupassemos de alguem, — e não valia a pena morrer em agosto de 1870, a não se chamar um homem Napoleão III ou Bismark!

Que se lhe ha de fazer! É geito nosso, e assim havemos de ir emquanto Deus quizer. Somos um povo original sem ninguem dar por isso, e ignorando-o nós mais que ninguem. Original e ratão. Sobretudo ratão! — Tão ratão que vendo as coisas da nossa terra no estado em que ellas se acham, que o não ha mais perigoso, nem mais tristemente ridiculo, tudo era dar-nos cuidado a Prussia e zelar pelos seus augmentos!...

Silva Gayo andava doente havia annos. A tisica que o consumia, ia progredindo lentamente, timidamente... Dir-se-hia que a morte tivera consciencia da importancia da victima que escolhera, e que, por não ter força de a anniquillar de um golpe, pedira auxilio ao invencivel tempo.

O Bussaco era o seu sitio predilecto, e elle fallava sempre com enthusiasmo d'aquelles cedros seculares que se ostentam em todo o mysterio da sua pompa, elevando-se ás nuvens, senhores da solidão, reis da meditação e do silencio, — da

montanha que se avista ao longe por entre a rama, — e da cruz alta onde vão expirar os ultimos rumores do mundo!

Cuidava que havia de salval-o o ar que se respira ali, mais vivo, mais acendrado e subtil do que o das cidades, e que lhe fariam bem aquelles passeios em passo de romeiro, abordoando-se á um cajado para não resvalar a cada instante pelos toscos carreiros em que não ha um palmo de terreno despido, em que tudo é matto, arbustos, troncos decepados, raizes que se desgarrám da terra.

Estimava aquella melancholia, aquelle sabor de desgraça, aquelle mal avistar o céo por entre as arvores que colmêam o horisonte, aquelle brilho pallido do sol que parece mudar de côr á medida que a mata mais sobe e mais se enrama!

Parecia-lhe estar ali n'um mundo que não é o nosso, mundo que ali principie e ali acabe: sentia passarem no ar correntes mysteriosas, presentia e adivinhava o infinito nos sons que saem da floresta, no murmurio indeffinivel d'aquella natureza que desperta, no rumor longiquo que as brisas do mar conduzem como se fossem os hymnos da poesia, da immortalidade, da grandeza divina!

Quando vinha a Lisboa, ainda mal chegára, não fallava senão de se ir embora. E não era que se mostrasse enfadado do viver d'aqui, ou que lhe fosse pouco agradavel o trato dos seus conhecidos de Lisboa. Procurava-os até, e conversava, e ria, e dirigia a proposito de qualquer coisa os comprimentos mais affectuosos a um e a outro — com aquelles extremos de ternura que teem de

ordinario os que se despedem da existencia sem sentirem a alma carregada de rancores.

Mas faltava-lhe a familia, que era tudo para elle, e faltava-lhe o campo, a solidão, o ranger das cigarras, as vastas planicies, os horisontes côr da esperança, o mar ao longe com uma orla branca entre a terra e o céo, e, — em vez dos poetas do Gremio ou do Martinho, — aquell'outros poetas, poetas do Bussaco... os rouxinoes!...

Tinha de expirar onde tanto gostou de viver: e, no Bussaco mesmo, a morte derrubou-o com as primeiras folhas das arvores, entre as quaes passára o verão!...

A alma sonhadora e melancholica da poetisa dos *Murmurios do Sado*, D. Marianna Angelica de Andrade, sente-se nos seus versos. Completamente affastada do mundo, como que desanimada e saudosa, vive em Setubal, sempre em casa, triste e só, com os seus livros. Vê-se que a poesia não é o recreio, mas a condemnação irremediavel d'aquelle espirito. No proemio que acompanha a obra, um poeta moço e ardente, o sr. Candido de Figueiredo, louva a espontaneidade e a singeleza graciosa d'esses versos; teem effectivamente estes dotes, e distingue-os sobretudo, a meu vêr, o não caírem em abusos de inspiração fingida e conservarem-se sempre dentro das leis do gosto e da razão.

Não ha por em quanto senão um volume da *Historia da Liberdade em Portugal*. É curioso este primeiro tomo, e atrevido. Atrevido é a palavra; o auctor fez gosto em não ser d'aquelles historiadores que desdenham os promenores para se occuparem do todo; que vêem de relance o horisonte de uma época e tratam unicamente de simplificar as linhas do quadro: que se põem fóra da humanidade, julgam dos homens só pela face historica, e formulam verdades graves e solemnes, que é raro chegarem a ser a verdade inteira; que fazem lei e argumento dos heroes, tirando-lhes as paixões, o sangue e os nervos, e armando-os n'uma idéa, n'uma força qualquer applicada pela providencia ao movimento da machina social.

Dão-nos esses as almas, sem nos darem nunca os cadaveres humanos; e qualquer acontecimento é, no dizer d'elles, producto voluntario e meditado de uma d'essas almas. Vão communicando á machina um bambaleio regular que obedece a leis fixas, e percebe-se bem quanto um tal systema tira vida á historia. Não se anda pela terra, mas n'um mundo imaginario e frio.

Talvez haja um pensamento elevado e consolador na crença de que os successos grandes tivessem grandes causas, mas, na generalidade, não é humana nem verdadeira essa crença. As figuras da historia teem tudo a ganhar em se nos apresentarem inteiras, corpo e alma; póde o typo ficar menos puro, mas fica mais vivo, e ganha a historia em verdade e em interesse o que perde de solemnidade.

O systema do sr. Barros e Cunha na *Historia*

da Liberdade em Portugal é exactamente este; vive de promenores, de estudo psychologico e phisiologico, tenta mostrar-nos os homens e os casos com as côres vivas da realidade. Em nos apresentando um heroe, investiga-lhe as paixões e as idéas, explica-lhes os actos pelo coração e pela intelligencia, ergue-o diante de nós como homem e não como deus. É uma especie de realismo applicado á historia; observação paciente do individuo, reproducção exacta de seu ser, explicação franca da influencia que teve nos negocios d'este mundo.

Levanta os véos e põe á luz as intenções, os designios, as intrigas, acompanhando tudo de documentos que são o fundo solido de suas narrativas, e o commentario brilhante e decisivo das suas opiniões. A historia do poder absoluto, a influencia dos jesuitas, a inquisição no tempo de D. José I, a invasão franceza, a perseguição dos liberaes, são capitulos de historia que têem o interesse de uma confidencia e de uma resurreição, um pouco bruscos de tom ás vezes por se contentarem de estudar os homens por si proprios e por si mesmos os factos, mas notaveis sempre de coragem e de franqueza.

Triste era o estado do estomago portuguez.

Não podia já aturar a sopa, vacca e arroz de cada dia, o caldo gordo, o toucinho alto para machucar o pão, e, em caso final e grave, a *carne assada n'agua* do principio d'este seculo.

Ás vezes o *bitter*, o absintho, ou o *vermouth*, gritavam-lhe de passagem:

— Queres um copinho? Uma pequenina porção dissolvida em agua, para te preparar para o jantar, para te abrir o apetite, para te dispôr á festa?

E o estomago portuguez, coitado, resmungava com melancholia.

— Para que? *Bitter* e *vermouth* para que!? Isto não é jantar, é comer. É metter coisas por esse buraco a que chamam bocca: uma pratalhada de sôpa, naccos de pão com chouriço e carne cosida, e, á sobremesa, uma barrigada de castanha assada, tudo isto com acompanhamento de vinho bem grosso e pesado, de um que se diz que *tem corpo*, do tal que *tem côr*, do que é vinhão, o carrascão, o carrascão nacional!...

E ouvia, de repente, uma voz dizer-lhe:

A cabeça de porco. Vejo que te esqueces de mim, ingrato! Eu sou a cabeça de porco, companheira amiga dos jantares do inverno! Quando o vento e a chuva açoitam as vidraças, quando dezembro esbraveja e se rebola furioso nos lamaçaes do Chiado, eu vou n'um pratalhasio immenso, com a feijoada e as ervas, em teu auxilio e em teu conforto, ó estomago portuguez!

E elle respondia enjoado:

— Vae-te! Pesas-me, e enfastias-me, cabeça de porco! tu és para mim a massada, a grosseria, a falsa dignidade, a maioria triumphante, a estupidez no poder, Portugal comilão!

E outra voz dizia-lhe:

A dobrada. Eu sou a *coquette* d'estes reinos. Tenho o meu vestido côr de grão, o meu mantelete côr de tomate, o meu chapéo rôxo...

— Cala-te! redarguia o estomago arripiando-se. Cala-te, e vae-te!

E outra vez dizia-lhe:

A sardinha. Eu sou o bem por excellencia! O tudo de Portugal! De mim se nutre o paiz; de mim se sustenta o povo; só de mim entre nós póde deliciar-se o gastronomo; a mim se devem os casos de longevidade de que as folhas publicas dão por ahi noticia com frequencia; sou o segredo do encanto e duração dos dias que a creatura portugueza tem de passar sobre a terra. Eu sou o macarrão dos *lazzarones* de cá; a mãe sardinha, — tão gostosa, assada nas brazas sem mais despeza do que accender o lume; ou ao sair quentinha da frigideira; ou salpicadinha da costa, para se comer com um fio de azeite; ou nedia e fresca em santa alliança com a cebola e o tomate, de caldeirada; ou a todas as horas, n'um escabeche pimpão!

Elle sorriu-se com ternura.

— Obrigado por teres vindo! exclamou. Querida e antiga companheira! Unico amor verdadeiro da minha vida!...

Este estado de coisas não podia prolongar-se. O estomago portuguez ia estoirar...

O grande transtorno é ter-se a gente habituado a comer. D'ahi vem mil cuidados e mil necessidades inuteis! Seriamos todos mais ricos, teriamos melhor saude, seriam mais independentes os homens politicos, haveria menos deputados, e estariamos livres do *deficit* se não comessemos.

Escusava ser prohibido comer, — mas escusava tambem de ser absolutamente necessario. Quando

alguem comesse seria por goloseima, e, n'esse caso, não comeria senão coisas delicadas,—como quem cheira flôres e aspira arômas, que não são coisas de primeira necessidade e são delicias!

O povo comeria ao domingo.

D'esta maneira, bem vêem, seria castigado quem abusasse — com gastrites e outras enfermidades, que no estado actual das coisas affligem não o abuso, que isso seria justiça, mas o simples uso dos nossos orgãos especiaes, em a gente jantando dois dias seguidos a tal dobrada ou a cabeça de porco!

O sr. Paulo Plantier doeu-se d'isto, jurou pela sombra do sabio magistrado Brillat-Savarin que haviamos de saber comer, emprehendeu um livro de cosinha de primeira ordem, setecentas e trinta paginas, quarenta gravuras, duzias de descobertas, centenares de receitas, e, entre ellas algumas de Bulhão Pato, de Sousa Almada, de Ramalho Ortigão, de A. A. Teixeira de Vasconcellos, de Luciano Cordeiro, de Bernardino Martins, de Marciano Henriques da Silva, de Manuel Monteiro, sem fallarmos — por modestia — de uma caldeirada com que eu proprio me levantei acima do vulgar!

As nossas receitas?

Isso! Não ha palavras que o digam. O que Bernardino Martins tem estudado o caril, parece um sonho! É um espirito muito profundo; é um sabio, digamol-o assim.— O bacalhau de Sousa Almada? Não é dizer que cheira a rosas; as rosas é que cheiram a elle...—A salada de Luciano Cordeiro? Um poema. Para isto é que eu queria a fita de S. Thiago! — As batatas fritas de Ramalho Ortigão? Trinquemos! Admiremos! Trinque-

mos mais!— A assorda, as perdizes, e a lebre de Bulhão Pato... Gostam da *Paquita?* Tambem eu, que morro por ella. Não val nada ao pé d'isto.— Os *innochi* de Marciano da Silva? Parecem pintados!—O sr. M. Monteiro? Pouco conhecido na vespera, graças ao *gaspacho* estava illustre no dia seguinte.—A minha caldeirada?... Essa, hade Venus accolhel-a em seus banquetes!...

O livro é curiosissimo. O sr. Paulo Plantier conseguiu realisar com o maior gosto esta obra de grandes difficuldades de publicação na nossa terra, e n'um espirituoso artigo que fecha o volume dá-nos prova de que é tão intelligente como emprehendedor.

O *Cosinheiro dos Cosinheiros* diz tudo, explica, ensina tudo, as comidas de cá e as de lá, as finas e as não finas, aconselhando, advertindo, preparando, temperando, guizando, trinchando. Quando se olha para as estampas já se tinha percebido tudo, mas as estampas são tão bemfeitinhas que dão á obra, que já tinha o cunho litterario, o cunho artistico.

Este é o livro que conhece bem o tempo em que vamos e o paiz em que nascemos! Viu que a poesia cobre o rosto com o veu, e resolveu levantar no sitio dos altares derrubados — uma divindade nova:

A PAPAROCA!

Chamou a si os poetas e os litteratos, e sem lhes dizer palavra a respeito do valle sagrado em que o deus das artes dava beija-mão no meio das

nove Irmãs, mandou as musas para a cosinha e poz Apollo de avental!

A papança já tinha a prosa, a prosa positiva e chan da vida, os empregos pingues, os presentes aos deputados, o carneiro assado na occasião de eleições, mas faltavam no templo da Gastronomia os litteratos de Portugal, gente de maior cabeça que barriga, cantando alegremente os prazeres da mesa, compondo receitas, delineando guizados, executando piteus, Panurgio estendendo a mão a Sancho em signal de alliança, Virgilio abraçando Falstaff, a litteratura dominando do alto da sua obesidade a multidão que janta, a inspiração nacional prégando a cruzada gastronomica.

Abaixo os versos, abaixo os romances, abaixo os folhetins, os artigos politicos; que a bulha dos garfos nos pratos, e o chocalhar das cascas d'ostras, substitua a bulha das rimas!

É a epoca da barriga!

Viva a barriga!...

Troquemos, novos Esaus, troquemos tudo pelas lentilhas. Se não houver lentilhas, venha repolho! Floresçam nossas faces, miseros condemnados do livro e do jornal n'esta terra que nos não quer! Brilhe em nós o incarnado desde a ponta do nariz até á orelha rubicunda!

Jantar bem! Jantar bem!...

Esse é o segredo do *Cosinheiro dos Cosinheiros*, o segredo de ser bom, de não ter ambições — ambições de que, se, em a *besta* estando farta, o espirito não lhe importa o mundo! — de não viver de invejas, de manias de gloria, de rancores mesquinhos... Ó rigido Catão, ó moderado Diogenes, ó frugal Democrito, se houvesses lido

o *Cosinheiro dos Cosinheiros* haverieis proclamado como nós — Jantar bem!

Que se sabe hoje da vida e da historia de Homero? Nada. Comnosco, louvado Deus, não ha de ser assim; fica o *Cosinheiro dos Cosinheiros* para dizer no futuro o que nós fomos!...

Uma das obras mais curiosas, mais importantes e notaveis, que tem visto a luz nos ultimos tempos é o *Summario de varia historia* do dr. Ribeiro Guimarães. Como todos sabem, é muito mais facil no nosso paiz estar-se iniciado na historia das curiosidades e até minucias do que ha na França, que saber do que diz respeito a coisas nossas. O sr. Guimarães, havendo publicado grande numero de artigos a descrever monumentos, a dar conhecimento de costumes de outras eras, e a averiguar tradições e lendas, reuniu em volumes esses artigos interessantes, em que vae dando das coisas noticia umas vezes inedita, outras raramente conhecida e sempre rapida, o facto historico, as datas, alguma citação valiosa de chronica ou de manuscripto, e breves considerações que venham a proposito. Vamos n'um tempo em que já se estranha quando se encontram livros, que sob titulos pouco ambiciosos, dêem como este mais do que promettem e sejam obras uteis. Consola isto das composições vaidosas, que tantas vezes engodam o leitor com o titulo, sendo o conteudo d'ellas verdadeira traição á anciedade. São pequenos capitulos de histo-

ria, estes artigos; e apesar do auctor haver dado não só provas de talento mas de promptidão em escrever, vê-se que não quiz fazer render os assumptos. É obra para consultar, sem que se perca tempo com divagações: diz quanto ha para referir, mas o seu empenho é a concisão sem todavia deixar nada por dizer nos diversos assumptos de que se occupa.

Chega a parecer que ha dois homens em Eduardo Vidal.

Um,—moço candido, alma ingenua, namorado timido e casto, contemplador da natureza na sua grandiosa simplicidade.

Isto nos dias de semana.

Ao domingo vêmol-o no folhetim do *Diario Popular* ha muitos annos, e é outro homem n'este dia, grave, austero, academico escrupuloso, ás vezes um pouco azedo, impondo a lei e o voto como quem não insiste, mas indo sempre por diante com a sua idéa, com a sua convicção, e, de quando em quando, com a sua teima.

Brilhante, dulcissimo, como poeta; profundo e meigo; traços limpidos e puros, versos perfeitos de rythmo e de forma; de umas vezes como que a adolescencia de um talento a desenhar-se em toda a graça natural:

São varios os destinos; sobre a terra
Diverso é tudo em si:
Correm ao mar as aguas fugitivas
E eu corro para ti.

Pôz Deus a cada qual seu rumo e vida
A todos fim marcou;
Ao rouxinol dos bosques disse : «Canta!»
E o rouxinol cantou.

Ao recosto onde as arvores vecejam
Deu-lhe as sombras a flux,
Ás ervinhas o cheiro. ao dia orvalhos,
E á noite a doce luz.

A mim deu-me esse olhar, e olhar tão bello
A ninguem mais o deu.
Oh! se eu tenho uma estrella que me brilha
E porque tenho um céo!

Podia ser acaso ainda mais prodiga
A mão do creador?
Não ha trevas d'angustia que amorteçam
O sol do meu amor.

Quando vejo a risonha primavera
Os campos inflorar,
Mais flores sinto eu n'alma se me desce
Um raio d'esse olhar!

D'ahi a um instante vem a tristeza e a philosofia de um pensador, em meditações a que não falta nunca nenhuma condição da arte pittoresca e severa; e ainda suave, mas sente se que entrou a dôr n'aquella alma, que lhe fugiu uma illusão que o animava, — e assim vae das *Auroras* para as *Primeiras nuvens*, do *Pensar* para a *Boa nuncia*, dos *Sonhos d'abril* para a *Contemplação*; dir-se-ía que uma inquietação caprichosa, uma saudade alternada, ora da cegueira ora da luz, agora da illusão, logo da experiencia, estabelece n'aquelle espirito a lucta da mocidade e da reflexão, Fausto a dizer a D. João que pense, D. João a dizer a Fausto que ame!

No folhetim todo o seu esforço é ser positivo;

ás vezes as azas não lh'o consentem. e elle parece ficar furioso por isso contra si e contra o mundo; mas, quando divaga preoccupado por uma intenção de replica, quer disfarçar o seu enfado humano e chama por ellas. Se os assumptos de que trata são de sua predilecção, a prosa corre-lhe elegante e fluente; se vae contrariado encher as quatro meias columnas, não resiste á tentação de um epigramma ou outro; mas arma as phrases com umas palavras que podem ser classicas quantas vezes quizerem, mas a tal ponto desusadas que teem ar de serem o peito d'aço e cotta de malha da idéa, e arriscam-se a que o leitor repare menos na idéa que na palavra.

De tempos a tempo evita revistar o que por ahi succede, e compõe um conto, um singelo e formoso conto para o seu folhetim. Tem n'esse genero primores, e encontram-se ahi e abraçam-se o poeta e o prosador, vendo-se então que o seu talento não é composto de retalhos incoherentes a que não saiba o que haja de fazer a não ser cosel-os ou cerzil-os. É a mesma inspiração, a mesma tristeza compassiva, a mesma ternura sem emphase, nem affectação pomposa de poeta que se dê ares de fazer favor á gente em descer á prosa nossa de cada dia, com uns modos gigantescos para qualquer coisa, que dêem idéa de um elefante a fazer forças para curvar a tromba e apanhar um tremoço. É sincero, é buccolico, sabe cantar os montes, os vales, os rebanhos, os pastores, os rios, as fontes, os rafeiros que guardam o gado, sabe cantar a madrugada, a sesta, e os affectos e as paixões do campo, *sub ramis arboris altæ*. Quando a sua prosa cae no que possa

agradar-nos menos, é sempre ainda assim pelo excesso litterario, o *zelo de mais* de Talleyrand, o fazer gosto em aprimorar a tal ponto o estylo que n'um periodo ou n'outro se sinta um ponco de mais o trabalho, o preparo, o adorno; não nos surprehenderá como um mau litterato por descurar a fórma, antes por guindal-a de mais n'alguns trechos.

Para que o livro dos *Crepusculos* mereça ser considerado na proporção de valia em que felizmente é tido, bastam as admiraveis composições *Alma parens*, *A ti*, *Ave popule*, as comedias *Ao luar*, o *Saboiano*, e *As Mães* — precioso poemêto, que tem para mim além de todos os encantos o de prender-me de reconhecimento á amavel dedicatoria com que o poeta honrou o meu nome.

Está ali todo o seu coração, está ali o que ha de melhor no seu talento, n'essa primorosa poesia *As mães*: sentiu quanto ha de nobre n'essas doces creaturas, modestas, grandes, que acompanham o homem desde o berço, participando dos factos da nossa vida com toda a força da necessidade, com todo o poder e ancia da sua alma, curvando a cabeça, acceitando uma certa inferioridade, conservando-se na sombra da historia:

Ó mães, ó meu enlevo, ó doces creaturas
Que tendes sob a mão as epocas futuras,
A humanidade em flôr;
Ó fontes perennaes d'extremos de caricia,
Ninhos onde se empenna a candida puericia,
Ó martyres do amor!

Deixae que a minha voz se junte á do universo,
Que a solte como o fumo, e que bafeje o berço
Junto ao qual meditaes;

Como ao caír da tarde, e mal o sol se esconde,
Solta mais vivo aroma a recendente fronde
Dos verdes laranjaes.

Toda esta admiravel composição indica distinctamente um poeta que já deixa ao longe os ensaios e o relampejar das primeiras tentativas, que está feito, que entrou no periodo em que o florejar brilhante do talento se torna homem sem ir todavia a deformar-se, a envelhecer, e a deixar o sorriso mudar-se em ruga.

É um poeta de convicção. Tem decerto, como toda a gente, os seus dias felizes e os seus dias aziagos; mas é sempre poeta, por vocação e não por luxo; poeta até nas suas insistencias, nas teimas a que já me referi brincando amigavelmente com elle no principio d'esta rapida apreciação; no orgulho que deixa transparecer a cada passo, ás vezes até na modestia e na isenção.

Não confundam com vaidade: vaidade é a tolice do orgulho, isso não tem elle; a sua pequena estatura não o deixaria, ainda que elle quizesse, deixar-se levar de desvanecimentos e comparar-se ao deus do dia presenteando-se com todas as graças e donaires; e entretanto, apesar de baixo e magrinho ha certa procura esculptural na attitude que toma, principalmente quando está recitando, que impõe respeito. Elle é mais que magro, é diaphano, mas como na sua figura estão guardadas as proporções, longe de parecer um espectro a arrastar-se pela rua fóra entre alegres viandantes, dá mais depressa idéa de um rapasinho de quinze annos, grave e airoso, que ainda não engorda por estar a crescer.

Poucos escriptores em Portugal teem tanto

amor ás lettras, e se tem entregado a tão zeloso cultivo d'ellas. São-lhe familiares os poetas da antiguidade, e conhece tanto os thesouros dos mortos como a riqueza que vae por esse mundo nas obras dos contemporaneos. Não é isso porém o que lhe tem vallido, a não ser para trabalhar, e para soffrer, a troco de deliciar tantas vezes os leitores com os seus versos formosissimos. O que lhe tem valido — e n'isto está o paiz — é ser empregado na alfandega.

Não é por emquanto muito conhecido no paiz o nome de Oliveira Martins, auctor do ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação á sociedade portugueza e ao movimento da renascença, que o sr. Anselmo de Moraes Sarmento, do Porto, editou com o titulo *Os Lusiadas*. Não se conhece nem o passado d'este escriptor, nem o seu genero de estudos, nem a originalidade do seu methodo. Em vez de viver na intimidade dos livros de litteratura amena que andam mais em uso e que se vêem por ahi em todas as estantes e nas lojas de todos os livreiros, este moço entregou-se sempre ás obras severas dos grandes pensadores, estudando-as em boa ordem, annottando-as, não as deixando nunca meio exploradas, e adquirindo grande abundancia de conhecimentos profundos. — No seu livro *Os Lusiadas* sente-se o resultado d'isto. É um grande talento, reflexivo, philosophico, averiguador. N'aquelle livro está a historia de Camões ; mas se quem o estiver lendo qui-

zer dar — para o entender bem e para o meditar — a mesma attenção e o mesmo cuidado que aos livros a cuja leitura por ahi se vive habituado, Oliveira Martins não será julgado nem comprehendido. É um philosopho, e ao mesmo tempo um artista. Tem o grande raciocinio, e os caprichos ás vezes de um poeta. Elevação de apreciações, vistas largas, e a melhor elegancia, a maior doçura no estylo. Com que profundidade, com que critica e ao mesmo tempo com que amor, elle estudou o grande poema de que todos fallam e que bem poucos teem talvez lido, *Os Lusiadas*, do sublime poeta que teve a desgraça de nascer n'um paiz pequeno, cuja lingua ninguem aprende e ninguem conhece senão os indigenas. O «ensaio sobre Camões» estuda o poema, e estuda o poeta — cuja vida é outro poema tambem, vida aventurosa, romantica, heroica, lucta do talento contra a riqueza e a tolice. É um livro para eruditos e tambem para aquelles leitores amaveis que só pedem a uma obra que os entretenha, que lhes conte coisas que não sabem, que os instrua se quizer mas que os deleite. Não é isto dizer-lhes que é para toda a gente este livro?

Consulta-se a cada momento o *Diccionario bibliographico*, do sr. Innocencio Francisco da Silva, mas ha não sei que proposito caprichoso em ser um pouco ingrato com o auctor, — que é, por fim de tudo, um homem de lettras na accepção mais exacta e melindrosa d'esta phrase.

Os nossos personagens importantes e emminentes nas grandes carreiras não fazem idéa clara d'este genero de merecimento complicado, fugitivo, e são capazes ás vezes de o desconhecer. Ser um talento litterario não é unicamente apparecer moço dotado de facilidade e de aptidão, observar, adivinhar promptamente o gosto do dia, a moda dominante, julgar de tudo com indifferença, entregar a penna e o talento á defeza de algum assumpto proprio para interessar os do tempo, e popularisar o auctor; tenho os visto principiar assim, cheios de inspiração e de fogo; depois, de repente, sem se saber porque, fugirem para a politica ou para o casamento, sequiosos de uma esposa e de uma cadeira de deputado! O que nasceu homem de lettras, esse estima acima de tudo as lettras por ellas mesmo; estima-as por si proprio, conforme a veia do seu capricho, conforme a attracção da sua chimera: *Quem tu Melpomene semel*; affasta-se da multidão, se ella não lhe agrada, e esconde-se no campo, se é romancista; n'uma agua furtada, se é poeta; n'uma livraria, se é bibliophilo.

Então, ou seja um espirito devaneador, e os assumptos que escolhe e em que a sua veia se exerce lhe não cheguem de fóra e como um echo da opinião popular, prendendo se lhe apenas a uma fibra do coração, e pedindo-as simplesmente ao echo dos bosques; ou seja um espirito investigador e reflectido, um trabalhador, um pensador, um ledor, um archivista, — terá de dar mil passos inuteis, de fazer mil diligencias infructiferas, de que certos espiritos positivos se surriem com piedade, embora todo esse trabalho paciente

venha um dia a acabar-se; o interesse que poderia faltar ao genero. imprime-lh'o o talento, e cria-o para os que vierem depois d'elle; o que não existia antes, vae datar d'esse dia, e o beijinho das gerações humanas saberá estimal-o:— é o que succede com o sr. Innocencio Francisco da Silva.

Ha naturezas excellentes, que, similhantes aos vinhos generosos, melhoram á proporção que avançam; quanto mais se estabelece e consolida, atravez das difficuldades de um trabalho incessante, tanto mais o seu talento ganha em vigor n'um louvavel e livre emprego. Assim succede ao homem, de que me occupo; está cada vez mais rijo, mais energico, mais cheio de curiosidade, de actividade, de desejo de ensinar, de desejo de saber para si e de contar aos outros; não o procureis em casa, quando quizerdes fallar-lhe: elle não mora em casa; elle mora na rua Augusta na livraria de Pereira, na rua do Crucifixo na livraria do Pote das Almas, na rua do Oiro na livraria de Melchiades; os livros são os seus amigos, os seus companheiros, o seu *alter ego*; janta com elles, toma café com elles, estuda e ri com elles. Eu não quizera ter-lhe os sonhos, quando elle perde algum volume querido: pesadelos assustadores, em que verá passar successivamente o livro n'uma multidão de mãos mais ou menos dignas de lhe tocarem; ora um mercieiro a pesal-o na balança, e preparando-se para o rasgar e fazer cartuxos, ora um livreiro a pendural-o no mostrador, divertindo-se em vêr os *mirones* olharem para elle; aqui, um lacaio estupido deixando-o cair, e elle levantando-se para o apanhar, já sujo, já rasgado,

sem comtudo lhe chegar com o braço; ali um amador a escondelo como um thesouro no canto mais retirado e mais impenetravel da sua bibliotheca! Ah! que de angustias, que de inquietações, que de dias sombrios, que de noites brancas, que existencia excentrica, passada a namorar livros, a tocal-os, aproximal-os dos olhos... e dos labios mesmo, com alegria pura e dôce, que não se parece com a que procura a vaidade ou a avareza satisfeita! Diz-se que o futuro costuma sempre, mais do que o presente, fazer justiça a estas organisações; não esperêmos, façamos-lha já.

Queixa se, e com razão, o sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, na sua excellente obra *Glorias portuguezas*, quando escreve ácerca do duque de Lafões, que os portuguezes sejam tão remissos em colligir apontamentos para a historia patria, e ainda mais devemos admirar por i so mesmo o trabalho de indagação de que o seu livro dá prova em mil promenores que parecem uma especie de auto-biographia escripta á vista dos heroes, tão fiel e minuciosamente é tudo ali estudado e narrado com o encanto que só provém da naturalidade e da verdade.

Leva esta obra não só a considerar e acatar as pessoas celebres de que trata. mas a estimal-as com sentimento de affecto, tão habilmente nos dispõe a favor dos heroes. Não sei quem disse algures que entender é perdoar, e talvez pudessemos tambem dizer que conhecer é querer bem.

mance de grandes lances e de grandes quadros; acção ampla, pintura quente e viva, descripções firmes e soberbas, o saber prender o espirito pela curiosidade e pela lição. O segundo tem o aroma elegante que rescende do titulo: é a novella de hoje não cuidando só do andamento, mas do estylo; acção delicada, phrasear romantico, toques suaves; a ligeireza e a graça da imaginação.

Não lhes diria nada de novo, se lhes citasse a actividade incansavel de Pinheiro Chagas; tem-a sempre registrado a imprensa; e o nosso commum amigo Christovam de Sá, que ainda algum anno vem a pagar duas decimas, uma de Christovam de Sá e outra... de Cunha Bellem, pede-lhe ás vezes que não publique um livro novo emquanto na typographia se compõe o folhetim em que elle faz a critica do mais recente. Quando ha tres mezes ou quatro os jornaes annunciaram que estava doente o auctor da *Morgadinha* fui visital-o uma noite. Achei-o de *cache-nez* — a amisade politica traz d'estas condescendencias — e disse-me com sinceridade que estava apenas constipado. Conversámos meia hora, rimos bem; — n'isto, espirrou tres vezes, e sairam tres artigos. Dizem-me que a sciencia não pode explicar este phenomeno, mas nem por isso devo deixar de offerecel-o ao apreço dos doutores.

Chegou a Lisboa um volume de versos de uma senhora do Brazil.

É precedido de uma introducção por Pessanha Povoa.

Em janeiro d'este anno, n'uma manhã em que chovia immenso parou uma sege á minha porta. O boleeiro perguntou se eu estava em casa, disse se lhe que sim; apeou se da sege um sujeito, subiu, e entrou.

— Julio Cesar! disse-me elle. Já me não conhece?

Vi um homem de meia estatura, accentuadamente moreno, phisionomia intelligente e vivaz, sorriso um pouco ironico, olhar profundo e firme.

— Não me lembro, não! disse eu.

— De Hespanha?

— De Hespanha!

— Das noites de Madrid, das nossas orgias...

— Orgias!...

E fiquei pasmado, sem me lembrar d'elle nem d'ellas.

— Fallemos claro, disse me o meu curioso interlocutor. O sr. Machado sabe que commetteu um crime em Madrid. Sou da policia, e estou encarregado de o procurar.

Lembraram-me n'essa occasião duas coisas. A primeira, — foi que estava recebendo a visita de um doido.

A segunda, — que algum diabo de homem em Madrid houvesse tido a lembrança pouco amavel de se inculcar por Julio Machado para pôr em pratica qualquer façanha ao revez de acto meritorio.

Turvei-me n'estas considerações, retorqui com aspereza, e ía convidal-o a que não fizesse espe-

rar a sege,—quando elle se atirou a mim... n'um grande abraço.

—Meu caro Julio! disse-me. Eu sou Pessanha Povoa!

—E accrescentou—elle a rir, e eu a rir tambem:

—Do hotel Alliança, no Chiado, ao Salitre onde o Julio móra, gastam-se de sege dez minutos: empreguei estes dez minutos de caminho em scismar que farça havia de eu fazer ao folhetinista; quando o boleeiro perguntou pelo seu nome, estava achada a farça: quando entrei, representei-a: foi esta!

Não lhes faz sentir esta historia, melhor e mais pittorescamente, do que tudo quanto eu lhes podesse dizer d'elle, o caracter original do individuo? Pois é esse mesmo Pessanha Povoa, auctor de *Annos Academicos*, escriptor estimado no Brazil, meu amigo hoje, e actualmente em Lisboa onde chegou de novo ha dias, o auctor do prefacio ao livro da sr.ª D. Narcisa Amalia. Homem de talento, homem de espirito, temperamento curiosissimo; um pouco duro, um pouco agreste á primeira vista, como que sarcastico e cruel: tratado, o que ha mais amavel sem nunca deixar de ser o que ha mais original.

Nebulosas é o titulo d'essas poesias. O livro traz o retrato da poetisa; moça, vivamente sympathica; o cabello em ondas a moldurar-lhe o rosto; ao peito, uma medalha: a esperança, n'essa medalha, ou já uma saudade. *Che lo sá?*—Pessanha Povoa considera-a a brazileira mais illustrada; este rasgo de admiração póde parecer simples comprimento litterario, como é simples com-

primento de artista dizer de uma senhora «a mais bella» «a mais encantadora»; mas o livro justifica toda a amplidão dos louvores do critico.

Para viver hoje na poesia já não basta ter talento, é necessario distincção, verdadeira distincção, representar alguma coisa, idéa ou fórma; n'esta poetiza ha um espirito audaz, independente, essencialmente moderno, não vivendo só da idealidade mas das preocupações austeras do futuro social,—e, nos versos, o não sei quê raro, difficil, dos mestres: elevação, sem exforço de quem tenta escalar o ceu, sobrepôr montes a montes, e esgravatar as estrellas — e ao mesmo tempo linguagem clara que dá o sentir e o pensar de cada um de nós, pintando as coisas não só com idéas, mas — se me deixam dizer assim — com *sons*, e encontrando na sua alma de mulher a nota vibrante do enthusiasmo viril e o grito de revolução.

Ha mais livros publicados ultimamente? Ha, decerto. Não recebi uns, e ainda não pude ler outros. É bom sempre dizer isto, por ser verdade. Por cautella, não; mesmo porque, para os que exigem *reclamos*, responde-se-lhes, para os contentar, com um apologo, a seguinte historia por exemplo:

Offerecêra a um conviva o dono da casa um vinho dos melhores. O outro bebeu, e calou-se. Quisilado d'essa indifferença, mandou o dono da casa vir agua pé. O conviva bebeu, e exclamou:

— Que delicia!

— É bom?

— Precioso nectar!

— Mas o meu amigo não disse nada do que bebeu primeiro?!...

— É porque o primeiro... não precisava de recommendação!

Em se lhes contando isto, é preciso serem doidos para não ficarem contentes.

O CHÁ

É á noite.

Todos nós, portuguezes, povo por excellencia para beber chá, sabemos como por cá se tem passado sempre este caso. Está a mesa aberta, o competente candieiro, e oito ou nove pessoas reunidas a passar a noite, conversando e bocejando em quanto não chega o bulle.

Tudo parentes, e pessoas de amisade.

Phisionomias de gente de bem, serenas, quietas.

Duas senhoras a fazer crochet; a dona da casa dando audiencia ora á direita ora á esquerda. O marido jogando o wisth ou o voltarete com tres amigos. Uma menina a bordar.

Na parede o retrato do dono da casa, com a sua farda de camarista.

— O *Diario Illustrado*, que é d'elle? pergunta uma das visitas.

— Aqui está.

— Ainda hoje o não vi. Traz um general. Está bom este general!

— Parece o primo Pentecostes!

— É verdade. É boa! É tal qual o Pentecostes! O desenhista devia represental-o de chapeu de sol, que é como elle costuma andar!...

O dono da casa interrompendo o jogo, por um ataque de ira:

— É preciso ser burro...

— Quê?

— É preciso ser burro... de fortuna?

Um dos assistentes lê os annuncios do *Diario de Noticias*:

— Ah! Cá estão as pilulas!

— Estão ahi?

— Estão. E com um agradecimento, de mais a mais. Agradecimento do doente. É uma cortezia bem entendida. Ai esperem, não é do doente, não: o doente morreu...

— É então o medico que lhe agradece?

— É a familia que agradece ao medico.

— Como, a familia?

— Certamente. E vê-se, pela maneira porque está redigido isto, que o doente morreu... curado!

— Ah!

— Pois é.

Ouve-se bater á porta.

— São as Albuquerques provavelmente.

— Não; a esta hora, e pelo bater, parece-me a D. Caetana e a sobrinha.

— A sobrinha prometteu trazer hoje versos novos.

— É poetisa? pergunta a menina que está bordando, despedindo sobre o filho da casa, que é seu primo, um olhar de inquietação.

— Grande poetisa! diz o dono da casa, cedendo o seu logar á mesa do jogo. Grande musa! É a *decima*, e em largando a recitar é pesada como um imposto!

As meninas do crochet, uma ao ouvido da outra, em quanto entra D. Caetana com sua sobrinha.

— Ó mana, olha, esta menina dizem que tem uma lyra?

— Serio?

— Serio, sim; até quem o disse é pessoa lá de casa, que provavelmente já lh'a viu. E tambem li no jornal que tem uma tripode...

— Quem sabe lá!?

— Vi eu no jornal!...

— Deixa fallar!

— Sr.ª D. Caetana, minha querida amiga, que bondade a sua de fazer o sacrificio esta noite...

— Já a semana passada desejavamos vir, minha senhora, mas meu marido teve em casa uma pequena reunião politica...

— Sempre a politica!

— Ora! Não lhe deixa tempo para mais nada. Sempre combinações, sempre planos! E depois, receios .. As coisas nunca estão tranquillas... Ha gente que vive de idéas... Victor Manuel rei do Monte-Pio, o sr. D. Luiz rei da Siberia... — Eu, como vê, já tambem sei fallar d'estas coisas...

— Estou vendo... estamos vendo.

Um parceiro para outro:

— Que foi que ella disse de [illegible]?

— Piemonte é o que ella quer dizer: Piemonte, e Iberia!

— É a mesma cousa.

— *Mutatis mutandis.*

A dona da casa, beijando a sobrinha de D. Caetana:

— Ha alguma composição nova?

Silencio eloquente da modestia. D. Caetana diz á sobrinha:

— Aidé, responde! Não ouves o que te perguntam!?

A menina diz:

— Hontem quando a lua accendia no horizonte a sua lampada de alabastro e o [illegible] principiava de entreabrir seus cofres de saphiras...

Pára o jogo. Um dos parceiros diz:

— Então você joga?

— Deixe ouvir...

A menina prosegue:

— ... Minha alma desprendia-se [illegible] de envolta com as vozes mysteriosas da floresta.

— Ouçâmos! exclamam as senhoras largando o crochet.

— Não sei se conseguirei recordar-me. Tenho tido hoje uma nevralgia funesta; todo o dia estive deitada; ergui-me ha pouco do leito da dôr...

— Mas agora estás melhorzinha, lhe diz a tia. Vamos, recita.

Até vir o chá não se faz outra cousa. Está a agua a ferver na cosinha, e a poesia a ferver na sala; composição sobre composição: as estrellas, a lua, o sol, as sombras, os riachos, o suspirar

dos [illegible] batem no argenteo lago, a brisa da [illegible] da noite, o gorgeio das aves, as alegrias [illegible] primavera...

— [illegible] ! E sublime!...

— [illegible] diz um a jogar.

[illegible].

[illegible] do apparato antigo, — as estreitas [illegible] manteiga, a que chamavam *datas*, linhas [illegible] embrulhar-se umas nas outras; e os [illegible] no prato grande do Japão; e uma [illegible] da sempre de thesoura para velas, espevita [illegible] espevita ali, recebendo na bandeja as chavenas [illegible], fazendo tudo n'uma volta de mão, e [illegible] do os olhos a ver quem requeria mais chá [illegible] to de não meter a colher na chavena.

[illegible] idas de um lado, bolachas inglezas do outro, [illegible] latiles ao centro, e está dito tudo.

— [illegible] ou verde? pergunta a dona da casa com [illegible] complacente.

[illegible] viadas encarrega-se da parte historica:

— [illegible] verde é artificial; agradavel, mas falso. [illegible]! O amigo china pega do chá preto, que [illegible] natural, o verdadeiro chá, besunta-o de [illegible] Prussia, de saes de cobre, depois engomma-o...

— [illegible], engomma-o?

— [illegible] engomma a ferro...

— Ah!

— [illegible] mette-o em agua de gomma, e põe-o depois [illegible] forno a seccar!

— [illegible] uma pessoa com a entranha engommada [illegible]!...

— [illegible] polimento!...

Um parceiro para outro:

— Que foi que ella disse de Monte-Pio?

— Piemonte é o que ella quer dizer. Piemonte, e Iberia!

— É a mesma coisa.

— *Mutatis mutandis.*

A dona da casa, beijando a sobrinha de D. Caetana:

— Ha alguma composição nova?

Silencio eloquente da modestia. D. Caetana diz á sobrinha:

— Anda, responde! Não ouves o que te perguntam!?

A menina diz:

— Hontem quando a lua accendia no horisonte a sua lampada de alabastro e o ceu principiava de entreabrir seus cofres de saphiras...

Pára o jogo. Um dos parceiros, furioso:

— Então você joga?

— Deixe ouvir...

A menina prossegue:

— ... Minha alma desprendeu um cantico de envolta com as vozes mysteriosas da natureza.

— Oiçâmos! exclamam as senhoras largando o crochet.

— Não sei se conseguirei recordar-me. Tenho tido hoje uma nevralgia funesta; todo o dia estive deitada; ergui-me ha pouco do leito da dôr...

— Mas agora estás melhorsinha, diz-lhe a tia. Vamos, recita.

Até vir o chá não se faz outra coisa. Está a agua a ferver na cosinha, e a poesia a ferver na sala; composição sobre composição, as estrellas, a lua, o sol, as sombras, os riachos, o suspirar

das ondas, os bateis no argenteo lago, a brisa da manhã e a brisa da noite, o gorgeio das aves, as alegrias da primavera...

— É admiravel! É sublime!...

— Passo! diz um a jogar.

Entra o chá.

Que saudades do apparato antigo, — as estreitas fatias com manteiga, a que chamavam *ostias*, finas, finas, a embrulhar-se umas nas outras: e os bolos d'especie no prato grande do Japão; e uma criada armada sempre de thesoura para velas, espevita aqui, espevita ali, recebendo na bandeja as chicaras vasias, fazendo tudo n'uma volta de mão, e esbogalhando os olhos a ver quem requeria mais chá pelo facto de não meter a colher na chavena.

Hoje torradas de um lado, bolachas inglezas do outro, dois bules ao centro, e está dito tudo.

— Preto ou verde? pergunta a dona da casa com sorriso complacente.

Uma das visitas encarrega-se da parte historica:

— O chá verde é artificial; agradavel, mas falso. Um sophisma! O amigo china pega do chá preto, que é o chá natural, o verdadeiro chá, besunta-o de azul da Prussia, de saes de cobre, depois engomma-o...

— Como, engomma-o?

— Não o engomma a ferro...

— Ah!

— Mas mette-o em agua de gomma, e põe-o depois no forno a seccar!

— Fica uma pessoa com a entranha engommada a lustro!...

— Puro polimento!...

— O que não impede que os chinas bebam chá tres vezes ao dia, pelo menos: a gente rica muitas mais. Conta n'uma carta o nosso cunhado o governador, que não só o chá é ali circumstancia indispensavel nas ceremonias religiosas, mas que não ha ir de visita a qualquer casa sem que logo se offereça d'elle uma chavena ou duas...

— No Japão, reduzem o chá a pó; deitam nas chicaras agua a ferver, e uma pitada do pó em cada uma!

— A arvore que produz o chá, é tão bonita! exclama a poetisa. É um arbusto sempre virente, que tem parecenças com a murta!

As senhoras parecem enfadar-se com este rasgo de erudição, e olham para a musa de revez. Tudo que eleva alguem acima do vulgo, nascimento, riqueza, formosura, talento, ou poder, tem de pagar patente á invejinhas e á malquerença publica. Por isso um semsaborão que ali se encontra, redargue logo para lisongear o despeito dos prosaicos:

— A arvore boi que produz bifes, não é talvez peor, apesar de não se parecer com a murta.

— Mas não tem influencias para a politica! acode um deputado, trincando uma bolacha. Em quanto que o chá... Estavam bem aviadas as reuniões nocturnas da maioria no ministerio do reino se elle faltasse! O chá ministerial!...

Seguem-se os protestos em favor do chá que se acha presente; que é muito bom, que é o melhor de todos, que não ha encontral-o egual em Lisboa: ás vezes dão logar a um desafio essas discussões, desafio amavel, já se vê:

— No sabbado, se fizerem favor de ir a nossa

casa, hão de experimentar o chá que lá temos, offerta do mandarim Tzig-sau ao nosso cunhado governador...

E estabelece-se concurso, e manda-se buscar o chá á outra casa, e nomeia-se juiz, e estabelecem-se jurados, e ha advogado e accusador.

Dá quasi sempre a festa n'uma especie de chá... judiciario!

A COMPANHIA DA PASQUALI

Primeiro que tudo

A PASQUALI

Actriz insinuante.

Mulher diaphana, transparente, visão de ballada.

Quando ía d'antes para uma frisa ouvir as operas, deixava o publico ás vezes de olhar para a scena preferindo ver aquella figurinha elegante, brandamente encostada ao parapeito do camarote, como que absorta n'um extase melancholico.

Fluctuavam-lhe, entre as linhas graciosas do rosto, as sombras de uma preoccupação. Era como se chorasse o eden de onde descera. Queriam-lhe os olhos, avidos de ether, romper o tecto do theatro e beber o ceu...

É nervosa, debil, ideal.

Um homem forte e gordo teria medo de lhe tocar, — não se quebrasse ella!

Phantastica um pouco, em tudo.

Cabello a cobrir-lhe a testa, e a servir-lhe de moldura ao rosto.

Collo sobrio e sereno, o que quer que seja rapidamente grego.

Cintura de vespa que se disfarça.

Grandes olheiras, profundas, azuladas; cousa que valeria a pena de armar, e que ella tem de natureza; olheiras sem serem das de hoje sim, ámanhã não, doentias, ou intencionaes: olheiras fixas, que ali vivem sempre por baixo d'aquelles bellos olhos...

A boca tem doçura, e ironia: ironia moderada pela graça, pelo gosto, pelo saber da vida, pelas conveniencias e galanterias que são o segredo todo.

Mãos dramaticas, compridas, delgadas, nervosas, irritaveis, que apertam, seguram, desfazem; mãos febris; mãos italianas, boas para o veneno e para o amor: mãos que fallam, n'aquelles silencios eloquentes da meia magua ou da meia ironia — nada n'ella é completo — em que o publico a festeja.

Vive da suavidade ideal da Magdalena, e da malicia moderna de Ninon.

Vae para a melancholia como um anjo, e para a risota como um diabrete.

Entrevê a beatitude do paraiso, e avista o mundo sem precisar de luneta. Fluctuam-lhe os cabellos como que a irem para as nuvens, e vê-se pelo pisar que tem amor á terra.

Um mysterio, meus amigos.

Falla-se d'ella como se estivesse longe. Vêem-a todos,— no theatro poucos, com bem pena d'ella! — e é como se não a vissem, a tal ponto aquella individualidade escapa, mesmo a olhar-se para ella, exactamente como quando se está a vêr uns poucos de retratos da mesma pessoa, mas em differente attitude e expressão.

A existencia que leva é resguardada como a das mulheres da Arabia.

Ninguem a avista a pé por essas ruas, parada como a outra gente, deante dos mostradores das lojas.

Passa n'um coupé pequeno, estreito, com vontade de se fechar de todo; mal se percebe quem vae dentro...

É ella e sua mãe.

E nem teve tempo de dizer adeus: e quando se lhe tira o chapeu, já passou.

Os janotas ficam a olhar para o coupé.

Um não viu ninguem.

Outro cuidou vêl-a.

Outro viu só a mãe; e, a pensar na filha, canta como Genarro — *Ó madre mia!*

Como vive?

O melhor do mundo.

Lê, passeia, representa, e tem um cosinheiro italiano, um *cuoco*, sem o que não ha salvação.

É insinuante, meiga, amavel como verdadeira artista, que é a gente mais amavel que ha no mundo em tendo talento que a torne digna d'esse nome.

A mocidade adora-a... de longe, sem ir ao theatro! Dir-se-ia que tem medo d'ella, ou que en-

tende ser assim que devem amar-se as artistas. Injustiça, ingratidão e injuria! Insolencia hypocrita da semsaboria, que se contenta com cingir de uma aureola de lantejoulas aquella graciosa cabecinha, para a condemnar fastuosamente á divindade de idolo!

Ella, que podia ganhar dois contos de réis escripturada n'uma companhia, — escripturou uma companhia para os perder a trabalhar!

Tinha Paris para a alegria, Londres e Petersburgo para as grandezas, Vienna para a elegancia, Veneza para a melancholia, Madrid para as revoluções, Lisboa para coisa nenhuma...

Ecolheu coisa nenhuma.

Um mysterio!

BOZZO

Não tentemos consollar Camões, — do novo desastre que lhe succedeu... em S. Carlos, depois de uma vida tão amargurada, — por algumas palavras triviaes. As grandes dôres são mudas. Bozzo fez por elle quanto poude, valeu-lhe até á ultima, valeu-lhe mais que o Jao; mas, vendo que nada podia conseguir, porque a peça não prestava, apertou-lhe a mão, e comprehenderam-se n'um olhar... com ambos os olhos!

A orchestra tocára n'essa noite, em honra ao epico, e por ser beneficio do tragico, uma symphonia mais grave que de costume, mas só os porteiros disseram uns para os outros em linguagem condigna do assumpto:

— Abençoados sejam os deuses! que nos enviam tal hospede!...

— Vae este tecto, que os papeis publicos accusam de estar sujo, transformar-se em templo!

Um poeta, que ali se achava, ainda conseguiu exclamar:

— Melpomene seja comnosco!

E outro, que lhe era irmão em Appollo, e que estava na geral, redarguiu logo:

— Libertemo-nos emfim das comedias, genero futil que diverte os homens! Afastemo-nos d'essas farças inspiradas por Erato, a mais leviana das nove musas!

— Silencio! Vae principiar! Escutemos com attenção religiosa este drama tragico, que Pégaso trouxe até nós!

D'ali a pouco...— ouviu-se um rumor significativo. Era o roncar do publico.

Estava toda a gente a dormir!...

Bozzo é napolitano; o typo é d'isso. Olhos grandes, *occhieroni* como elles dizem, feições pronunciadas, trigueiro e forte. Excellente actor, mas não muito para as nossas platéas; como as não tem, não chegam ellas a dar por isso, a sua principal prenda é a naturalidade — a santa naturalidade, que é como o pão para a comida, vae bem com tudo... e nunca enjôa; mas só os publicos verdadeiramente cultos apreciam esse dote na arte.

Na rua é um homem estremamente serio: soturno um pouco. Anda de vagar, conchegando o sobretudo, não para comprimir as pulsações do coração, agitado pela commoção das enchentes e dos triumphos, mas porque quasi sempre faz frio.

E, por estranhar o clima, fica ás vezes frio como elle.

LA SIGNORINI

Uma loira! Cabellos magnificos areados de oiro! Se não gostam, não insisto. Disseram os antigos que eram d'essa côr os cabellos de Venus; mas emfim, isso já lá vae ha muito tempo, e hoje a Venus dos antigos existe só nos museus e é para o que serve.

Ingenuidade. Coração em que se sente o germen do amor.

É *Fernanda*, e faz pena vel-a no primeiro acto d'essa peça, no meio d'aquella sucia, mulhericas da vida airada, umas que têem tido transtornos, outras não; bons moços, dos que não têem onde caiam mortos; velhas com vicios, trapalhões ao jogo, larapios de casaca, comicas sem theatro, tafues sem credito, espiões desempregados, commendadores sabe Deus de quê. Tem o typo da singela protogonista d'essa peça: meiga, bonita, mas como que resignada e triste.

Se ainda houvesse romanticos, que de paixões inspiraria esta loira, de narisinho comprido e aristocratico... Mas já não ha.

Niente! niente! Fortes homens.

IPOLITO

O galã.

Ares vaporosos.

Desdem, tom de quem se enfastia.

Diz com fogo algumas phrases, entende o seu papel, mas não se faz amar do publico até á idolatria.

Figura de galã, idade e feitio de «amoroso»; modos opiniosos de quem diz que não ha por cá

d'aquella fructa, — como o ananaz, que vem de fóra.

FORTUZZI

Bom em todas as peças; — artista de talento e de trabalho; extraordinario no *Iluomo d'affari*, em que faz lembrar o immortal Robert Macaire, e se torna merecedor como elle do famoso epitaphio:

Aqui jaz
o mais infatigavel artifice do progresso
Foi dos betumes
e
Da Guarda Nacional
Da Camara dos deputados
e
Dos caminhos de ferro
Da mostarda branca
Do jornalismo
e
Dos remedios secretos

KODERMAN

Não se espantem do nome. É de Trieste.

Patusco de feição.

Pae alegre!

Io sono il padre!

Dá logo vontade de lhe perguntar, assim que elle entra em scena:

— *Dove stá la sua figliola?*

Grande artista. Consciencioso, instruido: de primeira força.

Casado, e com seis filhos. Não é mau, para principiar!

A SIGNORA FORTUZZI

Mulher de seu marido, — o que é melhor do que á maneira do celebre Franco casado com a cantora Tedesco, que era marido de sua mulher, *il marito di madama Tedesco!*

Typo de veneziana. Cabello abundante e negro; delgada e pequena; olhos vivissimos, não muito grandes, mas é engano cuidar que a graça dos olhos esteja na grandeza: os poetas latinos, que entendiam da obra, designam os mais bonitos com uma palavra que dá mesmo idéa de olhos graciosos e sobre o pequeno, *ocelli.*

MANCINI

Dava bem o paletó, no terceiro acto da *Dama das Camelias*, a Margarida Gauthier, e sabe fallar perfeitamente de charuto na bocca.

Ar de quem estuda o paiz.

Constára-lhe que as armas antigas de Portugal eram uma cidade branca em campo azul, sobre um mar de ondas verdes e douradas...

Cuidou que *douradas* queria dizer dinheiro.

Está vendo que não, e enfastia-se.

Typo financeiro.

A SIGNORA TIOZZO

Espertissima.

Um *fagottino*, um *birrichino*...

Em pequenita devia gostar mais de armas, de cavallos, de gymnastica, do que de bonecas. Comprou decerto com as suas economiasinhas uma espingarda.

Dentes branquissimos, scintilantes; a voz um pouco grossa; cara intelligente e engraçada.

STETINER

Gordo, baixo, adamado pé de dança. Representando, aliás, menos mal os papeis de que se incumbe. Camisa de fôfos, e mantinha azul celeste. Catita redondo. Borboleta pesada. Capaz de nos intrigar muito n'um baile de mascaras, se fingir de mulher.

FIOCHI

Sympathico, suave, alegre. Já falla portuguez. Emprehende e leva a exito grandes burricadas em Cacilhas, com varios amigos. Dá-se por cá bem, e dão-se todos bem com elle.

A VELHA

O que quer que seja de Neptuno. Na bocca a tridente.

Torcida, phantastica. Parece scismar com os seus tres dentes que se fosse moça e bonita havia de dar um bofetão no mundo, e fazer suar ouro ás pedras.

É uma ameaça, aquella velha. Tem os olhinhos gasios, e luzidios, da ira.

Fecharam para ella as azas, os amores; crueis! Recita bem, muito bem, por aquella bocca como que aberta á espada.

Vem da noite de Walpurgis; come da panella das bruxas de Macbeth...

SALVINI

Houve uma conjunctura de astros que não se repetirá por cá tão cedo no ceu da declamação! Brilhou no theatro do Principe Real uma estrella de primeira grandeza, estrella de sete raios, o Rossi, e depois surgiu de repente em Lisboa um nome que era uma aureola — Salvini!

Artistas superiores; artistas de raça, ambos; este attendendo mais á naturalidade, o outro mettendo melhor a cabeça nas nuvens; Salvini, a razão, o estudo, os preceitos: Rossi, a inspiração, a phantasia, o poeta. O que quer que seja ao modo de Thalberg, e Liztz; Salvini o melhor dos tragicos, Rossi o unico. Surprehendentes ambos, excedendo-se mutuamente. na mesma peça. ora n'uma scena ora n'outra; discipulos do mesmo mestre, o famoso Modena, fugindo um do outro

a cada passo para não se parecerem, e parecendo-se ás vezes; interpretando as peças cada qual de sua maneira, com a intenção de ficarem assim mais originaes cada um; escapando se por todos os modos a encontrarem-se no mesmo caracter. Tocando-se apenas no *Othelo*, e ahi mesmo affastando-se, talvez mais que nunca: Salvini civilisando o moiro, Rossi mostrando os dentes e fazendo-o sempre selvagem; ambos elles, em todo o caso, possuindo o segredo por excellencia de conservarem o publico desperto, attento, suspenso dos seus labios — paixão ecutada com paixão.

A concorrencia foi sempre escassa a recitas do famoso artista, mas não lhe faltaram nunca applausos. Logo na estreia foi decisivo o triumpho que o saudou; na *Morte civil*, n'um papel de remeiro das galés, appareceu tão admiravelmente caracterisado, de côr doentia, com a pallidez humida do prisioneiro em que o sol ha quatorze annos não tocou com os labios de oiro, barba comprida e mal tratada, peito cançado, braços caídos, passo incerto, mãos ás apalpadellas como pelo costume de andar ás escuras, todos os recursos de artista que estuda e calcula o seu papel, que o publico rompeu em applausos sem lhe regatear a admiração.

No *Filho das selvas*, novo triumpho, e d'essa vez em peça que não se parece com alguma outra nem tem parentesco com o drama eterno que persegue a gente de theatro em theatro.

Cançada d'esta brenha de cardos mordentes, deste picar na lanugem das ortigas, e de aturar toda a casta de planta esteril que cresce entre o pó dos

tablados á luz pallida do lustre, gostou toda a gente de ver n'esta peça do *Filho das selvas* desabrochar uma flôr de phantasia com o pé côr de prata, de folha arrendada, e d'aquelle verde ideal e fabuloso a que os pintores chamam verde veronéseo! Enredo, quasi nenhum; uma donzella vencendo um selvagem pelas seducções da graça; um pretexto apenas — ás vezes parece um folheto de dança — para Salvini, o homem formidando, ser selvagem; e para o selvagem ser galã!

Porque é realmente formidando este homem, e está no caso da celebre m.elle Georges, da França, além da Rachel a unica tragica que os francezes teem tido, e que não póde nunca representar convenientemente senão personagens enormes. Que de rainhas gordas, que de anafadas imperatrizes se desenterraram para ella na historia, — mais feliz do que Salvini que chegou n'uma epoca em que já não ha senão reis de estatura e nutrição mediocres, e d'isso resulta creio eu não se fazerem já tragedias ha um pouco de tempo!

Antes mesmo de elle chegar a Lisboa, já a fama da sua corpolencia havia precedido o sr. Salvini. Sabia-se pelos jornaes espanhoes e pelas estampas que o illustre tragico era um pouco gigante, um pouco Golias, Cyclope, Poliphemo, e logo que appareceram no armazem de pianos Fontana os retratos do celebre artista poude fazer-se idéa da estatura patagonia e heroica do que ia ser *Samsão*.

Por isso, logo em seguida ao *Orestes* — uma d'aquellas peças de que ninguem gosta mas pelas quaes se nutre um sentimento vago de admiração tradiccional sem querer mesmo saber porquê —

e em que Salvini é amplo e singelo, dando ao papel uma physionomia magestosa e uma uncção e simplicidade antigas, viu muito agradavelmente o *Othelo* mostrar nos que, apesar da sua força prodigiosa, elle, que podia ser feroz e formidoloso, arrancar arvores como Rolando, e usar de um homem como bastão ao modo de Picrocholo, sabia ser um *Othelo* já civilisado pela sua estada na Europa.

O caminho que seguiu no estudo d'este papel pareceu-me ter sido o de combinar a indolencia e a volnptuosidade do Oriente em contraste com as explosões e rugidos da catastrophe. Nada se oppõe effectivamente a que um moiro seja agradabilissimo quando nos não afoga com uma almofada. É o descançar do tigre, que tem horas para tudo! Teve grandes lances; propoz-se sempre a ser natural; e, notavel na colera, foi sobretudo sublime a meu ver nas hesitações e nos arrependimentos.

A companhia tinha artistas distinctos, que devem considerar-se como bons auxiliares de Salvini: a dama Marini era actiz de elevada intelligencia e estudo serio; Cumberti, Brunetti, e outros, cujos nomes não recordo, artistas superiores. Apesar do theatro ser grande, ouviam-se excellentemente. Artistas habituados aos grandes dramas e ás tragedias dão-se melhor nos tablados amplos do que nos palcos pequenos dos theatrinhos, que servem só para os acontecimentos microscopicos e desafios á agulha, do que por ahi chamam comedias finas. Ao menos em S. Carlos não se arriscam com uma cotovellada a virar o bastidor ou fazer um buraco no panno de fundo.

Não basta ter azas para voar; bom é tambem ter ar e espaço!

Em resumo, Salvini era grande artista; artista exaltado, e concentrado, que exprime com verdade os affectos; vae do rouco gutural do terror ás suavidades do amor seraphico; sabe ser ao mesmo tempo natural e tragico, consciencioso, regular, completo. Mas, querem que lhes diga? a perfeição tem a sua monotonia... Salvini era como as mulheres muito bonitas, tinha a gente vontade de lhe pedir um defeito, um defeitosinho, e depois então apaixonar-se por elle!

UMA FEIRA

— *Entrar, senhores! Entrar!...* grita lá de cima, no alto do corrimão do proscenio da parada, um arlequim de boa voz, meio pendurado no ar, irmão dos cometas e das estrellas, passeando no ether como os deuses, e berrando a seguinte phrase, singela e grande — *Esta é a barraca frequentada pelas damas diplomaticas!...*

O povo olha pasmado para èlle e escuta-o em transportes de admiração; mas, d'ali a nada, já não sabe para onde ha de voltar-se quando outro o chama, rodeado de *boleras* de saia curta e pantalona côr de rosa, e outro com o seu tambor dá-lhe que dá-lhe, como se estivesse exercendo uma vingança de accordo com os trombetas, que já têem os beiços inchados de assoprar a barriga ao monstro!

— *Vae a principiar, senhores!*

— *Já vae tocar-se a grrrande symphonia, e dar começo ao espectaculo!*

— *Toca a musica!* berra um d'esses Ciceros da feira, rompendo em eloquencia. *Comprem os seus bilhetes, senhores; a funcção hoje é a melhor. Admiravel! É admiravel! Entram todos os artistas da companhia!*

É um delirio. As tres barracas da entrada, o *Grande cosmorama* com vistas de guerra, o *Theatro*, e os arlequins, abalam-se de jubilo e de bulha! É a metralha toda do motim musical, abrindo com os latões, que são o artigo de fundo da harmonia, *trrrão tão tão*, até já não haver forças para tocar o rufo, e assoar com os beiços o nariz de pau de pifano!...

E o palhaço grita ainda por cima d'aquella inferneira:

— *Entrem senhores! Aproveitem os poucos logares que ainda ha, e passem a tomar assento no meio da numerosa e escolhida sociedade, que está lá dentro á espera de que vá o panno a cima!*

A multidão contempla-os estupefacta, como se os estivesse a ver n'um *tuti li mundi* e fossem sombras a dançar diante da gente, perna acima, perna abaixo, pirueta d'aqui, cambalhota d'ali:— tudo de bocca aberta, os pequenitos a estalar de desejos de irem ver a festa, as mães muito entretidas, os paes gostando sem terem ares d'isso, e até, n'um rancho ou n'outro — muito contente a lembrar-se dos seus tempos — algum velhinho que já não póde mecher-se, todo dobradinho em dois como um U virado: coversando uns com os outros, trocando reflexões amigaveis, provocando confidencias e apreciações de pessoas a quem nun-

ca viram... De vez em quando, por meia palavra ambigua, por certo movimento, por um piscar de olho que lhes desagrade, tiram-se d'ali e vão mais para diante ou mais para traz, affastando-se com ares repulsivos de alguem que esteja a tornar-se desagradavel por pensamentos, palavras... ou beliscões!

A este tempo, as *damas diplomaticas* — como diz lá o nosso amigo da barraca — passam de vez em quando, girando compassadamente, como quem se recreia d'aquella interminavel expedição á feira por entre quitandas e taboleiros, vagando sem pressa e sem cuidados, *flanando*...

Flanar é o termo elegante e alto; mas nós, cá por baixo, dizemos *pasmaceira*. Muito bom! Andar de nariz para o ar sem pressa e sem cuidados, de mãos nas algibeiras, ao acaso, por ahi fóra, demorando-se aqui, embasbacando ali, lendo um cartaz, espreitando uma loja, fazendo grupo com quem estiver parado, saboreando o que vae e o que vem, correndo em vendo correr os outros, sentando-se quando tiver vontade... Foi, até certo ponto, em *pasmaceira* errante que Christovão Colombo descobriu a America. Muito bom!...

Quem fôr para o anno á feira das Amoreiras já terá tambem que descobrir novidade... — que é a de não a achar. Falla-se em fazer ali um jardim e puchar o chafariz para um canto. As arvores, coitadas, estão velhas e os predios centenarios, como se já se enfadassem de tanta feira. A alegria que ali se disfructa é um pouco duvidosa: de vez em quando alguma mulhersinha das que trabalham nas fabricas de sedas mostra á janella os olhos encarnados e o nariz torcido ; a ermidi-

nha de Monserrate parece encolher-se contristada das pragas dos feirantes, que blasphemam contra a decadencia dos tempos e da sorte; nos dias de semana quasi ninguem passeia, e ninguem compra; vão para ali cinco ou seis pessoas representar esta população de trezentas mil almas; olha-se para um lado e para o outro com vontade de interrogar as coisas, e não se avistam senão migalhas do passado.

Ao domingo, lá se alegra e se anima tudo; até a relva verdeja, e o sol polvilha de ouro, sorrindo, a rama das amoreiras. É o dia da folia! do poema da queijada! dos prazeres do beberrão, sonhado sob a forma fecunda de um prato de mexilhões — e de um copasio que pareça um sino a dobrar pela morte dos decilitros!

Ha gente para todas as barracas, para todas as tascas, para todos os divertimentos, n'essas noites. O theatro novo de *D. Luiz*, bonitinho, vistoso, dá tres espectaculos de enfiada: peças curtas, engraçadas; uns actores, outros curiosos; de vez em quando um soliloquio, isso a que se chama scena-comica; a propositos, comedias, coplas, e a farça chistosissima das *Intrigas no bairro*.

Magnificas, essas *Intrigas no bairro!* Todos os grandes elementos do entremez de costumes: — praça publica, o que ha de mais praça publica; á direita, sapateiro; por traz do sapateiro, barbeiro; ao lado do barbeiro, peixeira; defronte da peixeira, collareja; de traz da collareja, gallego; adiante do gallego, cabo de policia; no fundo, um soldado: heroes do bairro, bulhentos, enredadores, galopins eleitoraes, gente de má lingua e boa faca, trocistas de musa borracha e desor-

deira, pimpões de guitarra e calabouço! O soldado é a seducção, a collareja é o amor, a peixeira é o ciume, o sapateiro é o vinho, o barbeiro é a parolagem, o cabo geral é as eleições, o gallego... é o gallego. Tudo se move, se agita, se decompõe e esbofeteia pelo soldado, dando intervallo apenas ás tricas eleitoraes da canalha influente. Ha navalha e apito por dá cá aquella palha, ha cantigas, guitarras, gritos, ternura e fado; é a poesia, é o estudo, é a philosophia do coração, e a dos becos; anda tudo lépido: jacto simples, impulso vivo, cabriola espontanea; tudo á larga, tudo á vontade; rebolam os comparsas uns por cima dos outros no furor das rixas; não ha ali que tirar nem pôr; ao arrancar uma palavra ou outra, que pareça um nó no sitio em que se acha, traz-se um fio enorme e fica uma falha na têa!

No entretanto vae rumorejando a festa cá por fóra, em toda aquella multidão especial de costumes curiosos, typos tristes ou alegres, festivos ou ignobeis, rotos ou casquilhos, de quinzena uns, outros de jaqueta ao hombro, embrulho na bengala e companheira ao lado, esposa ou amante, a femea, de capote no braço, vinho nos olhos e amor no estomago,—ou... vinho no estomago e amor nos olhos.

Gente de traje extravagante, matisada de nodoas de todas as côres, com as carantonhas floridas pelos pampanos do deus da pinga, em passo curvo, uma pontinha de febre... Acotovelando-se a cada passo em assaltos ás tascas; um, cantando tremidamente a um tempo o fado e o hymno; outro, descrevendo arabescos até ir cair de encontro á muralha da Mãe d'agua — aquella Mãe

d'agua que elle conhece ha muitos annos de feira... pessoalmente!

A jogar o murro, a titulo talvez... do ensino obrigatorio, um par esfarrapado como o piolhoso de Murillo — gastos, estragados, desdentados, calvos; a mulher coxa, o marido vesgo, e os curiosos applaudindo as peripecias da luta em quanto não chegam os policias, e dando o seu voto a respeito dos raspões d'este brilhante torneio conjugal!

É difficil hoje alcançar reputação em qualquer ramo; se por ahi se falla na barraca da Lima, é porque a Lima tem a melhor barraca. Já quasi nunca é do acaso a fama, seja em que especialialidade fôr; a Lima e o marido trabalham para a merecerem; correm quantas feiras ha no anno, este mez nas Amoreiras, doze dias em Setubal, quarenta dias em Belem, outros quarenta no Campo Grande; andam n'isto ha trinta e dois annos, sem deixarem nunca empallidecer-lhes a estrella!

E não é só nas barracas das queijadeiras que ha jerarchias, ha-as tambem ali nas tascas. Como que zombando dos retiros, descuidoso da concorrencia da quinta do *Feital* e da *Bolla d'oiro* na travessa da Fabrica das Sedas — horta pequenina que parece administrada por Adão e Eva antes do transtorno da maçã — um dos tasqueiros, o principal, estabelece a sua locanda no centro do alinhamento, ostenta a intrepida lagôsta, o loiro linguado frito, os camarões, e diz n'um letreiro por cima da porta da entrada dos envergonhados, portinha dubia talhada na lona, ao fundo da barraca:

Alto frente!
Vamos aqui ao Vicente!

Ao lado d'elle, a herculea Francisca, digna filha de Golias, — que a biblia trata com a attenção devida a pessoas d'aquelle tamanho, — mulher capaz de desarmar uma patrulha, patenteia em amplas travessas as meigas pescadinhas, a rubra carne para bifes, e os espertos rabanetes.

Ao lado d'elles aguentam-se, mais modestos, uns poucos de coios, barracas de campanha feiral, com paredes de panno sustidas em vigas, mesas toscas e nuas, apenas com uma toalha suja... para os tafues. Alguns d'estes tafues, pelos modos, cuidavam d'antes que os guardanapos eram comprehendidos no preço do petisco, e mettiam-nos na algibeira como lembrança; é por isso que os donos das tascas eliminaram os guardanapos!

Ao cair da noite, a vasta patuscada domingueira alonga-se em filas com ramificações por todas as locandas, entregando-se sem freio ao regosijo, senhora da noite e da feira!

Ouvem-se gritos confusos, imprecações extravagantes, cantigas bachicas, convites vehementes de toda a casta de appetite da sensualidade animal. É a *pandiga* em todo o frenesi, a patuscada renascente das bachanaes antigas, terrivel, desregrada, espumante.

Veem miasmas culinarios metter-se na garganta á gente; aromas de isca de figado, de mexilhão, e de um azeite que assusta e olfato. Torna-se impregnada a athmosphera de cheiros nauseabundos, perfumes alcoolicos que trepam ao miolo. O ar que ali se respira... embebeda. Parece estar-se n'um dos circulos do *Inferno* do Dante, ou n'algum paiz descoberto pela allucinação do americano Põe, de tal maneira aquellas caretas avinhadas

se distanceiam da vida usual! A retirada é medonha.

Quando passam defronte das barracas dos arlequins, os saltimbancos devem sentir-se nobres e orgulhosos de não serem como elles; ficaram talvez sem pae nem mãe em pequenos, e entraram logo para as companhias ambulantes, gente do acaso, caras que têem o seu quê de egypcio, creaturas para quem não ha festas senão as que fazem para divertir os outros pelas feiras, que ninguem vê senão n'aquellas épocas, porque para elles não ha passear nas ruas, nem ver procissões, nem inaugurações, — não ha senão pantomimas, gymnastica, trapésio, trampolim; mas trabalham, sustentam a mulher e os filhos, e não gastam em vinho o que vão ganhando para pão.

Passam os patuscos cambaleiando, aos dois e aos tres de braço dado, — um dando vivas, o outro roncando uma modinha, este tendo perdido um dos sapatos e perguntando em todas as lojas se o viram por ali passar, aquelle acompanhando uma mulher que vem aos tombos, vendedeira ambulante que bebeu a fructa e o feijão verde em decilitros, vasilha de saias que vae descrevendo curvas casuaes em risco de algum policia a arrecadar na estação.

E do alto das barracas, á luz crepitante dos archotes, os arlequins vão gritando ainda:

— Entrar, senhores! Vae dar-se a ultima funcção! Comprem os seus bilhetes! Esto é a barraca frequentcda pelas damas diplomaticas!

UM VELHO A PEDIR ESMOLLA

Como é triste, um mendigo velho!

Era-lhe facil fechar os olhos, fóra de casa, e pedir aos viandantes que tivessem dó de um pobre cego *que não tem vista, mergulhado na escuridão das trevas pela privação da luz e sem poder ver a claridade do dia;* mas não quer tentar Deus,—e vae vivendo de estender a mão.

Já de uma vez cuidou observar que está em paiz de collegas. Tudo serve de pretexto aqui para padir esmolla, e a differença apenas é dar-se-lhe outro nome; uns chamam lhe amendoas ou brôas, e têem uma caixa de musica que serve de mialheiro; estes teem a profissão de beneficiados e disparam, pela rua fóra, bilhetes da superior; ha os que pedem por cartas, os que andam á pexinxa de condecorações, os que tratam os outros por tu em voz alta e lhes pedem dinheiro ao ouvido;

os que se empregam em não estar empregados, os que comem e bebem dos transtornos que tiveram e espremem um revez como quem muge uma vaga! Raça inaturavel;—especie de lepra da edade media!

Foi talvez esse espectaculo o que lhe deu animo para se encostar ao bordão, deixar crescer as barbas quanto quizessem, e ponderar de si para si que visto queixarem-se os da internacional que os ricos vivem dos pobres — a melhor desforra é resolverem-se os pobres a viver dos ricos!

Os ricos, de mais a mais, devem lisongear-se de dar esmollas. É apparatoso! Não me refiro aos philantropos fingidos, que, a pretexto de melhorarem a sorte da classe mais numerosa e mais popre, vão melhorando a sua, deitando poeira aos olhos dos tolos e apanhando bons logares. Ha até negrophilos que reprovam muito a escravatura, e dão pancada nos criados brancos, — e uns amigos da humanidade que matam de desgostos os parentes que teem em casa! Refiro-me aos bons homens, — que por serem bons não deixam de gostar ainda mais de si que dos outros e de ter a porção de vaidade sufficiente para gostar de figurar em publico fazendo bem, e tendo depois nos jornaes votos de agradecimento. Os agradecimentos entre nós são como que o troco da esmolla! Mudou-se tudo, á mercê do acaso: até quando morre alguem não se deve deixar de agradecer depois publicamente ao cirurgião que o tratou — para dar a entender que o doente morreu... curado!

O pobresinho perito deve conhecer á primeira

vista quem é capaz de fazer bem e qual o modo porque mais gosta de o fazer. Ha systemas de caridade conforme o temperamento dos individuos;—alguns, por exemplo, não gostam de se desabotoar no inverno,—e o pobresinho deve dirigir-selhes apenas em occasião em que os veja contentes, a abrirem o casaco e a metterem os dedos á bolsa para comprar charutos ou pagar os pasteis que comeram nas pastelarias da baixa!

Este não é dos mais triviaes, nem tem o typo despresivel e quesilento dos peores da sua raça; deve-se isto talvez em grande parte a ser tão velho; a velhice sanctifica tudo, é grande, é sagrada; mas não tem cara de máu, nem se suspeita n'elle algum d'esses mendigos riquissimos de que as folhas publicas contam de vez em quando o caso posthumo. É um pobre homem; nem siquer é aleijado! Se fosse aleijado, tinha outra estimação. A familia nunca teve razão de queixa contra elle, — senão essa; de mais a mais foi sempre um homem sem deliberação; muitas vezes lhe deram de conselho os outros companheiros, por verem que elle não fazia carreira,—que se estropiasse; não esteve por isso, e o resultado é haver chegado á edade que representa sem ter nunca florescido na estrada da Nazareth, no caminho de Bellas em dia do Senhor da Serra, nos grandes arraiaes, nas feiras, nas festas celebres — nos varios pontos de reunião dos pedintes *de cartello*, que teem direitos adquiridos e logar certo nos certames da mendicidade,—vasta cambada de aleijões e mal trapilhos, que vivem uns com os outros, conhecem-se todos, e casam entre si!

N'aquella panella arrecada elle toda a qualidade

de coisa que lhe possa servir; se lhe dão n'alguma casa o resto das sopas ou um caldo, melhor: se lhe não dão caldo nem sopas, guarda o que lhe dêem — ou apanha alguma coisa nas pedras da rua; disputa um osso aos cães, e se é dia em que tem alguem de fóra a jantar leva tambem a folha de couve ou a rama de nabo, que a lama estava a querer para si!

É um desgraçado. Deve principalmente haver para elle um momento amargo na vida, momento de tristeza infinita. É quando vir o neto, já de pequenito, principiar a pedir esmolla; quando o encontrar nas ruas a disputar-lhe os dez réis que alguem lhe dê: quando olhar bem para elle e para si, confrontando a magestade dos cabellos brancos e a graça dos cabellos loiros, a fraqueza do que chega ao fim e a do que ainda agora vae de partida, aquelle tremer de duas luzes,uma por ir apagar-se outra por estar a accender-se, atletas da miseria e da vida, differentes na estatura, mas fracos ambos e ambos estacados na fronteira do que ninguem sabe o que será, um ao pé do berço — tumulo de onde se sae, outro já perto do tumulo, berço onde se entra outra vez... Ah! Pobre velho! Talvez que uma lagrima diga a Deus, n'esse instante, quanta amargura a esmolla custa a quem pede!...

A FESTA DOS PRAZERES

A

A. A. DE AGUIAR

Segunda feira de Paschoella! O grande dia de ir buscar as sestas, que é o mesmo que dizer — ir buscar o descanço, a quietação, isso a que alguns chamam preguiça, como se ella não fosse, á hora propria, condição indispensavel da actividade fecunda: e se a vontade, a força, a inspiração, não brotassem de um reservatorio mysterioso, que se vae formando gota por gota nas grutas azues da imaginação!

As doces sestas!... O scismar deitado; o pasmar de barriga para o ar, com uma perna por cima da outra; o fechar dos olhos, para ver melhor; o aboberar da decisão! Se o tempo é dinheiro, como querem dizer os nossos amigos de Inglaterra, nem por isso o põe a render melhor quem esteja sempre a trabucar. O operario assim como o poeta, e assim como toda a gente, preci-

sa ter intervallos no meio da lida para lidar melhor outra vez; os Titos da jorna que não quizerem perder nunca um minuto, é que são capazes de *fazer cêra* o dia inteiro. O descanço é sagrado; e, para dar aviamento á obra, é sempre util ficar por um bocado suspenso no vago do sonho. Deus nos defenda da regularidade automatica. O largar da ferramenta por duas horas é o grande segredo de trabalhar melhor o resto do dia. Vivam as sestas, vivam!

Corre a cidade inteira, corre o poder do mundo, da côrte e da arribana, aos Prazeres, n'este dia; por elle esperam avidas as casas de venda nas ruas do transito; do fundo arvoredo, da encosta, do valle, vem o zephiro girando lépido agitar-lhes o ramo á porta; correm as seges, chia o carro camponez, marcham os pegureiros, vão de rancho os artistas, as familias, a rija juventude que honra os paes...

Nas janellas, tudo cheio de cabecinhas a espreitar. Nas tascas com retiro, o patrão e a patrôa sorrindo para a multidão que passa, e convidando a entrar os seus freguezes e conhecidos. Eu disse o patrão? Marido da patrôa é que se lhe chama. Tem ella quarenta e cinco annos; cabeça grande, mulheraça, uma torre, uma barca, como lá se diz. Principiou outr'ora com um banco e um taboleiro, a vender licor de canella, bolachas, e limonada de cavallinho. Hoje tem aquelle estabelecimento, e traz de renda umas terras de semeadura, que vão por ali fóra, por ali fóra... De freguezia, não fallemos. Não ha borrachão que a não conheça! O homem? Magrito, secco, perfil de faca, barbichas loiras, cabello rallo. Faz as contas e lava

os copos. Quando ás vezes vae a dar opinião timidamente a respeito de qualquer coisa:

— Cale a bocca! diz-lhe ella. Você não diz senão asneiras!

Elle admira-a, suspenso de seus labios, escancarando os olhos, contemplando-a boquiaberto.

— Cá seu Procopio! diz-lhe a rapaziada, cortejando-o.

— Muito bom dia, toca a divertir! responde elle ao povo.

— Vá, vá! grita-lhe a mulher. Despacha d'ahi!

Não têem filhos.

O caminho é uma joia. Bons ares e moradores gentis. N'algumas casas ha quem tenha o farnel preparado para fazer um presente de surpreza ao compadre, quando elle passar,—a tal ponto é infallivel vel-o passar por aquelles sitios n'este dia.

— Lá vem! lá vem! lá vem! gritam os pequenos, mal ao longe o lobrigam.

— Levem-lhe isso lá abaixo, diz o pae, depositando nas mãos dos meninos o embrulho de carneiro assado, com os modos possantes e liberaes de um professor de rasgos.

Já se está perto. Ahi enche o largo, e ahi rompe pelo cemiterio a vasta romaria, peões e dignatarios, cavalheiros da Bebida, grãos mestres da Piteira, missionarios do petisco... Os ciprestes estremecem. A turba lê os epitaphios; um commenta os disticos, outro altera por chiste as inscripções, este interroga a morte, aquelle finge que tambem lá haja estrangeiros e improvisa a legenda bachica de um *Don Barriquez Carrafa de Fuentes Vinosas!*

Outros, gravemente, passeiam entre os mortos

e os vivos, olhando para quem vae e lendo o nome de quem foi. Respira d'aquillo tudo uma tristeza horrivel, mesmo que o sol esteja ainda dourando os tumulos e que os campos em redor se matisem de verde, de amarello e de encarnado com geito de se vestirem á moda oriental. Ninguem ali, nem os que vão silenciosos e serenos, tem saudades ou chora algum vacuo no coração e no lar; dir-se-hia que nenhuma d'aquellas familias foi ainda destroncada pelo vento da morte!

Gloria, celebridade,—vê-se bem ali o que vale isso. Ninguem ali se lembra de algum que lá estiver debaixo da terra e que houver sido illustre pelo talento, por mais famoso, por mais popular que haja sido! Ha tempos a morte de um homem surprehendeu Lisboa onde elle vivia, surprehendeu o paiz, espalhando a tristeza, a saudade, o terror até, porque a noticia caíu de subito sobre uma população que ainda dois dias antes o encontrára nas ruas. Era um homem que o povo conhecia e estimava como o seu braço direito. Quando em politica se tinha um pensamento grande e formoso, era como se o espirito d'elle passasse no dos outros ou se levantasse para o inspirar. Caracter desinteressado e nobre, era o homem do paiz, o homem de cada um, o homem de todos nós, em roda de quem se agrupava, a cada instante que elle parava na rua, gente de todas as condições e destinos, que atravessava para ir abraçal-o e prender-se por alguns minutos ao encanto d'aquella palavra fluente e admiravel! Passava com o seu comprido sobre-tudo pendurado no braço, fluctuando ao acaso; e, ao observar-se a alegria de cada um a abraçal-o, era como

se uma larga ausencia os houvera separado d'elle — e mais haviam-lhe fallado ainda na vespera! Nada deixou senão o seu nome, e foi tanto mais difficil aquella gloria quanto foram sempre instantaneos os triumphos, de momento, de improviso, que se apagavam ao cerrarem-se os labios que haviam desprendido aquelle mundo de idéas, a que não bastava a fidelidade do tachigrapho — se lhes faltasse a inspiração, o ardor, o gesto, a vivacidade, a fronte esplendida de genio d'aquelle homem extraordinario. A unica obra que deixava, parecia, ainda assim, ser a maior e a mais difficil — a saudade; e tudo dava indicios de que o tempo, que rasga as paginas mais bellas dos melhores livros, mas respeita alguns nomes e os conserva de pé como pharoes no horisonte da historia, fizesse em tudo excepção para elle e lograsse que os vapores da distancia em vez de lhe obscurecerem o nome lhe avivassem o brilho. Mas,— tudo cae; derrubam se e quebram as columnas, ganham rugas as estatuas como nós; parece que até os tumulos morrem, e deixam ir de envolta o pó com as cinzas que arrecadam.. Quem se lembrou ali, agora, de José Estevão? — e todavia, apesar de não haver romaria de maior concorrencia do que a de segunda feira dos Prazeres — mais numerosa foi ainda a que acompanhára o saimento d'elle até áquelle mesmo cemiterio!...

Ha ares de embuscada n'aquelle passeio entre campos e cyprestes. Faz ali caretas o rizo mais do que nunca; caretas phantasticas... Mette medo aquella alegria. Um gingar triste; cambalhotas funebres. Até a larapice fica lugubre,—como se ti-

vesse mais medo dos defuntos que dos policias... Não se rouba ali pelo mesmo systema que nos outros logares. Vão dois faiantes par entre os tumulos, apanham um sugeito gordo, de lombo enorme, a amolgar os mausoleus com os hombros: o homem tem tres anneis nos dedos, tres ou quatro, mas um principalmente, grosso e luzidio, dá na vista. Um dos faiantes, ao caír da tarde, em occasião propicia, encosta-o um pouco a um tumulo — e, de repente, como que inspirado, de olhar incendido e apontando para o annel, exclama:

— O *cachucho!*

O homem gordo, assustado, dá um pulo — e volta-se para o outro faiante, que lhe diz ao ouvido em voz baixa:

— Não faça caso!

— Que?!

— Não faça caso. Deixe lá!

Estonteado, aparvalhado, examina o sugeito os dois meliantes.

— O *cachucho!* repete o primeiro, erguendo um pouco mais a voz.

— Não queira! murmura o outro, como quem nem se lhe dá nem se lhe deu.

— O *cachucho!* teima aquelle, roncando já de raiva e como que no estertor da ancia.

Geme o vento nos tumulos; os goivos e as malvas-rosas varrem tristemente as lageas...

O gordo amedronta-se, embucha, vira se para o segundo malfeitor por lhe parecer que dos dois é este o que tem mais proposito, — e pede-lhe misericordia com um geito de olhos.

— Não tenha medo, diz-lhe este. Isto é um fi-

lho familias, que vou levar á mãe. Tem estado furioso; coitado! Diga-lhe que sim, diga-lhe que dá o annel para o socegar.

Respira o homem.

— Ó menino! diz o sugeito ao rapazóla. Tenha juizinho. Hei de dar-lhe o annel, esteja descançado, mas logo, logo, lá fóra, em nós saíndo...

O faiante não quer ouvir nada; redobra-lhe o accesso:

— O *cachucho!* O *cachucho!* O *cachucho!...*

Então, o segundo diz ao sugeito:

— Mau! É melhor não o contrariar. Já agora, dê-lh'o. Uma vez que lh'o prometteu!...

Cá fóra, estirados nos cómoros, sentados na relva, toca a comer, a tocar guitarra, e a aviar decilitros. Estão contentes, e é maravilha vêl-os, em mangas de camisa quasi todos, as mulheres com o chale no braço, tez rubicunda, labios entreabertos. Chega ali debilmente o murmurar dos cyprestes, que parecem inquietar-se, pasmar, dobrarem-se uns para os outros como que a consultar-se, prorompereem em queixas, em suspiros...

O vinho deixa-os fallar, e vae correndo pelas goellas d'aquelle publico jocundo. Toca a encher o copo e a despejal-o. O *Termo* é bom, e o *Cartaxo* está riquissimo! Que se embriaguem com misticismo os poetas para ficarem tontos, com cerveja os inglezes para ficarem brutos, com opio os chins para ficarem feios, com *hatchis* os arabes para ficarem doidos: o que pede a natureza é a carraspana do brando Torres!...

Ali não se pensa; contenta-se cada um com a sensação, sem querer saber se ha relações intimas

entre o estomago e a mioleira. Deixa-se passear a vista em todas as direcções, até os cyprestes que interrompem o horisonte. Não lhes importa as nuvens; gostam mais de as ver passar no copo a trasbordar: *Polvora de Torres de descarregar pelo batoque,* diz o letreiro da casa: «*Prazer dos homens*» que domina a estrada!

Estava soberbo o tempo, mas refrescou para a tarde? Melhor! É para arejar a testa e os campos. Fugiu o sol a recuar do vento; deixal-o ir! Fica o sol no corpo, mercê do vinho.—«Á tua saude, Militão!»—«Cypriano, á tua!»—«Á saude dos tascantes, bons homens, alegres, caras largas, panças rijas, Bachos populares!»—E toca a rir. Soltam se as guitarras, tinem os copos e as garrafas, come-se, canta-se e bebe-se.—«Deus nos defenda dos tres males da vida,—diz um que sabe da coisa:—peste, fome, e amores!» E os cyprestes lamentam-se, torcem-se e gemem...

DE NOITE Á JANELLA

Está regando as flôres; mas o olhar não vae para o regedor, vae para a rua...

É tarde. O papá está dormindo; a mamã foi-se deitar; — a criada engomma. Ouve-se ao longe o cantador de um trecho de opera:

O ciel tu sai se Mathilde m'é cara!

Ella vae regando as flôres...

Dois lugubres municipaes, a escabeçar gravemente, caminham, encostando-se pelas paredes, como quem véla pela patria com mais ares patrulhoticos... que patrioticos!

Ouve-se um assobio; cadente, melodioso...

De outro lado, a voz ironica de um fadista nocturno, regougando uma trova:

> Ai não vem cedo nem tarde
> Vem a muito boa hora;
> O papá já se deitou
> A mamã deitou-se agora.

O regador já não tem agua; mas ella vae regando sempre... Que flôres aquellas, que tanto amor lhe devem!

Plinio, o antigo, falla de umas flôres côr de oiro e côr do sol, que abrem pela primavera; e conta que os magos usavam d'ellas por terem o condão de dar felicidade. Mas onde nasce essa preciosa planta e de que modo é cultivada, é que elle não diz, talvez por nascer na primavera em toda a parte, como a esperança, e ser no coração — antes das paixões o queimaram — que deve ir buscar-se o balsamo para as regar!

O que dizem essas flôres da janella, é o que eu não sei; ha livros para isso, e por ahi correm no poder de toda a gente a dizer-nos a linguagem d'ellas. É por signal bem galante, essa troca de nomes entre o mundo vegetal e o mundo intellectual, dando ás idéas a graça e o aroma das plantas e ás flôres o dom de discorrer.

Talvez se realise, sabe Deus onde, este sonho da terra.

Quem sabe, se no mundo em que habitam os namorados, não se metamorphoseará em flôr cada palavra dada e não se andará a pisar imagens, promessas, esperanças, como aqui, nos jardins, latadas de geranios e violetas?

A hora é perigosa. É á meia noite que os paes

se fecham, e os namorados passam. Este não tem duvida, porque não sabe agradar: aquelle tambem não, porque lhe tarda a falla; o outro ainda menos, porque lhe tarda a idea: mas, lá apparece um ás vezes, que é todo palavras encantadas, ternuras e juramentos.

— Juro-lhe por isto!

— Juro-lhe por aquillo!

Um egypcio! Um verdadeiro egypcio dos que estavam mezes a jurar, — pelos deuses Iris e Osiris, que, ao menos, tinham cara de gente, por Ambis, que tinha focinho de cão, pelo boi Apis, pelo macaco, pelo crocodilo, e pelo alho, pela cebola, *et cœtera!*

Assim elle é capaz de jurar pelas pedras da rua, e pela charuteira, e pelo seu cão, ou pelo cão do pae d'ella, ou pelo cão que nem o pae d'ella nem elle proprio tiverem.

Maneira entretida e suave, maneira de todo o ponto meridional, de passar as noites de verão, conversando ao luar, sorrindo, olhando-se..

Mas póde lá vir um — de noite os namorados são como os regadores, todos se parecem em distancia — que seja o mau olhado, a fatalidade, a má sorte... E depois a visinhança que principia a fallar; e as flôres regadas distrahidamente, preoccupadamente; e os invejosos, os ruins, os diffamadores, corsarios que vão abicar sempre como os passaros ladros no melhor fructo...

Ou então algum bem meigo, bem meiguinho, que gosta das flôres e de quem as rega, por gostar ainda mais da burra do pae. Diacho! Flôres é coisa linda; mas tambem dinheiro... Ha opiniões!

Ás vezes a burra do pae resiste, e não ha remedio senão dar-lhe assálto... saltando ás flôres.

Depois lá se vae tudo; consideração, honra, coração e alma; e a felicidade d'aquella janella á hora de regar as flôres desfolhar-se-ha como ellas e não ficará sendo senão uma lembrança penosa; flôres ainda, mas roxas e tristes, — saudades.

Vamos, — bonita! Para dentro! Já está prompto, já estão regadas as flôres! Vae; fecha a janella; esconde-te. Pensa, deseja, espera o que quizeres,— sósinha: á janella, não. D'aqui a nada virá elle, embuçado no seu capote, fumando o seu charuto, á saída do theatro ou de um club...

Esconde te.

Não lhe digas nada, senão quando estiveres só, quando elle não te ouvir. O estar só para ti é a noite: o vel-o é o dia; esconde-te. Faze como algumas d'essas flôres, que ahi tens, que de dia dobram as pétalas e não teem confiança senão na noite...

Já que elle é o sol para ti, ó namorada! faze como o rouxinol que tem medo do sol e não quer mostrar-se sem elle se apagar, ou então como uns bichinhos de que os sabios fallam, que se envolvem durante o dia em atomos de pó e fluctuam ao cimo d'agua como folhas seccas, fingindo não ter vida para que ninguem lhes faça mal, e só apparecendo á noite, moscas pequenas, com umas azinhas bonitas e olhos de esmeralda...

É o que tu deves fazer, namorada! Não abrires as azas senão quando ninguem t'as podér vêr!

A janella e as flôres são a tentação; tua e de quem passa. Não ha coisa mais real, mais verda-

deira, mais positiva que uma janella: para ti, não chega a haver coisa mais phantastica.

E talvez — por que não? talvez tambem para elle sejam essas flôres as do paraizo; — nem o ha melhor do que o coração de uma mulher de quem se gosta e que saiba gostar de nós, coração para onde se nos vae a alma, e as idéas amorosas que volteiam como anjos, resplandecem como estrellas, e desabrocham como flôres...

O peior é, que esse retiro magico, que tão formoso Deus nos dá, jardim de delicias, paraizo inspirado — qual é de nós que o não perdeu?

Vamos! As flôres estão regadas. Fecha a janella...

INDICE

	Pag.
Os Montes	5
Nas praias	11
Depois da procissão	19
Tartufo	27
As manhãs do dispenseiro	37
A Estatua de Carne	41
O Anno Bom	51
A Africana	59
Herculano Machado	67
Quinta Feira Maior	75
No mar alto	83
Um esculptor	87
Os presentes de dia d'annos	95
Duas musicas	103
L'Amore	117
A manhã das espigas	127
Manhãs litterarias	135
O chá	171
A companhia da Pasquali	179
Salvini	189
Uma feira	195
Um velho a pedir esmola	203
A festa dos Prazeres	207
De noite á janella	215

PQ
9261
M25M3

Machado, Julio Cesar
Manhãs e noites

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 08 14 009 5